

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**A IMPERATRIZ TEODORA E ANTONINA: A ATUAÇÃO FEMININA
NO PODER IMPERIAL A PARTIR DAS OBRAS *HISTÓRIA SECRETA* E
HISTÓRIA DAS GUERRAS DE PROCÓPIO DE CESAREIA**

Aylla Maria Alves dos Santos

São Cristóvão
Sergipe – Brasil
2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S237i Santos, Aylla Maria Alves dos
A imperatriz Teodora e Antonina : a atuação feminina no poder imperial a partir das obras *História Secreta e História das Guerras* de Procópio de Cesareia / Aylla Maria Alves dos Santos; orientador Bruno Gonçalves Alvaro. – São Cristóvão, SE, 2024.
111 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. História. 2. Teodora. 3. Antonina. 4. Império Bizantino - História - Justiniano I, 527-565 - Mulheres. 5. Procopio. I. Alvaro, Bruno Gonçalves, orient. IV. Título.

CDU 94(37)"527-565"

AYLLA MARIA ALVES DOS SANTOS

**A IMPERATRIZ TEODORA E ANTONINA: A ATUAÇÃO FEMININA NO PODER
IMPERIAL A PARTIR DAS OBRAS *HISTÓRIA SECRETA* E *HISTÓRIA DAS
GUERRAS DE PROCÓPIO DE CESAREIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Mestre em História na Área de Concentração Cultura e Sociedade. Linha de Pesquisa: Relações Sociais e Poder.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Renato Viana Boy
Universidade Federal da Fronteira Sul

São Cristóvão
Sergipe – Brasil
2024

A verdade, vívida e monstruosa, era que, durante todo o tempo que havia esperado, a própria espera vinha a ser a parte que lhe cabia.

A Fera na Selva, Henry James

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter chegando até aqui. A minha mãe por tudo que me agraciou e a mim por ter persistido.

Agradeço aos *Macunaímas* por todos esses anos de amizade, principalmente a minha *Rachel* (Rayane), Dani e Gabiis. Lembrando que esse ano faz 10 anos do grupo. Amo vocês!

Agradeço a Vitória por todo apoio e por ter me socorrido sempre que precisava. Você é uma pessoa de luz!

Agradeço aos amigos que percorreram e percorrem essa trajetória acadêmica comigo: Alê, Vanessa, Alice, Nathália, Leandra, Will e Ingrid. Sempre serei grata pelos momentos que o Universo nos proporcionou. Meu carinho e admiração por vocês só aumenta!

Agradeço ao grupo de Pesquisa *Dominium* por ter me acolhido desde a graduação, especialmente a Thaís, Luísa, Livia e Rafael por todo incentivo.

Agradeço imensamente a minha banca de qualificação e defesa: Prof. Dr. Carlos Malaquias e Prof. Dr. Renato Viana Boy, por todos os pertinentes apontamentos feitos. Meu muito obrigada!

Agradeço a CAPES pela bolsa concedida durante dois anos de pesquisa. Devo muito a essa oportunidade.

Agradeço imensuravelmente ao meu orientador, Prof. Dr. Bruno Alvaro, por toda paciência e dedicação, e por ter me dado coragem para prosseguir. Espero que o senhor tenha dimensão da diferença que fez nas vidas de todos que já foram seus alunos e daqueles que tiveram/têm o privilégio de ser seu orientando. Muito obrigada!

RESUMO

A Imperatriz Teodora e Antonina: a atuação feminina no poder imperial a partir das obras *História Secreta* e *História das Guerras* de Procópio de Cesareia

Entre os escritos da Antiguidade Tardia a obra de Procópio de Cesareia se destaca por abordar as guerras travadas pelo imperador Justiniano (527-565) contra os Persas, os Ostrogodos e os Vândalos. Além das campanhas militares, sua obra conhecida como *História das Guerras*, composta por oito livros, aborda alguns dos momentos que marcaram o governo de Justiniano, como a Revolta de Nika e a Peste que assolou Constantinopla. Ele também escreveu *Sobre os Edifícios* e *História Secreta*, esta última, redigida no gênero retórico *inventio*, Procópio de Cesareia relata os bastidores das campanhas militares do general Belisário, que ele acompanhou enquanto assessor. Repleta de críticas, o livro exhibe o descontentamento do autor diante das atitudes de Justiniano e Belisário, que segundo ele, influenciados por suas respectivas esposas, a Imperatriz Teodora e Antonina, causaram a ruína romana. Neste sentido, considerando o destaque dessas mulheres na narrativa *procopiana*, e o envolvimento destas nos trâmites imperiais, pretendemos nesta pesquisa analisar a atuação da Imperatriz Teodora e Antonina no poder imperial a partir de *História Secreta* e *História das Guerras*, observando as dessemelhanças e similitudes que podem ser percebidas nessas obras.

Palavras-chave: *História Secreta*; *História das Guerras*; Procópio de Cesareia; Imperatriz Teodora; Antonina.

ABSTRACT

The Empress Theodora and Antonina: the female role in Imperial Power from the the works *Secret History* and *History of the Wars* of Procopius of Caesarea

Among the writings of Late Antiquity, the work of Procopius of Caesarea stands out for addressing the wars waged by Emperor Justinian (527-565) against the Persians, the Ostrogoths and the Vandals. In addition to the military campaigns, his work known as *History of the Wars*, composed of eight books, addresses some of the moments that marked Justinian's government, such as the Nika Revolt and the Plague that devastated Constantinople. He also wrote *Buildings* and *Secret History*, the latter, written in the rhetorical genre *inventio*, Procopius of Caesarea recounts the backstage of the military campaigns of general Belisarius, which he accompanied as an advisor. Full of criticism, the book shows the author's discontent with the attitudes of Justinian and Belisarius, who according to him, influenced by their respective wives, Empress Theodora and Antonina, caused the Roman ruin. In this sense, considering the emphasis on these women in the *procopian* narrative, and their involvement in the imperial procedures, we intend in this research to analyze the roles of Empress Theodora and Antonina in the Imperial Power from *Secret History* and *History of the Wars*, observing the dissimilarities and similarities that can be perceived in these works.

Keywords: *Secret History*; *History of the Wars*; Procopius of Caesarea; Empress Theodora; Antonina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 – PROCÓPIO DE CESAREIA E O CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO VI	15
1.1. Procópio de Cesareia e suas produções.....	15
1.1.1. Formação e os aspectos da narrativa do autor.....	15
1.1.2. História das Guerras	21
1.1.3. História Secreta	25
1.1.4. Sobre os Edifícios	28
1.2. O governo imperial e o feminino no século VI.....	30
1.2.1. Justiniano e suas ações imperiais.....	31
1.2.2. A mulher bizantina na Antiguidade Tardia.....	34
1.2.3. A atuação feminina no poder imperial.....	37
Capítulo 2 – A IMPERATRIZ TEODORA, ANTONINA E AS ARTICULAÇÕES NO PODER IMPERIAL	41
2.1. Um passado comum: a juventude de Teodora e Antonina.....	41
2.2. A Revolta de Nika e o discurso da Imperatriz Teodora.....	48
2.3. Atuação de Antonina nas campanhas militares: um estudo a partir de <i>História das Guerras</i> e <i>História Secreta</i>	56
2.3.1. A presença de Antonina na <i>Guerra Vândala</i> e na <i>Guerra Gótica</i> de Procópio de Cesareia.....	56
2.3.2. O caso de Antonina em <i>História Secreta</i> : os bastidores de <i>História das Guerras</i>	61
2.3.3. Troca de “favores sangrentos”: A Imperatriz intervém por Antonina	65
2.4. A atuação feminina no poder Imperial: a queda de João da Capadócia.....	69
Capítulo 3 – UMA IMPERATRIZ MONOFISISTA: A DEPOSIÇÃO DO PAPA SILVÉRIO	77
3.1. Tensões teológicas no século VI e os escritos de João de Éfeso.....	77
3.2. A Rainha Crente: a presença de Teodora na <i>Vida dos Santos Orientais</i> e as tentativas de aproximação entre os calcedônios e os monofisistas.....	80
3.3. O Cerco de Roma e a deposição do Papa Silvério: a possível interferência da Imperatriz Teodora e de Antonina.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95

REFERÊNCIAS99

ANEXOS i

INTRODUÇÃO

A era do Imperador Justiniano (527-565) e da Imperatriz Teodora (527-548) é uma das mais conhecidas da história bizantina. Reconhecido pela magnificência de suas obras, no âmbito arquitetônico se destaca pela reconstrução da Igreja Santa Sofia, embora diversos lugares remotos do Império partilharam dos planos construtores do casal imperial. Além disso, se empenharam nas reformas legais, no patrocínio aos escritos em gêneros históricos, poéticos e hinoográficos, e no diálogo teológicos. Contudo, também foi um período de repressão como ilustrado na Revolta de Nika, de avanço e retrocessos na recuperação do controle político-militar no Norte da África e na Península Itálica – muitos destes protagonizados pelo general Belisário ao lado de sua esposa Antonina –, da epidemia da peste que assolou a capital do Império¹ e das perseguições daqueles que, como a Imperatriz, rejeitavam o Concílio da Calcedônia².

A difusão e estudo do século VI no Ocidente teve lugar principalmente em decorrência das obras de Procópio de Cesareia. Segundo Signes Codoñer, nem todos os imperadores contaram com uma produção de fonte histórica que se equipara a de Procópio para o período de Justiniano, todavia, acrescenta que essa suposta vantagem para os estudiosos dessa época pode se desdobrar em desvantagem caso não se atenham as limitações que as obras apresentam para um amplo entendimento da importância histórica do governo de Justiniano³. Entretanto, salvo tais considerações, as obras de Procópio se destacam como as principais fontes sobre o casal imperial, Teodora e Justiniano, além de nos informar sobre Belisário e Antonina. Em *História das Guerras*, composta por oito livros, são detalhadas as campanhas militares travadas contra os Vândalos, os Ostrogodos e os Persas; enquanto *Sobre os Edifícios*, em formato de panegírico, aborda o labor construtor do casal imperial. *História Secreta* logo cativou os estudos ocidentais pelo teor da sua narrativa escrita no gênero retórico *inventio*, na obra os personagens são alvos de injúrias e difamações. Teodora e Antonina são descritas com depravação e acusadas como as responsáveis, *grosso modo*, pelos erros dos seus cônjuges.

¹ A antiga cidade de Bizâncio passou a ser a nova capital do Império Romano em 330, recebendo o nome do seu fundador, Constantinopla. Em alguns momentos iremos nos referir a Constantinopla como Bizâncio, uma vez que Procópio ao se referir a capital do Império opta por essa denominação.

² HARVEY, Susan A. Theodora the 'Believing Queen': A Study in Syriac Historiographical Tradition, *Hugoye: Journal of Syriac Studies*, v. 4, n. 2, p. 209-234, 2001. p. 210-211.

³ SIGNES CODOÑER, Juan. Introducción. In: PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. Introducción, traducción y notas de Juan Signes Codoñer. Madrid: Editorial Gredos, 2000. p. 79-80.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a atuação da Imperatriz Teodora e de Antonina no poder imperial a partir das obras *História Secreta* e *História das Guerras*, que por sua vez guardam certas similitudes e diferenças com relação à representações dessas mulheres, e que pretendemos analisar nessa dissertação. Para tanto, faz necessário estabelecer algumas ressalvas.

No ano de 1983 Judith Herrin publica um artigo⁴ fruto da sua participação no Seminário da Universidade de Londres de 1980 a convite de Averil Cameron. Em seu texto, a autora investigou formas de identificação e estudo sobre as mulheres bizantinas, propondo três caminhos para a reconhecimento de posições, atividades e autoridade exercidos por mulheres na sociedade bizantina. Inicialmente alerta para o fato que ao iniciar a busca deve-se levar em conta que a sociedade bizantina era uma entidade militar, política e cristã, governada por homens e para seus pares, negligenciando a atuação mulheres e assim ocupando um lugar secundário no registro histórico. Dessa forma, Herrin indica que a primeira abordagem seria a busca por fontes escritas por homens que apesar de transparecerem as convicções masculinas, por mencionar mulheres um olhar atento pode desvendar informações úteis sobre os padrões da vida delas. Uma segunda via seria por meio dos documentos legais, examinando formas pelas quais as mulheres exerceram seus direitos legais. O terceiro enfoque recorreria as instituições eclesiásticas e as relações estabelecidas entre estas e as mulheres. Contudo, a historiadora Carolyn L. Connor ressalta o avanço que ocorreu nas últimas décadas nos estudos das mulheres e de Gênero em Bizâncio, que permitiram novas formas de abordar documentos já conhecidos, como também o desenvolvimento de novas metodologias com o uso da cultura material, evidências históricas arqueológicas e artísticas, como mosaicos, afrescos, artefatos, objetos esculpidos e esmaltados, entre outros⁵. Neste sentido, os trabalhos mais recentes tendem a credibilizar as fontes textuais, mas observam a necessidade da ênfase na análise da cultura material de determinado período para melhor compreensão das prioridades e preocupações dessas mulheres.

Mas se a historiografia bizantina nas últimas décadas tende a dar prioridade para as fontes da cultura material, ainda seria necessária uma pesquisa centrada apenas em textos escritos por um historiador, na qual se percebe claramente o descontentamento deste com o papel e a influência que as mulheres exerceram sobre seus maridos? Certamente, esse seria um

⁴ *In Search of Byzantine Women: Three Avenues of Approach*.

⁵ HERRIN, Judith. *Unrivalled influence: Women and Empire in Byzantium*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2013. p. 12; CONNOR, Carolyn L. *Women of Byzantium*. Yale: Yale University Press, 2004. p.133-134.

dos motivos. Os estudos de gênero em Bizâncio remontam aos anos 90, e seu uso é essencial como aporte teórico nesta pesquisa por lidarmos com um autor que explicitamente demonstra seu descontentamento com as personagens femininas por extrapolarem as normativas estabelecidas para elas enquanto mulheres da corte. A teoria de Gênero proposta por Joan Scott apresenta a ideia que as construções sociais das diferenças percebidas entre os sexos possam ser entendidas como uma categoria analítica das mudanças sociais⁶. Dessa forma, esse aporte teórico permite mais do que uma descrição do feminino em determinado contexto social, e sim, uma explicação das diferenças sexuais e suas relações de poder. Desse modo, percebemos como a perspectiva de Gênero se mostra fundamental para a análise dos documentos *Historia Secreta* e *Historia das Guerras*, compreendendo como essas relações percorrem no discurso de Procópio de Cesareia ao relatar seus personagens. E de qual modo incide na caracterização de Teodora e Antonina nessas obras. Pensando Gênero a historiadora Carla Pinsky acrescenta:

Assim, os significados de “ser homem”, “ser mulher” ou de identidades e papéis [relacionados de algum modo a concepções que fazem referência a sexo] como “mãe”, “boa esposa”, “moça de família”, “chefe da casa” são entendidos, na perspectiva de gênero, como situações produzidas, reproduzidas e/ou transformadas ao longo do tempo⁷.

Percebemos que os estudos das obras de Procópio ainda têm muito a agregar com relação a atuação da Imperatriz Teodora no poder imperial, assim como de Antonina que muitas vezes atuou como sua aliada e em outras por seus próprios interesses. Segundo Lauren Ann Wainwright, nas últimas quatro décadas o estudo sobre as imperatrizes bizantinas ganharam uma nova vida, muito diferente da apresentada por Charles Diehl no início do século XX em que as distanciavam da vida política, contribuições como de Lynda Garland (1999), Alice-Mary Talbot (1998), Liz James (2001), Judith Herrin (2001), Anne McClanan (2002), Carolyn L. Connor (2004) têm possibilitado uma maior compreensão do poder das imperatrizes⁸. Sendo assim, seguindo os preceitos de Liz James sobre autoridade imperial feminina, no qual o cargo da imperatriz implica em seus próprios deveres e funções, com a capacidade de influenciar, agir e participar de eventos⁹, pretendemos analisar a atuação de poder da Imperatriz Teodora, e de

⁶ SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: SCOTT, Joan Wallach. *Gender and Politics of History*. New York: Columbia University Press, 1999. p. 28-50. [Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila]

⁷ PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. *Revista Estudos Feministas*, Santa Catarina, v. 17, n. 1, p. 159-189, abr. 2009. p. 163.

⁸ WAINWRIGHT, Lauren Ann. *Portraits of Power: The Representations of Imperial Women in the Byzantine Empire*. Birmingham: University of Birmingham, 2018. p. 13-24.

⁹ JAMES, Liz. Goddess, Whore, Wife or Slave? Will the Real Byzantine Empress Please Stand Up? In: DUGGAN, Anne (Ed.). *Queens and Queenship in Medieval Europe: Proceedings of a Conference Held at King's College London, April 1995*. Woodbridge: The Boydell Press, 1997.

certa forma de Antonina, que mais se sobressai nas obras de Procópio de Cesareia que utilizaremos nessa pesquisa.

Para o campo metodológico utilizaremos a História Comparada seguindo os pressupostos teóricos de Jürgen Kocka estabelecido em seu artigo *Comparison and beyond*, de 2003. No qual o autor assinala que:

Certamente, o ato de comparação pressupõe a separação analítica dos casos a serem comparados. Mas, isto não significa ignorar ou negligenciar as inter-relações entre estes casos (se e na extensão de que estas existam). Ao invés disto, tais inter-relações devem se tornar parte do esquema comparativo através de sua análise como fatores que levaram a similaridades ou diferenças, convergência ou divergência entre os casos que se compara¹⁰.

Ele ressalta também que tais objetos comparados podem provir da mesma sociedade e contexto histórico, podendo assim observar as possíveis similitudes e diferenças destas. Assim, através desse método pretendemos investigar as convergências e divergências na narrativa de Procópio em *História Secreta* e *História das Guerras* referente a Imperatriz Teodora e Antonina demonstrando como recorreram a diversos meios para defesa de suas crenças e ambições.

Para a realização desse trabalho optamos pela tradução em castelhano de *História Secreta*, introduzida e comentada por Juan Signes Codoñer, que por sua vez parte da edição de Haralambie Mihăescu; enquanto para *História das Guerras* partimos de duas edições: a edição crítica da Loeb Classical Library, para os livros *Guerra Persa* e *Guerra Vândala* com a tradução inglesa de H. B. Dewing, e para *Guerra Gótica* usamos a edição em castelhano de José Antonio Flores Rubio e Francisco Antonio García Romero seguindo a edição de Haury-Wirth. Além disso, de forma secundária, utilizamos a *Crônica* de João Malalas, *Vidas dos Santos Orientais* de João de Éfeso, a *Crônica* de Zacarias de Mitilene e o *Livro dos Pontífices* de autoria desconhecida.

A estrutura desta dissertação

Com o objetivo de compreender a atuação imperial da Imperatriz Teodora e Antonina a partir de *História Secreta* e *História das Guerras* de Procópio de Cesareia e analisar as dessemelhanças e similitudes que podem ser percebidas nessas obras, optamos por dividir essa dissertação em três capítulos. No primeiro, vamos apresentar como o contexto, a formação e a experiência de Procópio instigaram a narrativa das obras acima citadas e conseqüentemente

¹⁰ KOCKA, Jürgen. Comparison and Beyond. *History and Theory*, Middletown, n. 42, p. 39-44, 2003. p. 44. [tradução de Maria Elisa Bustamante]

moldaram a descrição da Teodora e Antonina em seus escritos, como também apresentamos resumidamente o governo do Imperador Justiniano, consorte da Imperatriz Teodora, o feminino na Antiguidade Tardia e a concepção do poder imperial feminino a fim de podermos entender o âmbito de atuação das nossas protagonistas.

No segundo capítulo, vamos discutir a atuação do poder imperial da Imperatriz Teodora e Antonina, para tanto, iniciamos abordando a origem e a ascensão social de ambas e suas caracterizações feitas em *História Secreta*. Por conseguinte, examinaremos a atuação da Imperatriz na Sedição de Nika, a participação de Antonina nas campanhas militares e os encontros e desencontros que são perceptíveis nos livros de Procópio, além da atuação conjunta de Teodora e Antonina na queda do Prefeito do Pretório João da Capadócia.

Por fim, no terceiro capítulo vamos examinar o possível envolvimento da Imperatriz Teodora e Antonina na deposição do Papa Silvério, destacando o amparo dado aos dissidentes pela Imperatriz expostos na *Vida dos Santos Orientais* de João de Éfeso, além de discutir qual teria sido o papel de ambas na deposição do Pontífice.

CAPÍTULO 1

PROCÓPIO DE CESAREIA E O CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO VI

Procópio de Cesareia é considerado um dos mais notáveis historiadores do mundo antigo e talvez o maior entre os historiadores bizantinos. Para um entendimento do século VI, e mais precisamente do reinado de Justiniano, devemos recorrer à produção *procopiana*¹. Nesse sentido, antes de nos atermos à atuação da Imperatriz Teodora e de Antonina, precisamos compreender como o contexto, a formação e a experiência de Procópio moldaram sua perspectiva sobre suas obras *História Secreta* e *História das Guerras*, as principais fontes desta pesquisa, e assim poderemos ter mais clareza das similitudes e diferenças que podem ser observadas nesses livros, principalmente no que diz respeito à descrição de Teodora e de Antonina. Além disso, alguns apontamentos sobre o governo de Justiniano, o feminino na Antiguidade Tardia e a concepção do poder imperial feminino se fazem necessários para entendermos o âmbito de atuação das protagonistas, como também sua repercussão nos escritos de Procópio.

1.1. Procópio de Cesareia e suas produções

Nesse primeiro momento, trataremos dos aspectos que permeiam a formação e a narrativa *procopiana*, destacando suas influências e seu percurso enquanto assessor do general Belisário. A seguir, de maneira sucinta, abordaremos sobre as obras de Procópio ressaltando suas principais características e esclarecendo de qual forma faremos uso dos seus escritos para podermos analisar a atuação imperial de Teodora e Antonina nos capítulos seguintes.

1.1.1 Formação e os aspectos da narrativa do autor

As informações que temos sobre a vida e a carreira de Procópio de Cesareia procedem de suas próprias obras, *História das Guerras*, *História Secreta* e *Sobre os Edifícios*. Desse modo, Procópio relata em seus escritos ser proveniente de Cesareia Palestina², cidade religiosamente mista que contava com cristãos, pagãos, judeus e samaritanos, conhecida por

¹ CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. London: Duckworth, 1996. p. IX; WHITBY, Michael. The greatness of Procopius. In: LILLINGTON-MARTIN, Christopher; TURQUOIS, Elodie (Eds.). *Procopius of Caesarea: Literary and Historical Interpretations*. London/New York: Routledge, 2018. p. 26.

² Em *História Secreta* (XI, 25), Procópio, ao mencionar sobre as leis promulgadas por Justiniano contra os samaritanos e a falsa conversão optada por estes para evitar a perseguição, refere-se a Cesareia como sua cidade natal.

sua importante biblioteca, formada no século III pelo erudito Orígenes de Alexandria e organizada pelo seu discípulo Pânfilo de Beirute, mentor de Eusébio de Cesareia³. Nesse período, a cidade atingiu seu auge intelectual com a presença de personalidades como o teólogo Gregório de Nazianzo, sendo referência intelectual para autores pagãos como Libânio. Ainda no século VI, a cidade se manteve como centro educacional, o que certamente introduziu Procópio na vasta tradição intelectual ali transmitida⁴

As referências acerca de sua família e sua educação são muito escassas; segundo Warren Treadgold, a partir dos seus escritos se observam uma conexão e empatia com a aristocracia, o que sugere que ele seja proveniente de uma das famílias mais ricas de Cesareia. Sobre isso, Cameron acrescenta que o pensamento político expresso por Procópio em *História Secreta* ao se referir aos altos impostos e às demandas cobradas aos mais ricos presume sua filiação a essa camada social⁵. Para o historiador F. Dahn, algo que nos indica a linhagem abastada de Procópio seria a sua hostilização aos *homines novi*⁶, tal como o Imperador Justiniano⁷. Devemos recordar que a Imperatriz Teodora, o general Belisário e sua consorte Antonina também não descendem de famílias abastadas, o que certamente contribui para essa alegação, pois, da mesma maneira que Justiniano, sofreram diversas críticas de Procópio, principalmente em *História Secreta*.

Decerto a sua posição social permitiu uma profunda educação para o padrão da época, pautada nos modelos clássicos e no estudo da retórica. Para James Evans, que por muito tempo relacionava a educação de Procópio à cidade de Gaza – próxima a Cesareia e famosa pela sua educação clássica –, com os estudos de Anthony Kaldellis ao abranger a influência neoplatônica na narrativa de Procópio, não descarta um possível estudo em Alexandria ou na escola neoplatônica em Atenas⁸. De qualquer forma, independentemente da escola que frequentou, aprendeu um pouco de latim, necessário para a sua formação em Direito, visto que a escolha

³ Um dos principais historiadores da Igreja que exerceu o bispado na cidade na primeira metade do século IV, no reinado de Constantino.

⁴ SIGNES CODOÑER, Juan. Introducción. In: PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. Introducción, traducción y notas de Juan Signes Codoñer. Madrid: Editorial Gredos, 2000. p. 7-8; CAMERON, *op. cit.*, p. 4.

⁵ TREADGOLD, Warren. *The Early Byzantine Historians*. London: Palgrave Macmillan, 2007. p. 176; BOY, Renato Viana. *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica*: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. p. 45.

⁶ Termo romano utilizado para denominar o primeiro da linhagem familiar a ascender na vida pública, ou seja, no senado.

⁷ DAHN *apud* SIGNES CODOÑER, *op. cit.*, p. 10.

⁸ Fechada em 529 por Justiniano com o interesse de acabar com o paganismo e estabelecer uma única doutrina cristã para todo o Império.

pela carreira jurídica era comum às famílias aristocráticas que ocupavam postos elevados dentro do Império⁹.

No século VI predominava uma escrita Universal, pautada na teologia cristã¹⁰; nessa história eclesiástica, “o Salvador é visto liderando ativamente a humanidade rumo a um futuro previsto, a vitória comparece àqueles que seguem o caminho do senhor”¹¹. Todavia, se distanciando desses autores, Procópio optou por uma escrita classicizante comum ao seu grupo social, abordando os eventos militares e políticos de seu período e dos quais em sua maioria participou presencialmente. Segundo Cameron, sua imitação dos clássicos se apresenta em diferentes níveis: no linguístico, no uso de um grego muito distante da fala cotidiana do século VI, na inclusão de eventos específicos das obras clássicas¹², como também na presença de eventos militares, nas “digressões”, no foco em personalidades e nas investigações de “causas”¹³. Suas referências mais nítidas em *História das Guerras* são Tucídides e Heródoto, o primeiro na datação, nos discursos e nas cenas de batalhas, e o segundo na salvaguarda da memória dos grandes feitos, de forma que “cabe ao passado iluminar o futuro, oferecendo exemplos e contraexemplos de ação e de conduta que devem ser imitados ou refutados pelos homens do presente”¹⁴, algo que pode ser logo observado no próêmio de *História das Guerras*:

⁹ EVANS, James Allan. *The Power Game in Byzantium: Antonina and the Empress Theodora*. London/New York: Continuum, 2011. p. 211-212; GREATEX *apud* MAMEDES, Kelly Cristina da Costa Bezerra de Menezes. *Guerras Secretas: Conflitos e Negociações na Corte do Imperador Justiniano*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Geografia, História e Documentação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018. p. 3.

¹⁰ Entre os historiadores eclesiásticos, temos Evágrio Escolástico, que, no final do século VI, escreveu sua *História Eclesiástica*, cobrindo os anos de 431 a 594. Há, também, João de Éfeso, monge monofisista que, após as perseguições no Oeste, se refugia no Palácio Hormisda sob a proteção da Imperatriz Teodora – momento em que se tornam amigos; a partir das suas narrativas temos uma visão diferente da proposta por Procópio para Teodora, a descrevendo como uma “rainha crente” generosa e defensora dos monofisistas. Suas obras, escritas em siríaco, língua do Oriente cristão, são *História Eclesiástica*, da qual apenas as duas últimas partes sobreviveram, e *Vidas dos Santos Orientais*. Além disso, havia as crônicas, que eram histórias populares, a mais notável da época de Justiniano foi *Crônicas de João Malalas* – sua crônica com elementos das Escrituras e temporais, ia desde Adão até a era de Justiniano. Seus relatos também diferem em alguns momentos dos de Procópio tanto em relação ao seu favorito nos primeiros livros de *História das Guerras*, o general Belisário, como o seu relato da Imperatriz em *História Secreta*, a descrevendo como a piedosa e devota Teodora. EVANS, James Allan. *The Emperor Justinian and the Byzantine Empire*. Wesport/London: Greenwood Press, 2005. p. 62-63; SOUSA, Stephanie Martins de. *Guerra e Autoridade em Procópio de Cesareia: um estudo comparado dos líderes político-militares na História das Guerras*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017. p. 22-23.

¹¹ *Ibid.*, p. 61-62. “the Savior is seen as actively leading mankind toward a foreseen future, and victory attends those who follow the Lord’s path.” (tradução nossa)

¹² Em sua dissertação, a professora Dr^a. Lyvia Baptista analisou a reapropriação do modelo tucidideano da peste de Atenas por Procópio na sua narrativa da peste que assolou os bizantinos, na obra *História das Guerras (Guerra Persa II)*. Cf. BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. *Procópio e a apropriação do modelo tucidideano: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

¹³ CAMERON, *op. cit.*, p. 6; 35.

¹⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 188.

Procópio de Cesareia escreveu a história das guerras que Justiniano, imperador dos romanos, travou contra os bárbaros do Oriente e do Ocidente, relatando separadamente os acontecimentos de cada um, a fim de que o longo curso do tempo não pudesse apagar atos [feitos] de importância singular por falta de registro, e assim abandoná-los ao esquecimento e obliterá-los completamente. A memória desses eventos, ele considerou, seria uma grande coisa e muito útil para os homens do presente, e também para as gerações futuras, caso o tempo voltasse a colocar os homens sob tensão semelhante¹⁵.

Segundo Michael Whitby, a produção que valida Procópio de Cesareia como um grande historiador é a obra *História das Guerras*, dado que *Sobre os Edifícios* se trata de um panegírico ao imperador e *História Secreta* se enquadra no gênero retórico *inventio*¹⁶. Em sua narrativa histórica, seguindo os moldes da Antiguidade Clássica, prezava pela imparcialidade e pela verdade ao relatar os acontecimentos; desse modo, para Warren Treadgold, Procópio, como a grande maioria dos historiadores bizantinos, concebia a verdade não apenas como a descrição correta dos eventos, mas como um relato que perpassa um parecer justo a partir de sua percepção¹⁷, de modo que

Ele estava convencido de que, enquanto a inteligência seja apropriada à retórica e a inventividade à poesia, somente a verdade é apropriada à história. De acordo com este princípio, ele não escondeu os fracassos nem mesmo dos seus conhecidos mais íntimos, mas escreveu com total exatidão tudo o que aconteceu aos envolvidos, quer tenha sido bem ou mal feito por eles.¹⁸

Não obstante, algumas informações contidas em suas obras, ao serem comparadas com fontes contemporâneas, transparecem certas imprecisões movidas pelo favoritismo de alguns personagens, como exemplo os historiadores Cameron e Evans comentam sobre o relato da batalha de Calínico, ocorrida na *Guerra Persa*, no qual Procópio destaca heroicamente o general Belisário descendo do seu cavalo e ajudando a infantaria, enquanto Malalas com bem menos heroísmo descreve como Belisário recua no momento crítico da batalha¹⁹, como também

¹⁵ As traduções das fontes estão sendo feitas a partir de versões traduzidas do grego, o que não compromete os resultados da análise. PROCOPIUS. *History of the Wars: Book I and II. The Persian War*. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press, 2006. (Loeb Classical Library 48). I, I, 1. “Procopius of Caesarea has written the history of the wars which Justinian, Emperor of the Romans, waged against the barbarians of the East and of the West, relating separately the events of each one, to the end that the long course of time may not overwhelm deeds of singular importance through lack of a record, and thus abandon them to oblivion and utterly obliterate them. The memory of these events he deemed would be a great thing and most helpful to men of the present time, and to future generations as well, in case time should ever again place men under a similar stress.” (tradução nossa)

¹⁶ WHITBY, *op. cit.*, p. 33.

¹⁷ TREADGOLD, *op. cit.*, p. 213; BOY, *op. cit.*, p. 65.

¹⁸ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, I, 4-5. “It was his conviction that while cleverness is appropriate to rhetoric, and inventiveness to poetry, truth alone is appropriate to history. In accordance with this principle he has not concealed the failures of even his most intimate acquaintances, but has written down with complete accuracy everything which befell those concerned, whether it happened to be done well or ill by them.” (tradução nossa)

¹⁹ Com a derrota nessa batalha, o general é convocado para retornar a Constantinopla, e, segundo Evans, sua carreira não sofreu nenhum dano devido à relação entre sua esposa, Antonina, e a Imperatriz Teodora. Entretanto,

algumas imprecisões quanto as digressões etnográficas são mencionadas, a exemplo das suas descrições a respeito da história dos Vândalos e dos Godos²⁰. No entanto, Whitby ressalta que “nenhum dos grandes historiadores reconhecidos da antiguidade estavam livres de algum viés e erro, de modo que tais manchas em Procópio não constituem uma desqualificação”²¹, podemos ainda nos questionar qual autor realmente estaria livre de alguma perspectiva.

Para além da inspiração dos escritores antigos, os diferentes grupos religiosos da cidade de Cesareia influenciaram na sua formação. Por mais que o estilo classicista o obrigue a se distanciar dos eventos que relata – o que nos leva a ter poucas referências sobre o autor nas suas obras – e o impeça de fazer menções sobre dogmas e a história da Igreja, percebe-se que, mesmo superficialmente, suas obras apresentam aspectos cristãos característicos do contexto do século VI. O uso recorrente da terminologia pagã *tykhē* (fortuna) empregada pelos autores clássicos para se referir a sorte, destino, providência, casualidade na narrativa de Procópio se converte em um termo para aludir desde a casualidades históricas até as ações divinas²². Assim, os historiadores tendem a reconhecer a presença dos dois elementos na sua formação; Signes Codoñer, seguindo a predileção de Cameron, pontua que

é, pois, um cristão por sua fé, mas um pagão por sua cultura, uma situação que pode parecer contraditória, mas que era perfeitamente presumível em um mundo greco-romano depois dos esforços realizados pelos intelectuais cristãos durante o século IV para incorporar a herança clássica²³.

Assim sendo, por mais que Procópio seguisse os clássicos e se distanciasse da escrita eclesiástica, como usado pelos seus contemporâneos, ainda é um produto do reinado de Justiniano, percorrendo preceitos tradicionais e conservadores, como também aspectos contemporâneos²⁴.

Em 527, Procópio de Cesareia assumiu o posto de “*sýmboulos*” conselheiro jurídico do “*magister militum*” general Belisário, naquele momento duque da Mesopotâmia e comandante da fortaleza de Dara na fronteira Oriental; sua função enquanto consultor particular do general era lidar com autoridades locais e firmar acordos com os inimigos durante as campanhas

foi graças a esse ocorrido que esteve presente na Revolta de Nika, e ajudou na repressão da sedição. EVANS, *op. cit.*, 2011, p. 69-70.

²⁰ CAMERON, *op. cit.*, p. 148.

²¹ WHITBY, *op. cit.*, p. 35. “None of the acknowledged great historians of antiquity was free from some bias and error, so that such blemishes in Procopius do not constitute a disqualification.” (tradução nossa)

²² SOUSA, *op. cit.*, p. 20; CAMERON, *op. cit.*, p. 113; SIGNES CODOÑER, *op. cit.*, p. 20-22.

²³ SIGNES CODOÑER, *op. cit.*, p. 27-28. “Es pues un cristiano por su fe, pero un pagano por su cultura, una situación que puede parecer contradictoria pero que era perfectamente asumible en el mundo grecorromano después de los esfuerzos realizados por los intelectuales cristianos durante el siglo IV para incorporar la herencia clásica.” (tradução nossa)

²⁴ CAMERON, *op. cit.*, p. 45.

militares²⁵. Procópio permaneceu a serviço de Belisário após sua promoção a Mestre dos Soldados no Oriente, em 529, e entre as suas funções cuidava da correspondência e até da preparação de alguns discursos para as tropas antes das batalhas. Dessa maneira, passou anos no Oriente ao lado de Belisário como assessor, além de registrar os eventos que sucederam nas campanhas contra os persas a pedido do imperador, ação que foi interrompida quando ambos retornaram à capital do Império. Em *História das Guerras*, Procópio, ao relatar sobre a Revolta de Nika²⁶, que ocorreu no período em que esteve em Constantinopla, ressalta o papel decisivo da imperatriz nessa ocasião²⁷, e no ano seguinte, em 533, ele partiu para a campanha contra o Reino Vândalo no noroeste africano a mando de Belisário²⁸.

Provavelmente em 534, Procópio retornou a Constantinopla para a celebração do triunfo de Belisário após a vitória contra os Vândalos; no ano de 535, aparentemente acompanhou o general à Sicília, e em 536 esteve em Cartago com o comandante Salomão quando aconteceu um motim entre os soldados da Líbia, além de no mesmo ano seguir Belisário durante a primeira fase da *Guerra Gótica* (536-540) e continuar a registrar as campanhas militares. Nesse período, entre as missões foi designado à Nápolis em busca de suprimentos e reforços; pouco tempo depois o general envia sua esposa, e, segundo Signes Codoñer, o assessor teve a oportunidade de conhecer melhor Antonina, que o ajudou nos preparativos para a frota a fim de reabastecer Roma²⁹. Além desses eventos, Procópio testemunhou o cerco de Roma e a queda de Ravena em 540. Presumivelmente, com a convocação de Belisário para a fronteira Oriental em 541, retorna novamente para a capital, considerando o relato sobre a sua presença na cidade no momento da praga da peste em 542³⁰:

E ele mesmo [Procópio] mais uma vez nos informa que esteve em Bizâncio durante a célebre e devastadora epidemia da peste que assolou a então capital do Império Romano em 542. Nessa estadia, que pôde ter durado até 545, compôs seguramente a maior parte de sua *História das Guerras*³¹.

²⁵ SIGNES CODOÑER, *op. cit.*, p. 10.

²⁶ Revolta popular iniciada por divergências entre as facções dos Verdes e Azuis que ganhou apoio dos que pretendiam derrubar Justiniano, entre outros motivos pelo aumento dos impostos, e que foi duramente reprimida. PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXIV. Analisaremos a atuação de Teodora na Revolta de Nika no segundo capítulo.

²⁷ Segundo Warren Treadgold, provavelmente Procópio estava no conselho de emergência que Justiniano convocou numa tentativa de conter a revolta quando Teodora proferiu seu discurso, embora não seja um consenso entre os historiadores sobre esse episódio, que outros alegam ser proveniente de uma testemunha ocular.

²⁸ TREADGOLD, *op. cit.*, p. 179-180; SIGNES CODOÑER, *op. cit.*, p. 12.

²⁹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 4, 6-20. A atuação de Antonina nas campanhas militares será analisada no próximo capítulo.

³⁰ TREADGOLD, *op. cit.*, p. 181-183; SIGNES CODOÑER, *op. cit.*, p. 14.

³¹ GARCÍA ROMERO, Francisco Antonio. Introducción. In: PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras: Libros I-II, Guerra Persa*. Introducción, traducción y notas de Francisco Antonio García Romero. Madrid: Editorial Gredos, 2000. p. 10. “Y él mismo vuelve a informarnos de que se hallaba en Bizancio durante la célebre y devastadora epidemia de peste que asoló la entonces capital del Imperio Romano en el 542. En esa estadia, que pudo durar hasta el 545, compuso seguramente la mayor parte de su *Historia de las guerras*.” (tradução nossa)

Segundo Renato Boy, a ausência do historiador ao longo da década de 540 na Península Itálica o fez recorrer para a composição da narrativa da segunda fase da campanha à Itália (545-548) a informações providas de terceiros que não são explicitamente referidas ao longo da obra³². Anthony Kaldellis ressalta que não há evidências de que Procópio serviu novamente a Belisário, especialmente após a queda do general em desgraça – vinculada diretamente às ações de Teodora segundo o próprio Procópio em *História Secreta*³³ –, contribuindo assim para a incerteza sobre o seu paradeiro nas décadas seguintes³⁴.

1.1.2 História das Guerras

No momento da ascensão de Justiniano ao poder imperial, em 527, quatro grandes reinos exerciam poder na fronteira Ocidental, a saber, os Ostrogodos na Itália, os Visigodos na Espanha, os Francos na Gália e os Vândalos no norte da África³⁵, além do Império Sassânida na fronteira Oriental. Nessa conjuntura, Justiniano promoveu seu empreendimento militar sobre esses povos, destacando-se na História Bizantina, entre outros motivos, pelo relato detalhado de Procópio de Cesareia em sua obra *História das Guerras*, encomendada pelo próprio imperador.

Contradizendo uma historiografia mais tradicional, que observa as guerras travadas no Ocidente como “Reconquista” dos territórios outrora pertencentes ao Império Romano perdidos com a queda de Roma em 476, o historiador Renato Boy aponta nesse momento não uma ruptura definitiva com o restante do Império, mas uma “reorganização ou reestruturação das relações de poder político”³⁶. Nesse sentido, os empreendimentos militares promovidos por Justiniano no Ocidente seriam uma forma de rearranjo das relações de poder político persistentes entre a capital do Império e suas demais instâncias³⁷. Além disso, a reafirmação da autoridade sobre esses territórios permitiria a unidade da doutrina Calcedônia e o combate à

³² BOY, *op. cit.*, p. 35.

³³ Cf. PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. Introducción, traducción y notas de Juan Signes Codoñer. Madrid: Editorial Gredos, 2000. IV, 1-37.

³⁴ KALDELLIS, Anthony. Introduction. In: PROKOPIOS. *The Wars of Justinian*. Translated by H. B. Dewing, revised and modernized, with an introduction and notes, by Anthony Kaldellis. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 2014. p. VIII-IX.

³⁵ MAAS, Michael. Roman Questions, Byzantine Answers contours of the age of Justinian. In: MAAS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 10.

³⁶ BOY, *op. cit.*, p. 136.

³⁷ *Ibid.*

heresia ariana³⁸ seguida pelos reinos visigóticos, vândalos e ostrogodos, cabendo salientar que no Ocidente apenas os francos não seguiam a heresia³⁹.

História das Guerras aborda as principais campanhas militares do reino de Justiniano, sendo também o trabalho mais conhecido de Procópio de Cesareia, e, como dito, a pedido do imperador narrou os acontecimentos de que participou em sua maior parte pessoalmente, possuindo como foco as questões militares, políticas, diplomáticas e as relações pessoais entre o imperador e seus generais e oficiais⁴⁰. Sua obra divide-se em oito livros: presumivelmente os sete primeiros foram concluídos entre os anos 550-551 em Constantinopla e, posteriormente, cerca de 554, anexa o oitavo livro, integrando informações suplementares ao conteúdo já abordado⁴¹. Os sete primeiros livros são agrupados pelos cenários militares e períodos das campanhas, enquanto o último obedeceu a um padrão cronológico, possivelmente em decorrência da circulação dos seus demais livros pelo Império e de a adição por evento não ser mais viável⁴².

Os livros I e II fornecem os acontecimentos das campanhas militares travadas no Oriente, a *Guerra Persa*, que difere dos empreendimentos do Ocidente, ao evidenciar a “continuação de um estado permanente de hostilidades entre duas grandes potências”⁴³. Procópio narra a relação periclitante entre Pérsia e Constantinopla⁴⁴ na luta pelos territórios limítrofes mais ricos, como também a busca pelo domínio dos povos cristãos como os Ibérios asiáticos e os da Lázica, na região entre o Mar Negro e o Cáucaso, em razão da localização estratégica e comercial desses povos.

O primeiro livro contempla os acontecimentos entre 527 e 532, ano que firma a “Paz sem fim”⁴⁵, e termina com o relato da sedição de Nika e as maquinações de Teodora e de Antonina contra João da Capadócia. O segundo livro é referente à campanha militar dos anos

³⁸ O primeiro Concílio ecumênico (*oecumene*), ocorrido em Nicéia no ano de 325, reunia representantes de todas as igrejas a fim de negociar, entre outras ocorrências, as teses de Ário, presbítero alexandrino que subordinava Jesus perante a Deus negando a consubstancialidade (*homousios*), o Filho da mesma substância que o Pai. Ário foi expulso da comunidade eclesiástica e sua crença foi considerada uma heresia. JEDIN, Hubert. *Concilia Ecumênicos: história e doutrina*. Tradução de Nicolas Bóer. São Paulo: Editora Herder, 1961. p. 13-15.

³⁹ MAAS, *op. cit.*, p. 11; EVANS, *op. cit.*, 2011, p. 19.

⁴⁰ CAMERON, *op. cit.*, p. 150.

⁴¹ KALDELLIS, *op. cit.*, IX-X.

⁴² BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. *O logos da Guerra Pérsica: Uma análise da perspectiva histórica da obra de Procópio de Cesareia (VI.D.C)*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. p. 24.

⁴³ CAMERON, *op. cit.*, p. 157. “continuation of a permanent state of hostilities between two great powers” (tradução nossa)

⁴⁴ A relação conflituosa entre as duas potências, Bizâncio e Pérsia, advém da herança da Roma antiga e prossegue até a Dinastia Heracliana (610-717), e, após o declínio do poderio Sassânida, o Islã passa a ser o antagonista de Bizâncio. VALERO GARRIDO *apud* GARCÍA ROMERO, *op. cit.*, p. 14.

⁴⁵ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXII, 17. “endless peace” (tradução nossa)

de 540 a 549. Narra o desenrolar da quebra do tratado da “Paz sem fim” e as invasões realizadas um ao outro dos territórios inimigos. Procópio também relata a epidemia da peste em Bizâncio em 542, por fim aborda a trégua de cinco anos, o momento da morte da Imperatriz Teodora e o retorno de João da Capadócia a Constantinopla⁴⁶. Ademais, o livro contém diversas digressões com temporalidades distintas, que muitas vezes nos ajudam a entender a conjuntura que está sendo apresentada. Para a nossa pesquisa, *Guerra Persa* se destaca como o principal livro de *História das Guerras*, uma vez que contempla as principais atuações imperiais realizadas por Teodora e Antonina, a participação da imperatriz na sedição e a atuação conjunta de ambas na queda de João da Capadócia, que iremos abordar no segundo capítulo desta dissertação.

Já *Guerra Vândala* aborda as campanhas militares contra os Vândalos e os Mouros no norte da África, que ocorreram entre 533 e 548, referentes ao terceiro e quarto livros. No primeiro momento, trata das causalidades e dos antecedentes históricos que levaram o imperador a preparar uma expedição contra esses povos. Assim, são apresentados os prós e os contras para a realização do empreendimento; João da Capadócia e um bispo da zona Oriental representam posturas contrárias, mas, em decorrência do sonho do bispo – que apontava a presença de Deus como aliado no combate contra os hereges –, o imperador decide prosseguir com a campanha, dessa forma a presença da religião nesses livros ressalta o empenho de Justiniano no combate ao arianismo difundido entre os Vândalos. No segundo momento, parte central da obra, abordam-se desde o final de 533 até a primavera de 534 o desembarque das tropas imperiais na costa africana, a vitória de Belisário na Batalha de Tricamaro, a fuga e redenção do Rei Gelimer (530-534) e o triunfo de Belisário em Constantinopla, que dispôs de um desfile da sua casa ao hipódromo com o motim dos Vândalos, prisioneiros de guerra e o seu rei⁴⁷. No último momento, descreve em detalhes os desdobramentos dos conflitos entre os bizantinos e as rivalidades dos berberes⁴⁸. Em *Guerra Vândala*, Procópio nos apresenta um relato positivo de Antonina ao ajudar na manutenção dos suprimentos de uma embarcação, além disso, sua presença é recorrente ao lado de Belisário nas campanhas, algo que difere consideravelmente das suas ações que são ressaltadas em *História Secreta*, como veremos mais adiante.

Os livros V, VI, VII e boa parte do VIII referem-se aos acontecimentos da *Guerra Gótica* entre 535 a 550. Inicia a narrativa com o contexto histórico geral do domínio dos

⁴⁶ GARCÍA ROMERO, *op. cit.*, p. 14-16.

⁴⁷ PROCOPIUS. *The Vandalic War*. IV, 9, 1-4.

⁴⁸ FLORES RUBIO, José Antonio. Introducción. In: PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras: Libros III-IV, Guerra Vândala*. Introducción, traducción y notas de José Antonio Flores Rubio. Madrid: Editorial Gredos, 2006. p. 7-29.

ostrogodos na Itália, seguindo pelo assassinato da Rainha Amalásunta (526-535) pelas mãos do seu marido e primo Teodato (534-536), episódio usado como pretexto por Justiniano para enviar seu exército para a Itália. Belisário entra vitorioso nas cidades de Nápoles, Sicília, Roma e na capital dos ostrogodos, em Ravena, no ano de 540, levando o Rei Vitigis (536-540) com o tesouro real e o motim de guerra para Constantinopla, mas, diferentemente da recepção com que o general fora prestigiado ao chegar com o vencido Gelimer, a exibição dos feitos realiza-se no próprio palácio sem a presença da população e o triunfo, algo que o próprio Procópio de Cesareia ressalta⁴⁹. Entretanto, a campanha contra os ostrogodos se mostrou mais duradoura que as demais; com a ascensão do novo rei godo Totila (541-552), os godos acabam reagindo às investidas de Belisário, sendo este substituído pelo general Nárses, alcançando a vitória no ano de 552⁵⁰.

Os livros dedicados a *Guerra Gótica* e a *Guerra Vândala* são compostos majoritariamente pelas narrativas das campanhas militares, enquanto *Guerra Persa* comporta outros acontecimentos, como a Revolta de Nika e a epidemia da peste. Desse modo, a presença de narrativas focadas nos eventos que ocorrem na capital do Império permite um maior destaque a figuras que exercem seu poder em Bizâncio, como no caso da Imperatriz Teodora, ao passo que sua aparição nos demais livros de *História das Guerras* ocorre de maneira mais pontual⁵¹. No cenário de Antonina, no entanto, em razão da sua presença ativa nas campanhas militares ao lado do seu cônjuge, possibilitou, mesmo que não fosse o objetivo do nosso autor, algumas menções a sua participação nas campanhas, como em *Guerra Gótica* e *Guerra Vândala*. Nesse sentido, em nossa pesquisa, a análise referente a esses livros se apresenta de forma secundária tanto pelo recorte do escopo documental como pela dimensão desse trabalho.

Apesar de se denominar uma obra encomendada para aclamar os feitos expansionistas de Justiniano, não deixa de ser perceptível o descontentamento do autor, embora implicitamente. Suas críticas, em alguns momentos, desqualificam figuras em torno do imperador, em outros, são personificadas em seus opositores. A prática de utilizar personagens na narrativa para criticar o imperador é revisitada pelo autor em alguns momentos de *História das Guerras*, por exemplo, em *Guerra Persa*, ao relatar o plano arquitetado por Antonina para garantir a queda do Prefeito do Pretório, como veremos no próximo capítulo, Procópio

⁴⁹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VII, 1, 1-3.

⁵⁰ *Ibid.*; SOUSA, *op. cit.*, p. 10.

⁵¹ Em *Guerra Gótica*, uma de suas participações se dá pelo prelúdio de sua morte. Procópio nos informa sobre o infortúnio quando Antonina retorna à capital para solicitar à imperatriz recursos para a guerra encabeçada pelo seu cônjuge; todavia, ao chegar a capital do Império descobre sobre o falecimento de Teodora, assim solicita ao imperador o regresso de Belisário a Constantinopla. PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VII, 30, 3-25.

menciona que Antonina fingia lamentar a situação do seu cônjuge, o general Belisário, uma vez que o imperador havia feito pouco caso das conquistas do general, que além de ter ampliado o território romano, trouxera dois reis como prisioneiro de guerra, o rei vândalo Gelimer e o rei dos godos Vitigis⁵².

Devemos ressaltar também a mudança de tratamento da figura de Belisário ao longo desses livros; assim, em *História das Guerras*, se constata inicialmente uma exaltação à figura do general por Procópio de Cesareia, contudo essa percepção se modifica no decorrer da obra. Segundo Cameron, o descontentamento do autor se torna visível nos últimos livros, sobretudo nos relatos das campanhas itálicas, mais precisamente pela recusa ao trono pelo general, oferecido pelos godos no ano de 540, de forma que Belisário representaria uma alternativa ao imperador, cuja política se mostrou extremamente ríspida para com as altas hierarquias, às quais Procópio pertencia. Portanto, a desilusão do autor com Belisário e a política imperial o levaram ao relato depreciativo presente em *História Secreta*, dada a proximidade de composição desse livro e os últimos volumes de *História das Guerras*⁵³. Para Signes Codoñer, os eventos de 540 não determinaram o afastamento de Procópio do general, mas, talvez, os motivos pessoais que narra em *História Secreta*, como a submissão de Belisário aos caprichos de Antonina e também o rebaixamento do seu antigo empregador quando este foi acusado de conspiração imperial e teve seus cargos relegados pela imperatriz⁵⁴. Sobre isso é interessante pontuar que em *História Secreta* Teodora e Antonina ocupam um papel central como as principais causadoras dos males dos seus cônjuges; decerto a presença e influência que essas mulheres exerceram em seus maridos foram extremamente desaprovadas por Procópio e o condicionaram a uma escrita crítica e de rejeição ao general.

1.1.3 História Secreta

Segundo a maioria dos historiadores, a produção de *História Secreta* provavelmente ocorreu simultânea aos últimos livros de *História das Guerras*, momento da desilusão de Procópio com Belisário e da política imperial de Justiniano⁵⁵. No seu prefácio, anuncia a intenção de narrar fatos que teve de ocultar nos livros prévios – *História das Guerras* – por medo de represália, mas que naquele momento, cerca de 550, com a morte recente da imperatriz, seria oportuna a divulgação da obra pelo teor das suas críticas e difamações às figuras imperiais

⁵² PROCOPIUS. *The Persian War*. I, 25, 14-18.

⁵³ CAMERON, *op. cit.*, p. 7; 50-53; SIGNES CODOÑER, *op. cit.*, p. 33-34.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 34.

⁵⁵ CAMERON, *op. cit.*, p. 50-51.

centrais, particularmente a Teodora e Antonina. E, considerando a data, é possível pensar que Procópio esperava em breve a morte do imperador⁵⁶, como podemos observar no seu prefácio:

A razão para isso é que sem dúvida não foi possível registrar esses eventos da maneira que deveria ser feito quando seus atores ainda estavam vivos. Não era de fato possível, nem sequer passar despercebido pelo grande número de espiões, nem ser descoberto sem sofrer uma morte miserável, pois nem mesmo podia confiar nos parentes mais próximos, fui obrigado a esconder as causas de muitos dos eventos mencionados nos livros precedentes [*História das Guerras*].⁵⁷

Todavia, em uma revisão mais recente, historiadores como Henning Börm, Michael Edward Stewart e David Parnell discutem a possibilidade da produção de *História Secreta* não está diretamente ligada a hostilidade de Procópio frente ao general Belisário e o Imperador Justiniano, mas a um possível golpe que derrubaria o Imperador e a sua rede de apoiadores e, portanto, para se desvincular do governo vigente o autor optou por uma escrita ultrajante das principais personalidades daquele regime⁵⁸.

De qualquer forma, diferentemente dos seus livros precedentes, Procópio optou pelo gênero retórico *inventio*, tradição literária na qual os personagens são vistos como alvos a serem injuriados por meio do exagero retórico⁵⁹. Assim, por regras da *inventio* as personagens femininas principais, Teodora e Antonina, são constantemente atacadas por sua sexualidade e pelas ações independentes ditas “masculinas”, enquanto os personagens masculinos – seus respectivos cônjuges, Justiniano e Belisário – são insultados pelas injúrias proferidas a suas esposas e por estarem sujeitos a elas. Desse modo, segundo Parnell, seguindo a predileção de Börm, ao esperar que sua *inventio* fosse aceita por uma possível novo regime Procópio se comprometeu em não se desvincular totalmente da realidade na sua narrativa, sabendo que para ser credita deveria apresentar mais do que mera ficção⁶⁰. Embora isso não seja um consenso entre os estudiosos, seguimos tal inclinação ao examinar as descrições feitas sobre as ações da Imperatriz Teodora e Antonina, apresentando certa cautela em relação a sua retórica, mas não descartando por completo seus relatos.

⁵⁶ SIGNES CODONER, *op. cit.*, p. 144.

⁵⁷ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 2-3. “La razón de ello es que no era sin duda posible consignar esos sucesos del modo en que debe hacerse cuando todavía estaban vivos sus actores. No era en efecto posible, ni pasar inadvertido al gran número de espías, ni ser descubierto sin padecer una muerte miserable, pues ni siquiera podía confiarme a los familiares más próximos, antes bien me vi obligado a ocultar las causas de muchos de los acontecimientos mencionados en los libros precedentes.” (tradução nossa)

⁵⁸ PARNELL, David Alan. *Belisarius & Antonina: Love and War in the Age of Justinian*. New York: Oxford University Press, 2023. p. 6-7; STEWART, Michael Edward. *Masculinity, Identity, and Power Politics in the Age of Justinian: A Study of Procopius*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020. p. 62-67.

⁵⁹ CAMERON, *op. cit.*, p. 57.

⁶⁰ PARNELL, *op. cit.*, p. 6-7.

História Secreta é constituída em um único livro dividido em seções. Na primeira seção, referente aos capítulos do um ao cinco, o autor cumpre o seu propósito de relatar o que considerava como as causas dos eventos que narrou em sua obra anterior. Esse primeiro momento é dedicado a Belisário e sua esposa Antonina, a imagem traçada desta não diferencia muito da que optou para Teodora, filha de prostituta, relacionada a feiticeiros, sendo mãe antes do seu matrimônio com Belisário e adúltera enquanto sua esposa. Ademais, propõe as infidelidades de Antonina como as causas da derrocada do general nas campanhas da Pérsia em 541 e na Itália, acusando de pôr os assuntos pessoais à frente dos assuntos do Império. Nessa seção, conta também a intriga que levou à sua desgraça em consequência da inimizade com Teodora, demonstrando um Belisário frágil e suscetível às exigências de sua esposa. Dedicada, também, partes de sua narrativa às campanhas da África que foram protagonizadas pelos generais Salomão e Sergio. Dessa forma, essa primeira seção contém detalhes que partem precisamente da experiência pessoal de Procópio ao acompanhar Belisário nas campanhas militares, além de expressar sua decepção com o general – que nesta obra culpa sua esposa pelas ações dele –, algo que, segundo nos conta, não pode expor explicitamente em *História das Guerras*. Nesse sentido, o diálogo que pode ser feito a partir dessas duas obras faz de *História Secreta*, mais precisamente essa primeira seção, crucial para podermos observar as nuances da abordagem da personalidade e das ações de Antonina e de Teodora, a qual trabalharemos nos capítulos subsequentes desta pesquisa.

A segunda seção refere-se ao momento em que o livro não mais se direciona aos eventos narrados em *História das Guerras*. Nesta ocasião, indo do capítulo sexto ao dezoito, o livro concentra-se em críticas desprezíveis às figuras de Justiniano e Teodora, que versam desde suas origens e características de personalidade às ações administrativas que, segundo Procópio, levaram à ruína romana. Nessa seção, aborda a origem camponesa e simples de Justino, fato que colocara Justiniano como o verdadeiro administrador no reinado do seu tio. Justiniano é responsável por diversas catástrofes que assolaram o Império, apontado com caráter volúvel, descrito como pior que a peste, sendo-lhe atribuídos todos os tipos de defeitos cristãos, principalmente a avareza, a corrupção e a injustiça, como também as origens prostíbulas de Teodora são descritas com detalhamento das práticas sexuais da protagonista, a qual não exhibe nenhum pudor. Logo depois, apresenta a atuação em perfeita sincronia do casal imperial. De natureza demoníaca, desse jeito os cônjuges causaram a desgraça do Império. A atuação política de Teodora ganha foco ao evidenciar o caráter autoritário e cruel com que tratava os seus inimigos.

A terceira seção concernente aos capítulos dezenove ao trinta, explana sobre a má administração de Justiniano, as pessoas que escolheu para ocupar os altos cargos atrelados as corrupções que operavam em seu corpo burocrático, como também as leis que constantemente redigia ou alterava de acordo com seus interesses e as repercussões dos danos que causaram a todos – senadores, proprietários de terra, soldados, comerciantes, profissionais liberais, pobres, em suma a população como um todo – e as instâncias imperiais. Encerra o livro de forma brusca⁶¹, criticando as mudanças que ocorreram nos ritos cerimoniais do Império, introduzidas pelos consortes⁶². Nas duas últimas seções, ao se dirigirem ao casal imperial, sobressaltam-se as críticas à atuação da Imperatriz Teodora, de caráter pessoal e vingativo, algo que, como veremos nos capítulos seguintes, destoa em certa medida do apresentado em *História das Guerras*.

1.1.4 Sobre os Edifícios

Em *Sobre os Edifícios*, a terceira e última obra de Procópio, publicada provavelmente em 558, nos deparamos com um panegírico. O livro, que enaltece o trabalho construtor do imperador, está repleto de louvores às vantagens dadas ao Império pelas políticas construtivas de Justiniano e traz as suas inspirações divinas e a piedade que profere junto à sua consorte diante dos súditos⁶³. Embora não estejam exatamente claras as motivações que fizeram Procópio redigir sua obra – que mais se distingue das demais por não haver críticas implícitas ou explícitas aos dirigentes imperiais –, autores como Treadgold aludem a um agradecimento por um favor recebido, possivelmente ao título de *Illustris*, com a adesão do prestígio e de privilégios oferecidos⁶⁴; outros supõem que seria uma redenção às críticas presentes em *História das Guerras*⁶⁵. Em todo caso, no proêmio da obra, alude-se às motivações que o fizeram escrever como uma forma de

[...] proporcionar às gerações futuras a memória dos acontecimentos ocorridos no passado, porque, por um lado, se opõe ao tempo que luta para esconder os acontecimentos e, por outro, enaltece com louvor o mérito de quem costuma lê-la, mas também ataca constantemente a maldade e assim rejeita sua

⁶¹ Sobre o mau acabamento da obra como um todo, Cameron tende a associar a possível morte de Procópio o que impossibilitou a finalização da obra e a produção de novos escritos, os quais menciona a intenção na primeira seção de *História Secreta*. CAMERON, *op. cit.*, p. 11-14; Para Börm, a incompletude de *História Secreta* é fruto de uma produção apressada uma vez que o golpe parecia eminente, todavia como sabemos não veio a ocorrer e o seu escrito ficou esquecido até o século X. BÖRM *apud* STEWART, *op. cit.*, p. 63-64.

⁶² SIGNES CODONER, *op. cit.*, p. 37-44; KALDELLIS, Anthony. *The secret history: with related texts*. Edited and Translated, with an Introduction, by Anthony Kaldellis. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2010. p. XXIX-XXXV.

⁶³ CAMERON, *op. cit.*, p. 83-86.

⁶⁴ TREADGOLD, *op. cit.*, p. 190.

⁶⁵ SIGNES CODONER, *op. cit.*, p. 70.

influência. Portanto, só devemos nos preocupar com o seguinte: que os eventos que ocorreram sejam de uma transparência evidente e por quem, entre todo o mundo, foram realizados⁶⁶.

Composta por seis livros, o livro I apresenta as construções em Constantinopla, principalmente as igrejas, em especial a de Santa Sofia, como também a edificação de diversos templos. O livro II descreve o trabalho construtor de Justiniano nas fortalezas da fronteira Oriental, na edificação de aquedutos, cisternas, banhos públicos e reparos de recintos defensivos. No livro III, ressaltam-se as fortalezas erguidas na região da Caucásia e nas costas do Mar Negro, com digressões das construções locais. No quarto livro, disserta-se sobre as edificações realizadas na região dos Bálcãs. O livro V contempla as construções imperiais no Oriente Próximo, desde a fronteira da Pérsia até a cidade de Palmira, e, por fim, o livro VI apresenta as edificações na África, como a reconstrução da Líbia após a vitória contra os Vândalos, concluindo a obra aludindo ao fato de que muitas construções não foram mencionadas⁶⁷. A maioria dos estudiosos afirma a incompletude da obra, embora isso não a desmereça, sendo considerada uma das principais fontes para a compreensão sobre a arqueologia, a história da arte, a arquitetura da igreja e a topografia imperial no século VI.

Em *Sobre os Edifícios*, Procópio de Cesareia ressalta os feitos em conjunto do casal imperial, mas, diferentemente das tribulações geradas pelos cônjuges à população expostas em *História Secreta*, são apresentados como dirigentes piedosos e benfeitores. O tom benevolente também é perceptível nas declarações sobre a beleza da Imperatriz Teodora. Em *História Secreta*, a descreve com belas feições, mas pálida e de baixa estatura⁶⁸, porém, no panegírico *Sobre os Edifícios*, chega a afirmar que a beleza dela era indescritível, impossível de ser descrita em palavras ou em uma estátua:

Encontra-se também ali [na parte leste de Constantinopla], sobre uma coluna, a imperatriz Teodora, que a cidade lhe havia oferecido em agradecimento pelo recinto. Trata-se de uma estátua de belo rosto, mas inferior em beleza à

⁶⁶ PROCOPIO DE CESAREA. *Los edificios*. Traducción, Introducción y notas de Miguel Periago Lorente. Estudios Orientales 7. Espanha: Universidad de Murcia, 2015. I, 1. “proporcionar a las generaciones futuras el recuerdo de los hechos acaecidos en el pasado, porque, por un lado, se opone al tiempo que pugna por ocultar los acontecimientos y, por otro, ensalza con alabanzas el mérito de los que habitualmente la leen, pero también ataca constantemente la maldad y rechaza así su influjo. Por tanto, tan sólo debemos preocuparnos de lo siguiente: de que los hechos acaecidos sean de una transparencia evidente y por quién, de entre todo el mundo, fueron realizados.” (tradução nossa)

⁶⁷ PERIAGO LORENTE, Miguel. Introducción. In: PROCOPIO DE CESAREA. *Los Edificios*. Traducción, Introducción y notas de Miguel Periago Lorente. Estudios Orientales 7. Espanha: Universidad de Murcia, 2015. p. 15-22.

⁶⁸ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. X, 11.

imperatriz, porque expressar em palavras sua formosura e representar sua figura seria completamente impossível, ao menos para um ser humano⁶⁹.

Assim como *História Secreta, Sobre os Edifícios* também é escassa de menções e citações posteriores, sendo um livro desconhecido pelos autores bizantinos, em especial *Parastaseis syntomoi chronikai*, obra que descreve monumentos e topografias da cidade de Constantinopla, compilados por um grupo de funcionários entre os séculos VII e VIII⁷⁰, e a sua primeira citação foi realizada pelo historiador eclesiástico Nicéforo Calisto Xantópulo no século XIV. Dessa forma, como *História Secreta*, certamente foi achado e publicado séculos depois. Segundo Signes Codoñer, trata-se de um destino frequente para os escritos bizantinos a partir do século VI, pois não desfrutam de uma rede de difusão de suas obras como outrora na Antiguidade⁷¹.

Entre as três obras apresentadas, *Sobre os Edifícios*, por se tratar de um panegírico com o objetivo de propaganda da imagem imperial, ao enaltecer as construções de Justiniano e Teodora, se diferencia das obras anteriores, que, apesar de expor finalidades distintas, são escritas no mesmo modelo clássico e apresentam aspectos complementares. Dessa forma, ao optarmos por *História das Guerras e História Secreta*, pretendemos destacar as similaridades e as diferenças da atuação de poder político da Imperatriz Teodora e de Antonina presentes nessas obras, o que de maneira alguma tenta cessar ou abarcar todas as relações de poder presentes nesses livros e exercidas pelas protagonistas, mas, de forma seletiva, propõe analisar os casos em que a atuação feminina nos trâmites imperiais mais sobressaiu.

1.2 O governo imperial e o feminino no século VI

Neste segundo momento, abordaremos, de modo sucinto, os aspectos que norteiam o governo do Imperador Justiniano e seus principais feitos e realizações que o fizeram ser reconhecido como um dos principais imperadores da Antiguidade Tardia. Em seguida, trataremos sobre o feminino tardo-antigo, aludido a construção da idealização da mulher a partir dos moldes da Virgem Maria e as vulnerabilidades que estavam expostas aquelas que escapavam a esse modelo. Por fim, discutiremos a noção de poder feminino imperial a fim de podermos analisar as formas perceptíveis de uso desse poder pela Imperatriz Teodora e por Antonina nas obras de Procópio de Cesareia *História Secreta e História das Guerras*.

⁶⁹ PROCOPIO DE CESAREA. *Los edificios*. I, 11. “También se halla allí, sobre una columna, la emperatriz Teodora, que la ciudad se la había ofrendado en agradecimiento por el recinto. Se trata de una estatua de bello rostro, pero inferior en belleza a la emperatriz, porque expresar de palabra su hermosura y representar su figura sería del todo punto imposible, al menos para un ser humano.” (tradução nossa)

⁷⁰ BAPTISTA, *op. cit.*, p. 31.

⁷¹ SIGNES CODOÑER, *op. cit.*, p. 75-76; 114.

1.2.1 Justiniano e suas ações imperiais

No mesmo ano em que Procópio assume o cargo de consultor particular do general Belisário, Justiniano ascende ao poder imperial, um reinado que durou cerca de 38 anos, e, coincidência ou não, ambos os personagens masculinos mais importantes de Procópio de Cesareia, o Imperador e seu general Belisário, morrem em 565. Segundo Procópio em *História Secreta*⁷², a dinastia de Justiniano começa com o seu tio Justino I (518-527), um humilde camponês da Ilíria que vai a Constantinopla em busca de melhores condições, entrando para as fileiras dos *excubitores*, nova guarda palaciana, na qual anos mais tarde o Imperador Anastácio (491-518) o nomearia *comes excubitorum*⁷³. Nesse entremeio, Justino trouxe para a capital do Império familiares para que pudessem obter uma educação erudita da qual a vida o tinha privado, de modo que seu sobrinho mais próximo, Petrus Sabbatius, filho de sua irmã⁷⁴, passa a se chamar Justiniano, o que indica uma adoção formal⁷⁵. Em 518, com a morte do Imperador Anastácio, Justino se torna o novo governante dos romanos, enquanto Justiniano era apenas um membro da guarda imperial, mas não demorou muito para se envolver nos assuntos políticos. Em uma passagem de *Guerra Vândala*, Procópio nos conta que

Justiniano, que ainda não havia acendido oficialmente ao poder, mas já administrava ao seu livre-arbítrio, pois seu tio Justino era o imperador, mas tinha uma idade muito avançada e carecia por completo de experiência nos assuntos políticos⁷⁶.

Todavia, em *História Secreta* Procópio exhibe críticas mais explícitas a Justino, descrevendo-o como velho decrépito incapaz de articular um discurso e analfabeto, algo que nunca havia ocorrido entre os romanos⁷⁷. Mas o destaque memorável de Justino I foi a reconciliação do bispado de Roma e Constantinopla, ocorrido em 519, com o fim do Cisma

⁷² PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. VI, 2-11.

⁷³ Chefe de uma unidade do exército (*excubitores*) fixo na cidade. Cargo que dispunha de grande proximidade com o imperador. MAMEDES, *op. cit.*, p. 172.

⁷⁴ Apesar da confiança depositada em Justiniano pelo seu tio Justino, havia outro sobrinho de nome Germano que gozava de uma reputação militar, um casamento aceitável e dois filhos que seguiram as habilidades militares do pai, era praticamente tudo o que Justiniano não tinha, e, por conta disso, Teodora sabia do perigo que ele representava para seu poder. EVANS, *op. cit.*, p. 126-127.

⁷⁵ EVANS, James Allan. *The Age of Justinian: The Circumstance of Imperial Power*. London/New York: Taylor & Francis e-library, 2001. p. 96.

⁷⁶ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*: Libros III-IV, Guerra Vándala. Introducción, traducción y notas de José Antonio Flores Rubio. Madrid: Editorial Gredos, 2006. III, 9, 5. “Justiniano, que todavía no había accedido oficialmente al poder, pero que ya lo administraba a su libre albedrío, pues su tío Justino era el emperador, mas tenía una edad muy avanzada y carecía por completo de experiencia en los asuntos políticos.” (tradução nossa)

⁷⁷ Justino tinha quase 70 anos quando assumiu o trono em 518; além de Procópio, o cronista João Malalas confirma que o imperador era analfabeto. KALDELLIS, *op. cit.*, p. 29.

Acaciano⁷⁸, e, seguindo as recomendações do Papa Hormisdas (514-523), perseguiu os que faziam oposição ao credo da Calcedônia.

No ano de 521, Justiniano se torna cônsul, em 525 assume o posto de *César*, progredindo ao ápice com o falecimento do seu tio, quando alcança a púrpura imperial em 527. O reinado de Justiniano ou, como o Paul Lemerle aborda, “o século de Justiniano” – devido a sua longevidade – foi notável pelas suas obras e realizações⁷⁹. Para o historiador Michael Maas, a partir do reinado de Justiniano vemos a transição da Antiguidade Tardia para a Idade Média, a formação de uma nova identidade cultural a partir de elementos locais, romanos, cristãos e gregos à qual os historiadores modernos denominaram Bizâncio. Essas mudanças ocorridas dentro das fronteiras imperiais de certa forma alcançaram os territórios circunvizinhos, influenciando reinos da Gália à Arábia a assumirem suas próprias formas medievais distintas⁸⁰.

A conversão de Constantino, o Grande, e sua admissão do Cristianismo como a religião legítima do Império Romano apresentam-se como um marco na transformação da sociedade tardo-antiga. Dessa forma, o imperador passa a ser o representante de Deus na Terra, e seu governo, um reflexo do reino celestial⁸¹, concentrando na figura do soberano a autoridade do Império cristão, tanto na natureza divina como na temporal. Muitas vezes esse tipo de poder é definido como *cesaropapismo*, no qual a autoridade governamental exerce poder sobre a ordem eclesiástica⁸², entretanto o poder do imperador não deve ser considerado apenas como uma junção das esferas política e religiosa, mas, segundo Gilbert Dragon, trata-se de uma relação muito mais complexa e sutil desses âmbitos, definindo-o como um governo autocrático⁸³.

Justiniano, por sua vez, em razão da sua excelente formação, tinha profundo conhecimento sobre os problemas dogmáticos, um ortodoxo convicto que inclusive compôs tratados teológicos e cantos litúrgicos⁸⁴, de forma que desde o início do seu reinado empenhou-se em estabelecer uma única doutrina cristã no Império, continuando com a perseguição iniciada pelo seu tio contra aqueles que não seguiam a ortodoxia. No entanto, sua própria consorte era

⁷⁸ O *Henoticon*, edito de unidade, foi uma tentativa vaga de unificação entre os monofisistas e os ortodoxos. Roma condenou o edito, com isso o Papa Félix III e o Patriarca Acácio excomungaram-se um ao outro. A divisão entre as igrejas de Constantinopla e de Roma ficou conhecida como Cisma Acaciano (484-519). EVANS, *op. cit.*, 2011, p. 27-28. Abordaremos um pouco mais no terceiro capítulo.

⁷⁹ LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. Tradução de Marilene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 41. (Universidade Hoje).

⁸⁰ MAAS, *op. cit.*, p. 3-4; SOUSA, *op. cit.*, p. 66.

⁸¹ MAIER, Franz Georg. *Bizâncio*. Vol. 13. México: Siglo Veinteuno, 1986. p. 14-15; 23. (Historia Universal Siglo Veinteuno).

⁸² BOY, Renato Viana. *A Querela Iconoclasta: uma disputa em torno dos ícones no Império Bizantino; 726-843*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 64.

⁸³ DRAGON *apud* BOY, *op. cit.*, p. 46.

⁸⁴ MAIER, *op. cit.*, p. 54.

monofisista e defensora da heresia; atrelado a importância que as províncias orientais anticalcedônias representavam para a economia do Império, tentou estabelecer diálogo entre os ortodoxos e os monofisistas e, apesar do seu esforço, o abismo entre os dogmas não permitiu uma reconciliação⁸⁵.

Certamente seu trabalho mais próspero foi no âmbito legislativo, o *Corpus Iuris Civilis*, fundamental para a concepção do Direito Civil moderno. Em 528, poucos meses após assumir o cargo, Justiniano comunica ao senado seu projeto de compilar um novo código jurídico. Chefiado por João da Capadócia⁸⁶, tinha por objetivo reunir e revisar constituições imperiais que iam desde o Imperador Adriano (117-138) até o seu reinado; a primeira versão do *codex* saiu em 529, mas foi substituída pela segunda versão, de 534. Em seguida, Triboniano⁸⁷ ficou responsável pela compilação do *Digesto*, a segunda parte do *Corpus Iuris Civilis*, com o intuito de condensar e harmonizar cerca de 1.400 anos de contradições de jurisprudência romana; com a sua elaboração, ficou evidente a necessidade de um manual para estudantes de Direito que incluísse as atualizações das leis romanas – essa terceira parte ficou conhecida como *Institutas*⁸⁸. A rápida compilação desse extenso projeto, entre 529 a 534, foi interpretada pelo imperador como sinal dos céus, com a delegação divina a Justiniano para a restauração da ordem terrena por meio da lei. Apesar de não haver alteração no material jurídico em favor dos preceitos cristãos, as leis foram inspiradas, auxiliadas e promulgadas em nome de Deus.

Nos anos seguintes, após a compilação do *Corpus*, houve a publicação de outras leis complementares criadas por Justiniano, as *Novellae*, com a finalidade de solucionar possíveis problemas legislativos; de fato nunca foram compiladas, mas redigidas ao longo do seu reinado⁸⁹, muitas dessas por influência da Imperatriz Teodora.

Na era de Justiniano, a cidade de Constantinopla havia se tornado um prestigiado centro de produção imagética e arquitetônica, superando cidades antigas como Roma, Antioquia e Alexandria. Em sua época, vemos expressões cristã-imperial, que entrelaçam elementos característicos romanos com a crescente presença religiosa. O Imperador se empenhou na atividade construtora como propaganda do seu governo, em *Sobre os Edifícios*, como dito,

⁸⁵ LEMERLE, *op. cit.*, p. 53; MAIER, *op. cit.*, p. 57. As tentativas de reconciliação serão abordadas com mais afinco no terceiro capítulo.

⁸⁶ Prefeito do Pretório, exerceu sua função por dez anos até sua queda em decorrência das desavenças com a imperatriz, como veremos no capítulo seguinte. Cf. PROCOPIUS. *The Persian War*. I, 24-25.

⁸⁷ Conselheiro de Justiniano, trabalhando na elaboração de leis e no recebimento de súplicas destinadas ao imperador, suas tribulações no exercício do cargo são comentadas por Procópio. Cf. PROCOPIUS. *The Persian War*. I, 24-25.

⁸⁸ HUMFRESS, Caroline. Law and Legal Practice in the Age of Justinian. In: MAAS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 161-171.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 174-175.

dedicada justamente ao trabalho monumental de Justiniano e também da Imperatriz, Procópio descreve a extensa gama de empreendimentos imperiais na capital e nos subúrbios⁹⁰. Um dos seus grandes trunfos foi o embelezamento de Constantinopla, a capital cristã; as duas igrejas que melhor exibem o brilhantismo dos projetistas do Imperador são a Igreja de São Sérgio e São Baco e a reconstrução da Igreja Santa Sofia, logo após a Revolta de Nika, considerada como a maior criação da arquitetura romana tardia e cristã oriental⁹¹. Os monumentos mais importantes da produção imagética *Justiniana*, os grandes mosaicos, são encontrados para além da capital do Império, e sua magnificência pode ser admirada nas Igrejas de Santo Apolinário e de São Vital⁹², localizadas em Ravena no momento em que a cidade estava novamente sob o domínio dos romanos.

Justiniano se empenhou em preservar tradições dos seus governantes precedentes, no entanto não se limitou optando por mudanças quando necessário – o que gerou inúmeras ressalvas dos estamentos mais abastadas, como podemos averiguar pelo pronunciamento de Procópio em *História Secreta* –, alterações que foram justificadas como um retorno a um período de hegemonia imperial, agora com o amparo divino. Para tanto, fez uso da legislação para exercer seu poder autocrático nos âmbitos temporal e sagrado, público e privado. Uma autocracia que foi testada ao longo do seu reinado na sangrenta sedição, nos empreendimentos militares do Ocidente e nas investidas contra os persas, na peste que se alastrou pelo Mediterrâneo e nas perseguições e controvérsias religiosas⁹³.

1.2.2 A mulher bizantina na Antiguidade Tardia

O termo Antiguidade Tardia, utilizado por autores como Henri-Irénée Marrou, Peter Brown e Averil Cameron, compreende o momento da fragmentação do Oeste romano e a ascensão do Cristianismo, “mas, acima de tudo, este é um período de transição, que conheceu grandes mudanças e também muitas continuidades; é exatamente isso que o torna tão

⁹⁰ ALCHEMERMES, Joseph D. Art and Architecture in the Age of Justinian. In: MAAS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 343-344.

⁹¹ *Ibid.*, p. 361-362; MAIER, Franz Georg. *Las transformaciones del mundo mediterráneo, siglos III-VIII*. México: Siglo Veinteuno, 1986. p. 186.

⁹² Na Igreja de San Vitale (dedicada em 547), ficam os famosos mosaicos do casal imperial, Justiniano e Teodora, acompanhados respectivamente de suas cortes. As imagens imperiais com tom celestial refletem a autoridade imperial divina dos consortes: o imperador como o representante de Deus na terra, e a imperatriz como uma santa. No mosaico de Justiniano, a figura do general Belisário é posta ao seu lado; já no de Teodora temos possivelmente Antonina ao seu lado e em seguida sua filha Joannina. Cf. JESÚS SANZ, Maria. El ornamento en los mosaicos de Justiniano y Teodora en San Vital de Ravena. *Erytheia*, v. 11, n. 12, p. 175-207, 1990-1991. O mosaico da Imperatriz Teodora pode ser observado em anexos, imagem 1.

⁹³ PAZDERNIK, Charles. Justinianic Ideology and the Power of the Past. In: MASS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 186-193; SOUSA, *op. cit.*, p. 68.

interessante.”⁹⁴ Entre as mudanças, o Cristianismo instiga uma nova conotação nas normativas sociais, e a feminilidade passa a ser almejada dentro dos parâmetros cristãos de pureza, virgindade, santidade e maternidade inspirados na Virgem Maria. O culto à Virgem gradualmente se desenvolve a partir do primeiro Concílio de Éfeso (431) ao proclamar a Maria o título de *Theotokos* – aquela que gerou Deus; a Imperatriz Pulquéria (450-453) ajudou na promoção do culto à Virgem, que logo se converteu em um dos objetos de maior devoção entre os cristãos, sendo venerada por ícones e relíquias e como guardiã e protetora de Constantinopla⁹⁵. Entretanto, Judith Herrin ressalta o impacto da sua adoração na idealização feminina, segundo a historiadora:

[...] o novo culto também enfatizou o destino daqueles que falharam em viver de acordo com seus preceitos; fortaleceu a antiga condenação misógina da mulher como Eva, e forçou a grande maioria a aceitar essa dicotomia. Assim enquanto algumas mulheres podem conseguir romper com a vida rotineira de casamento e gravidez, professando um compromisso virtuoso e respeitado ao celibato, muitas mais seriam ainda mais oprimidas como a personificação inalterável da desobediência, luxúria e todos os pecados que Eva trouxe ao mundo⁹⁶.

Enquanto meninas, as bizantinas passavam a maior parte do tempo no ambiente doméstico sendo preparadas para suas vidas conjugais: aprendiam a fiar, tecer, bordar e, em casos mais excepcionais, recebiam instrução de leitura e escrita, além de decorar os Salmos. Não obstante, no âmbito imperial, as mulheres obtinham uma educação quiçá maior que as Ocidentais, no domínio do grego clássico e na composição de poemas e hinos, e, embora a Princesa Anna Comnena (1083-1153)⁹⁷ seja um dos exemplos mais ilustres, outras jovens dos grupos mais abastadas também desfrutaram de um alto padrão de instrução. No caso das

⁹⁴ CAMERON, Averil. *The Mediterranean World in Late Antiquity AD 395-600*. London/New York: Routledge, 1993. p. 8. “But above all, this is a transitional period, one which saw great changes as well as many continuities; that is of course precisely what makes it so interesting.” (tradução nossa)

⁹⁵ CONNOR, *op. cit.*, p. 136; HERRIN, Judith. *Unrivalled influence: Women and Empire in Byzantium*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2013. p. 28; 169-170.

⁹⁶ HERRIN, *op. cit.*, p. 28. “the new cult also emphasized the fate of those who failed to live according to its precepts; it strengthened the ancient misogynist condemnation of woman as Eve, and forced the great majority to accept this dichotomy. Thus while a few women might succeed in breaking away from the routine life of marriage and childbearing by professing a virtuous and respected commitment to celibacy, many more would be even more downtrodden as the unalterable embodiment of disobedience, lust, and all the sins that Eve brought into the world.” (tradução nossa)

⁹⁷ Filha do Imperador Aleixo I Comneno (1081-1118) e da Imperatriz Irene Ducas, após as intrigas palacianas que levaram seu irmão mais novo ao trono, João Ducas (1118-1143), por ordem do seu pai em detrimento do indicado para o cargo por ela e sua mãe, seu esposo Nicéforo Briênio, retira-se para um convento em Constantinopla e finaliza a obra iniciada pelo seu marido, *Alexiada*. Escrita em grego, a obra apresenta seu pai, Aleixo I, como o herói da narrativa, além dos seus feitos contra os normandos e turcos. Ademais, sua educação refinada e seus conhecimentos médicos são perceptíveis na sua narrativa. Cf.: SENKO, Elaine Cristina. Anna Comnena (1083-1153) e os aspectos da concepção bizantina de História: o diálogo com os clássicos da Antiguidade. *Revista Semina*, v. 11, n. 01, 2012.

princesas bizantinas, sua educação e preparação tinham um objetivo político, a saber, exercer funções diplomáticas com potências estrangeiras por meio de alianças matrimoniais⁹⁸.

Na sociedade bizantina, o casamento era uma normativa estabelecida para as jovens; os matrimônios eram arranjados muitas vezes em sua tenra idade como forma de preservar a castidade e promover a procriação de filhos. Embora seu papel de atuação estivesse no ambiente doméstico, na criação dos filhos e no cuidado com os afazeres do lar, o casamento garantia às mulheres uma posição social e segurança financeira. Uma vez que, segundo a lei romana, os filhos deveriam herdar igualmente a herança de seus pais, por meio desse princípio, por mais que os maridos tivessem posse dos dotes de suas esposas, eram obrigados a mantê-los ou poderiam ser acusados por elas de desperdiçarem suas posses. Isto posto, caso se tornassem viúvas, as mulheres conseguiam um poder substancial mediante o controle da riqueza da família e a recuperação dos seus dotes, os quais elas poderiam empregar em uma negociação para um segundo casamento, ou poderiam adotar o celibato, sem entrarem em mosteiros, assegurando sua autonomia na esfera pública por meio da dedicação a obras de caridade, fundando e administrando conventos, ajudando os mais necessitados por intermédio da igreja, a qual também recebia doações das viúvas.

Uma alternativa ao casamento regular era o casamento com Cristo por meio do comprometimento com a vida eclesiástica e de castidade. Ao entrar no convento, a cerimônia que representava o casamento espiritual envolvia o corte de cabelo e o uso de vestimentas escuras. Além dos casos das mulheres que recorriam ao mosteiro para não exercerem a vida matrimonial, havia aquelas que desde sua tenra idade demonstravam interesse pela vida eclesiástica, como também os casos das que se arrependiam da vida de libertinagem e encontravam redenção na vida monástica – a pecadora arrependida apresenta-se como um tema bastante recorrente nesse período, muito representado nos escritos hagiográficos sobre a vida redentora e os milagres dos santos⁹⁹.

Ainda que as normativas femininas estabelecessem a atuação no espaço privado, muitas mulheres dos grupos menos abastadas eram obrigadas a trabalhar fora de casa a fim de garantir o sustento de suas famílias. Por conta disso, envolviam-se em funções públicas que eram impróprias para os homens, como médicas, parteiras e no atendimento nos banhos públicos femininos, como também se encarregavam nas atividades comerciais, na venda de comida nas ruas e principais vias, além do Hipódromo, onde alimentavam as multidões que iam assistir aos

⁹⁸ TALBOT, Alice-Mary. A mulher. In: CAVALLO, Guglielmo (Org.). *Homem Bizantino*. Tradução Maria Bragança. Portugal: Editorial Presença, 1998. p. 119-120; HERRIN, *op. cit.*, p. XVIII.

⁹⁹ HERRIN, *op. cit.*, p. 6; 142-143; CONNOR, *op. cit.*, p. 135-140.

espetáculos. Entretanto, viver de forma respeitável era um grande desafio para essas mulheres, pois havia o risco de serem confundidas com aquelas que exerciam a prostituição, de forma que as atrizes, mímicas e dançarinas eram tratadas quase como prostitutas pela lei, e de fato apenas uma linha tênue separava esses campos de atuação, pois, mesmo com as ações cívicas de distribuição de pão e as obras de caridade, a pobreza muitas vezes forçava as menos afortunadas a recorrerem à prostituição. Dessa forma, as mulheres que por condições socioeconômicas eram incapazes de exercer as funções prescritas de esposa e mãe estavam fadadas a todos os tipos de calúnia¹⁰⁰, como podemos observar no relato hostil que temos sobre o passado de Teodora e de Antonina presente em *História Secreta*.

Por conseguinte, a ascensão do Cristianismo possibilitou às mulheres o acesso a esfera pública, elas poderiam viajar até a Terra Santa, fundar mosteiros, aprender hebraico e se dedicar à vida religiosa, contudo o máximo a que poderiam aspirar era se impor como seguidoras exemplares de Cristo ou como patrocinadoras da fé ortodoxa com recursos particulares. E, mesmo nessas condições, a atuação delas era muito restrita, mesmo os conventos recebiam um número ínfimo de mulheres, e o mecenato era reservado às mulheres ricas, muitas delas da corte imperial inspiradas em Helena – mãe de Constantino, o Grande –, a quem é associada a descoberta da verdadeira cruz, além de ser conhecida pelas fundações na Palestina¹⁰¹. Nesse sentido, as mulheres eram subjugadas como inferiores e vulneráveis à estrutura patriarcal da sociedade bizantina, embora em algumas circunstâncias pudessem usar a ordenação cristã em prol dos seus interesses.

1.2.3 A atuação feminina no poder imperial

As limitações e normativas impostas às bizantinas eram exigidas com rigor pela imperatriz, uma vez que sua imagem estava atrelada à propaganda e legitimação do poder por meio do seu papel de esposa e progenitora, garantindo a estabilidade da dinastia¹⁰². Não obstante, a sua função enquanto imperatriz era muito mais do que isso: exercia um poder considerável que a distinguia das demais mulheres da sociedade bizantina. Judith Herrin, ao pensar sobre os fundamentos do poder feminino imperial na Antiguidade Tardia, apresenta três vertentes que potencializaram sua autoridade.

¹⁰⁰ BROWN, Peter. Antiguidade tardia. In: VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada I: do Império Romano ao ano mil*. Coleção dirigida por Philippe Ariès e Georges Duby. São Paulo: Companhia da Letras, 1990. p. 292; HERRIN, *op. cit.*, p. 15-18; 97.

¹⁰¹ CAMERON, *op. cit.*, p. 148; HERRIN, *op. cit.*, p. 137-140.

¹⁰² MARCOS SÁNCHEZ, Maria. Representaciones visuales del poder en época tardoantigua: la imagen de la emperatriz. *Hispania Sacra*, v. 48, n. 98, p. 513-540, 1996. p. 515.

No primeiro momento, aponta as mudanças do tardo-antigo que constatarem o apagamento dos monumentos voltados a divindades pagãs para a introdução da Virgem como novo símbolo de maternidade e um influente culto. No segundo, em decorrência da adoção das estruturas imperiais por preocupações com a sucessão imperial na qual a mulher ocupa um papel central não necessariamente como genitora, mas muitas vezes como legitimadora da dinastia. Desse modo, a Imperatriz Pulquéria aos 15 anos assumiu o poder imperial, tornando-se regente do seu irmão, Teodósio II (408-450), que a proclama Augusta; anos mais tarde, com a morte dele (450), será por meio dela – de Pulquéria – que a dinastia de sua família perdura, escolhendo como marido e próximo imperador o general Marciano (450-457) – ainda assim manteve seu voto de castidade –, que governou o Império até a sua morte em 453. A legitimação dinástica mediante a soberana também ocorreu com a Imperatriz Ariadne, primeiro com a coroação do seu filho, Leão II (474), e, com a morte deste, com a ascensão do marido dela como imperador, Zenão (474-475; 476-491), e, por último, com a legitimação do Imperador Anastásio após a morte do primeiro marido de Ariadne, e, como dito, o sucedeu Justino I, tio do Imperador Justiniano, que, por sua vez, também teve um sobrinho que o substituiu, Justino II (565-578); sua consorte, a Imperatriz Sofia (565-578), por outro lado, era sobrinha de Teodora, mas, diferentemente das imperatrizes citadas, não chegou a se casar com os sucessores do seu consorte; sua influência dinástica possibilitou que fosse consultada para a nomeação dos dois imperadores que sucederam Justino II, os Imperadores Tibério (578-582) e Maurício (582-602)¹⁰³.

A terceira vertente da autoridade feminina imperial no tardo-antigo procede do desenvolvimento da nova Roma, Constantinopla, onde o ambiente público e imperial permitiu que as mulheres desenvolvessem um novo papel na corte e nos ritos imperiais. No Grande Palácio, nas acomodações do casal imperial, a imperatriz tinha seus próprios aposentos, nos quais agia com relativa independência. Contava com o apoio de diversos eunucos que ocupavam cargos oficiais e podiam transitar por todo o Grande Palácio, inclusive nos aposentos femininos¹⁰⁴. A imperatriz, com seus próprios recursos, podia financiar a construção de novos santuários e instaurar seus próprios mosteiros, que, posteriormente, poderiam ser sua morada quando a sua atuação política chegasse ao fim. Por conseguinte, a imperatriz assumia um papel de destaque na diplomacia imperial com os acordos matrimônios dos seus filhos selados com

¹⁰³ JAMES, Liz. Goddess, Whore, Wife or Slave? Will the Real Byzantine Empress Please Stand Up?. In: DUGGAN, Anne (Ed.). *Queens and Queenship in Medieval Europe: Proceedings of a Conference Held at King's College London, April 1995*. Woodbridge: The Boydell Press, 1997. p. 125-126.

¹⁰⁴ HERRIN, *op. cit.*, p. 161-174.

potências estrangeiras. Além da exigência da sua participação nas cerimônias da corte, visitas a santuários e mosteiros e idas a igrejas fora do palácio eram necessárias em todo ano litúrgico¹⁰⁵.

Dessa maneira, o entrelaçamento dessas três vias possibilitou a associação do feminino ao poder imperial, um exercício do poder muitas vezes associado a “circunstâncias favoráveis” quando a autoridade do imperador abre brecha para a atuação da imperatriz, seja por meio da regência de um irmão mais novo, do filho ou em decorrência da presença fraca da figura masculina no poder – tal como a Imperatriz Sofia, que conseguiu uma trégua com o Império Persa após o colapso de Justino II. Todavia, o historiador James Evans, ao comentar sobre a atuação da Imperatriz Teodora, ressalta que sua influência ocorreu enquanto a autoridade masculina estava intacta¹⁰⁶; em *História Secreta* ela aparece em reuniões com embaixadores, ministros, eclesiásticos e outras pessoas influentes¹⁰⁷. Também há casos em que a atuação da imperatriz não ganha os holofotes, restringindo-se aos bastidores palacianos: citamos a Imperatriz Verina (457-474), mãe da Imperatriz Ariadne, que, após a morte do seu consorte Leão I, esperava governar em nome do seu neto, Leão II, mas, com o falecimento deste e a proclamação de Zenão como imperador, maquinou para retornar ao poder, jogando o imperador e o seu irmão Basilisco um contra o outro, embora sem conseguir resultados duradouros. Não obstante, sua figura aparece sem muita importância quando comparada às imperatrizes aqui citadas, justamente por atuar nos bastidores e ter fracassado na sua conspiração imperial, apesar de ser uma personagem significativa na memória bizantina¹⁰⁸.

Pensando dessa forma, Liz James, no artigo *Goddess, Whore, Wife or Slave: Will the Real Byzantine Empress Please Stand Up?*, levanta questionamentos sobre o poder feminino imperial, destacando o fato de que a definição tradicional do poder “como produzindo um efeito ou obtendo um resultado, exercendo autoridade e influenciando assuntos internacionais” prejudica a leitura da atuação do poder da imperatriz ao se restringir ao alcance por meio de “circunstâncias favoráveis”, sugerindo a definição de Pauline Stafford de poder

como a capacidade de agir, participar de eventos, ter uma estratégia e persegui-la, sem necessariamente conseguir, e estar em posição de influenciar os outros e usar seus trabalhos para o próprio prestígio¹⁰⁹.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 177-181.

¹⁰⁶ EVANS, James Allan. *The Empress Theodora: partner of Justinian*. Austin: University of Texas Press, 2002. p. 119.

¹⁰⁷ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. II, 33-36; XV, 13-35; XVI, 2-4, 17-22.

¹⁰⁸ JAMES, *op. cit.*, p. 123-140.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 126. “the ability to act, to take part in events, to have a strategy and to pursue it, without necessarily succeeding, and to be in a position to influence others and to use their labours for one's own prestige.” (tradução nossa)

Dessa forma, Liz James ressalta que podemos atribuir mais autoridade às mulheres imperiais, o que não significa equiparar seu poder ao do imperador, mas validar sua atuação imperial, no exercício do seu cargo enquanto imperatriz, com seus próprios deveres e funções relacionados, de modo que possamos olhar para o que seria entendido como “processos de intriga” ou “bastidores” e validá-los enquanto atuação no poder imperial. A partir dessa perspectiva, podemos observar a forma como a Imperatriz Teodora dentro da sua corte construiu uma rede de apoio composta por eunucos, eclesiásticos heréticos e outras mulheres, as quais compartilhavam da sua antiga posição como escória da sociedade, a fim de garantir sua posição e seus interesses, muitas vezes por meio da ajuda desses sujeitos. Nesse sentido, buscamos nesta pesquisa analisar alguns casos em que sobressai a atuação da imperatriz, como também aqueles em que contou com o auxílio de Antonina, que, por sua vez, também promove táticas para atender aos seus interesses.

CAPÍTULO 2

A IMPERATRIZ TEODORA, ANTONINA E AS ARTICULAÇÕES NO PODER IMPERIAL

Neste capítulo, analisaremos a atuação imperial de Teodora e de Antonina a partir das obras *História das Guerras* e *História Secreta*, observando as similitudes e diferenças que podem ser encontradas nessas obras. No primeiro momento, abordaremos sobre o passado das protagonistas e de que forma ascenderam à corte imperial, problematizando *História Secreta* – a principal fonte que se estende sobre a temática. No segundo tópico, trataremos sobre a Revolta de Nika, analisando a atuação da Imperatriz na sedição presente em *Guerra Persa*. Em seguida, iremos examinar a participação de Antonina nas campanhas militares. Primeiro, sua atuação enquanto assessora de Belisário apresentada de forma positiva por Procópio de Cesareia em *Guerra Vândala* e *Guerra Gótica*. Depois abordaremos os bastidores das guerras presentes em *História Secreta*, livro no qual Procópio associa as más ações do general Belisário à influência de Antonina, como também discutiremos a intervenção da Imperatriz por Antonina após os eventos que sucederam as campanhas no Oriente. Por fim, analisaremos a atuação imperial conjunta de Teodora e Antonina e de que modo articularam a queda do Prefeito do Pretório João da Capadócia.

2.1 Um passado comum: a juventude da Imperatriz Teodora e de Antonina

É em *História Secreta* que encontraremos detalhes sobre o passado¹ das nossas protagonistas. Procópio de Cesareia começa sua narrativa sobre as origens de Teodora a partir do capítulo nove, e, nas linhas introdutórias, somos informados de que contará sobre seu nascimento, educação e como após o matrimônio com Justiniano arruinou o Império dos Romanos. O pai de Teodora era um cuidador de ursos da facção dos Verdes² de nome Acácio, que ao morrer deixou uma esposa e mais duas filhas pequenas, Comito e Anastásia. A mãe de Teodora se juntou a outro homem para ajudar no sustento da casa e para que ele exercesse o trabalho anteriormente realizado pelo falecido esposo. Todavia, o mestre de dança dos Verdes, Asterio, ao aceitar um suborno, destituiu a mãe e o padrasto de Teodora do cargo que ocupavam

¹Sobre a Imperatriz Teodora, no século XII a partir de fontes mais antigas foi moldado um passado que se adequasse as demandas das Igreja Ortodoxia Siríaca, algo que abordaremos no capítulo seguinte.

² Os Verdes eram uma das quatro facções de corridas de bigas em Constantinopla, as demais eram os Azuis, Vermelhos e Brancos. No entanto, em *História Secreta* apenas é mencionada a ação dos Azuis e Verdes, o que levou historiadores a especularem os motivos de tal ocultação. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. Os Verdes e Azuis na História Secreta de Procópio. *Plêthos*, v. 2, p. 75-96, 2012. p. 79-81.

na facção. Dessa forma, a mãe de Teodora apelou para súplicas e com suas filhas se dirigiu aos Verdes no Hipódromo na tentativa de conseguir o trabalho de volta, mas eles não as ouviram; na verdade, fizeram pouco caso da reivindicação. Entretanto, os Azuis, ao ouvirem as súplicas, concederam a eles o cargo, uma vez que o seu cuidador de feras havia morrido³.

Na adolescência a mãe de Teodora levou suas filhas para o teatro assim que pareceram maduras para o trabalho. Teodora, que inicialmente ajudava sua irmã mais velha Comito nas encenações, logo “se unia lascivamente como os homens com certos miseráveis e inclusive com quantos escravos seguissem seus donos ao teatro para cometer esse ato nefasto”⁴, mesmo sendo incapaz de ter relações como mulher, e dessa maneira “permaneceu muito tempo no prostíbulo entregue a este comércio contra a natureza de seu corpo”⁵. Segundo Procópio, à medida que Teodora ia crescendo, se tornou uma prostituta admirada por sua atuação, pois não exibia vergonha alguma e realizava várias práticas consideradas impudicas sem hesitar, de modo que “nunca houve ninguém tão entregue a todos os tipos de prazeres”⁶, e, embora muitas vezes engravidasse, logo provocava um aborto⁷.

Como mencionado anteriormente, a retórica *inventio* optada por Procópio de Cesareia nessas passagens determina o tom exagerado das práticas sexuais exercidas por Teodora: sua promiscuidade é ressaltada pelas práticas anais e orais, consideradas antinaturais, colocando-a em uma posição repugnante mesmo entre as demais trabalhadoras do sexo. Contudo, os historiadores pontuam que as acusações feitas não eram algo inovador ou que causariam espanto entre os leitores. A própria menção aos abortos cometidos por Teodora não seria vista como algo incomum, mas teria o papel de envergonhá-la pelas consequências das suas práticas sexuais. Segundo Roland Betancourt,

No caso de Procópio, por trás de seus ataques a Teodora, pressentimos uma verdade incômoda: a contracepção, o aborto e o adultério eram comuns em sua boa cidade cristã, e não apenas entre as camadas mais baixas da sociedade, mas também entre a elite aristocrática⁸.

³ Segundo o historiador Paolo Cesaretti, a atitude da mãe de Teodora foi um exemplo para a filha de como lidar com as adversidades, como também o tratamento recebido pelos Verdes refletiu drasticamente no seu comportamento enquanto imperatriz e apoiadora dos Azuis. CESARETTI, Paolo. *Theodora: Empress of Byzantium*. New York: Magowan Publishing LLC, 2004. p. 55; PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. IX, 2-7.

⁴ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. IX, 10. “ella se unía lascivamente como los hombres con ciertos miserables y esto incluso con cuantos esclavos seguían a sus dueños al teatro para cometer este acto nefando” (tradução nossa).

⁵ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. IX, 10. “Permanecía así mucho tiempo en el prostíbulo entregada a este comercio contra natura de su cuerpo” (tradução nossa).

⁶ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. IX, 16. “Nunca hubo nadie que estuviera tan rendido a todo tipo de placeres” (tradução nossa).

⁷ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. IX, 19.

⁸ BETANCOURT, Roland. *Byzantine Intersectionality: sexuality, gender, and race in the Middle Ages*. Princeton: Princeton University Press, 2020. p. 80. “In the case of Procopius, behind his attacks on Theodora we sense an

Procópio de Cesareia continua sua narrativa informando que posteriormente Teodora foi companheira de um governador de Pentápolis⁹, mas logo foi despejada por ele. Desamparada, voltou a exercer a prostituição primeiro em Alexandria¹⁰ e em seguida regressou a Bizâncio, mas, segundo o autor, não antes de haver “percorrido todo o Oriente praticando em cada cidade um ofício que, segundo penso, só de alguém nomear perderia para sempre a benevolência de Deus”¹¹. Em um dos capítulos subsequentes, o autor acrescenta que, nesse período, dizem que Teodora conheceu em Antióquia uma dançarina de nome Macedônia, que pertencia aos Azuis¹². Quando encontrou a futura imperatriz aos prantos por ter sido humilhada por Hecebelos e por ter perdido dinheiro durante a sua viagem, animou-a dizendo que a Fortuna lhe faria uma mulher rica. Naquela mesma noite, Teodora teve um sonho em que, quando chegasse a Bizâncio, dormiria com o príncipe dos demônios “e este usaria todos os tipos de artimanhas para viver com ela como sua legítima esposa e torná-la dona de todo o dinheiro do mundo”¹³. Além da nomeação de Justiniano como “príncipe dos demônios”, em outro momento Procópio diz que, para ele e a maioria das pessoas, “nunca pareceu que estes [Teodora e Justiniano] eram humanos, mas demônios perversos”¹⁴. Segundo Cameron, a representação do alvo como demônio era comum no gênero *inventio* e neste caso utilizado para se referir aos males que os cônjuges imperiais causaram à população.

Assim, na sequência, Procópio nos informa que, ao regressar à capital do Império, Justiniano se apaixona por Teodora, tratando-a a princípio como amante, embora a tivesse elevado à dignidade de patricia, desse modo adquirindo ela grande poder e riqueza por meio do

uncomfortable truth: contraception, abortion, and adultery were common in his good Christian city, and not just among the lowest ranks of society but also among the aristocratic elite” (tradução nossa).

⁹ Uma província localizada na atual Líbia.

¹⁰ A passagem de Teodora por Alexandria é mencionada entre os estudiosos como o momento de conversão ao monofisismo, a qual se consolidou como uma fiel aliada e propagadora da fé herética.

¹¹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. IX, 28. “recorrido todo el Oriente practicando en cada ciudad un oficio que, según pienso, sólo com que alguien lo nombrase perdería para siempre la benevolencia de Dios” (tradução nossa).

¹² Para Evans e Foss, Macedônia era uma informante influente de Justiniano, ainda no reinado do seu tio Justino, que provavelmente foi a intermediária entre Teodora e o futuro imperador. EVANS, James Allan. *The Power Game in Byzantium: Antonina and the Empress Theodora*. London/New York: Continuum, 2011. p. 47; FOSS, Clive. *The Empress Theodora. Byzantion*, v. 72, n. 1, p. 141-176, 2002. p. 168.

¹³ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. XII, 32. “y éste se serviría de toda clase de artimañas para vivir con ella como legítima esposa y convertirla en dueña de todo el dinero del mundo” (tradução nossa).

¹⁴ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. XII, 14. “nunca nos pareció que éstos eran hombres, sino démones perversos” (tradução nossa).

seu amado. Assim, “Justiniano junto com Teodora não apenas arruinou o povo da capital ainda mais do que antes, mas também todo o império dos romanos”¹⁵.

Ainda que o relato de Procópio de Cesareia seja repleto de extrapolações tanto sexuais quanto de cunho administrativo dos personagens centrais, os historiadores não diminuem o papel fundamental de *Historia Secreta* como a principal fonte sobre o passado de Antonina e de Teodora; além disso, diversos pontos levantados pelo autor são mencionados em outras fontes contemporâneas. O próprio relato sobre as origens prostíbulas de Teodora é confirmado pelo historiador eclesiástico sírio e bispo monofisita João de Éfeso, protegido da imperatriz, o qual, em uma passagem do seu livro *Vida dos Santos Orientais*, se refere a Teodora como alguém que “veio do bordel”¹⁶. Também, segundo Cameron, uma outra obra datada do século VIII, *Parastaseis Syntomoi Chronikai*, possivelmente também confirmaria essa versão¹⁷. Desse modo, para historiadores como Evans e Potter, esses relatos sobre o início da vida de Teodora, ainda que embelezados pela retórica, eram fofocas que certamente circulavam pelas ruas da capital e manifestava o repúdio aos artistas do palco. O próprio João de Éfeso apenas foi a Constantinopla quando Teodora já era imperatriz, o que sugere que o passado dela era de conhecimento comum, embora ele mesmo em seus escritos tenha se esforçado para demonstrar o papel ativo da Imperatriz a causa monofisista¹⁸.

Essas passagens são relacionadas pelos historiadores às práticas legislativas propostas pelo Imperador Justiniano que beneficiaram as mulheres. Na posição de Teodora enquanto imperatriz, eram esperadas beneficências em prol dos mais necessitados; filantropia, caridade e misericórdia eram ideais cristãos esperados pelas figuras imperais na Antiguidade Tardia. Todavia, historiadores como Lynda Garland e, com mais afinco, Paolo Cesaretti pontuam que, para além das ações tradicionais esperadas para a sua posição, possivelmente as mazelas sofridas no seu passado tenham impulsionado sua influência nas legislações que melhoraram os status das mulheres¹⁹.

¹⁵ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. IX, 32. “Justiniano junto con Teodora no sólo arruinó todavía mucho más que antes al pueblo en la capital, sino por todo el imperio de los romanos” (tradução nossa).

¹⁶ JOHN OF EPHESUS. *Lives of the Eastern Saints*. E. W. Brooks (Patrologia Orientalis), 1923. p. 185. “came from the brothel” (tradução nossa).

¹⁷ CAMERON, *op. cit.*, p. 76.

¹⁸ EVANS, James Allan. *The Empress Theodora: partner of Justinian*. Austin: University of Texas Press, 2002. p. 15-19; POTTER, David. *Theodora: Actress, Empress, Saint*. New York: Oxford University Press, 2015. p. 25.

¹⁹ GARLAND, Lynda. *Byzantine Empresses: Women and Power in Byzantium, AD 527–1204*. London/New York: Routledge, 1999. p. 15-18; CESARETTI, *op. cit.*, p. 227-233.

Contudo, a primeira lei²⁰ dessa dinastia associada à proteção dos direitos das mulheres foi promulgada ainda por Justino e tinha como objetivo anular as leis antigas que proibiam o casamento entre senadores e atrizes. Feito sob medida para Teodora e Justiniano²¹, era um regulamento que permitia que ex-atrizes agora arrependidas pudessem se casar com homens do alto escalão com a permissão do imperador, consentimento que era desnecessário caso fosse patricia, como no caso de Teodora. Além disso, a lei se estendia aos filhos delas, que também puderam obter bons casamentos, a exemplo da filha de Teodora²², gerada bem antes da púrpura. A inovação legal permitiu que sua mãe arranjasse um casamento com um descendente da família do antigo Imperador Anastácio²³.

Nesse sentido, vemos como esse regulamento foi importante para que Teodora pudesse moldar sua rede de apoiadores por meio de casamentos que lhes garantiriam prestígio e riqueza. Sabemos pelo cronista João Malalas que Comito, irmã de Teodora, casou-se com Sitas, um dos melhores generais de Justiniano, no ano de 528²⁴. Dessa união, os historiadores apontam o nascimento de Sofia, citada nas fontes como sobrinha de Teodora, que se casou, por intermédio de sua tia, com um sobrinho de Justiniano que veio a se tornar o Imperador Justino II. Apesar de a imperatriz ter morrido muitos anos antes da ascensão da sua sobrinha ao trono, percebemos como suas orquestrações matrimoniais foram bem propícias.

Além das mulheres da sua família, algumas das suas amigas de longa data também foram beneficiadas com casamentos promissores. Para os historiadores, o casamento mais interessante intermediado por Teodora foi certamente o de Antonina com o general Belisário. Mas recentemente, Parnell argumenta que por questões de proximidade entre Belisário e o Imperador Justiniano, o matrimônio entre o general e Antonina foi motivado mais por questões amorosas do que financeiras e políticas, no entanto seria muito virtuoso da nossa parte ignorar as contribuições que esse casório trouxe para a relação entre o general e a Imperatriz. A união

²⁰ Legislação presente no *Codex Iustinianus* 5.4.23. Disponível em: <https://droitromain.univ-grenoble-alpes.fr/>. Acesso em: 27 set. 2023.

²¹ O casamento de Teodora e Justiniano provavelmente ocorreu entre 522 e 523. POTTER, *op. cit.*, p. 91.

²² Além dessa filha, Procópio de Cesareia aponta para um possível filho que Teodora deu à luz por não ter conseguido abortar a criança. O pai, vendo que ela não queria deixar seu ofício, levou o recém-nascido consigo. Anos mais tarde, já enfermo, contou para o menino quem era sua mãe e uma vez que essa, agora imperatriz, tomou conhecimento do rapaz, deu um fim à vida dele. Segundo Evans, provavelmente se tratava de um impostor, e não haveria motivos para Teodora e Justiniano o ignorarem, pois já tinham acolhido sua filha bastarda. Dessa forma, a intenção do autor seria ridicularizá-la por suas práticas sexuais e evidenciar sua crueldade enquanto imperatriz. EVANS, James Allan. *The Power Game...* *op. cit.*, p. 35-36.

²³ POTTER, *op. cit.*, p. 54; EVANS, James Allan. *The Empress Theodora...* *op. cit.*, p. 20.

²⁴ JONH MALALAS. *Chronicle*. Translated by Elizabeth Jeffreys, Michael Jeffreys and Roger Scott. Melbourne: Australian Association for Byzantine Studies, 1986. 18.10 (430); Procópio em *História das Guerras*, no livro *Guerra Persa*, lamenta a morte do general num combate contra os persas na Armênia. PROCOPIUS. *History of the Wars: Book I and II. The Persian War*. English translate by H. B. Dewing. London: Harvard University Press, 2006. (Loeb Classical Library 48). II, 3, 25-27.

desse casal por alguns anos pôde ser acompanhada de perto por Procópio de Cesareia enquanto exercia o cargo de assessor de Belisário. Ele possibilitou o relato que encontramos em *História Secreta e História das Guerras* sobre Antonina, desde as supostas relações extraconjugais, sua atuação nas campanhas militares até suas ações diante do poder imperial, agindo como “braço direito” da Imperatriz Teodora, como é referida pelo historiador Paolo Cesaretti. Dessa forma, a relação das duas crescia à medida que as conjunturas políticas iam sendo construídas, e possivelmente o casamento de Antonina foi calculado – casar uma amiga próxima com um general era uma forma de evitar possíveis ameaças –, mas nada garantia que a carreira de Belisário ia progredir de tal forma que sua esposa ganharia um papel de destaque na Corte e, conseqüentemente, se aliaria a Teodora²⁵.

As obras de Procópio de Cesareia são as principais fontes sobre Antonina, enquanto *História das Guerras* nos informa alguns feitos que ajudaram nas campanhas militares, e no caso da queda de João da Capadócia, em *História Secreta* nos apresenta sobre o seu passado, complementa algumas de suas ações em campanha e mais precisamente relata de que forma desmoralizou Belisário. A primeira parte do livro se compromete a contar as ditas infâmias cometidas por Belisário, porém, para Anthony Kaldellis, essa seção não é sobre o general, “mas sobre sua esposa Antonina, ou melhor, sobre como Antonina, em colaboração com Teodora e alguns eunucos, conseguiu dominar e castrar Belisário”²⁶. Decerto o autor, ao optar por criticar o general por meio de injúrias à sua esposa (muitas das vezes questionando a influência que ela exerce sobre seu consorte), acaba por dar visibilidade à atuação dela no poder imperial, acarretando-lhe um certo papel de protagonista nessa primeira seção da obra.

O passado de Antonina²⁷ não se diferencia muito do compartilhado por Teodora e sua família. Em *História Secreta*, somos informados de que seu avô e seu pai eram cocheiros em Constantinopla e Tessalônica, enquanto sua mãe era uma das que exerciam a prostituição no teatro, e entre seus familiares, havia feiticeiros²⁸ dos quais Procópio alude de tê-la adquirido o

²⁵ PARNELL, David Alan. *Belisarius & Antonina: Love and War in the Age of Justinian*. New York: Oxford University Press, 2023. p. 25; CESARETTI, *op. cit.*, p. 179.

²⁶ KALDELLIS, Anthony. *The secret history: with related texts*. Edited and Translated, with an Introduction, by Anthony Kaldellis. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2010. p. XXX. “but about his wife Antonina, or rather about how Antonina, in collaboration with Theodora and some eunuchs, managed to dominate and emasculate Belisarios” (tradução nossa).

²⁷ Evans pontua que a fonte tardia *Patria of Constantinople* menciona Antonina como *zoste patrikia* (Senhora das vestes ou Patrícia com cinto) de Teodora, cargo honorário que se assemelha ao que seria conhecido atualmente como dama de companhia. EVANS, *op. cit.*, p. 64.

²⁸ Ressaltamos que o termo que Procópio utiliza “pharmakeia”, também estava relacionado ao conhecimento de ervas e remédios. Assim, não devemos concluir que Antonina tinha relações com feiticeiros, bruxas ou fabricantes de venenos, pois o termo também estava atrelado aqueles que tinham conhecimentos medicinais. BETANCOURT, *op. cit.*, 74. Outro ponto interessante é discutido por Parnell, ao associar o seu destaque na *Guerra Vândala* ao

conhecimento que precisava para controlar Belisário. Segundo David Parnell, a difamação do histórico familiar era uma tática padrão do gênero *inventio*, assim Procópio ressalta as profissões dos parentes das protagonistas numa tentativa de inferiorizar e desqualificá-los, uma vez que as atividades relacionadas ao teatro e hipódromo era considerados práticas irrespeitáveis²⁹. Como comentado anteriormente, as camadas menos afortunadas da sociedade se relacionavam com o mundo da prostituição, mas não necessariamente era uma prática exercidas por todas que atuavam no palco, como também, as relações familiares eram construídas em meio a esse âmbito que transitava nas atividades do circo e do teatro, um cenário comum que possivelmente resultou na amizade entre Teodora e Antonina.

Procópio de Cesareia continua seu relato ressaltando que ela era mãe de muitos filhos antes de se casar com o general, e embora seu objetivo seja de ridicularizar Belisário ao insinuar que se casou com uma mulher que se distanciava dos padrões sociais, em *Guerra Gótica* menciona que um desses filhos era fruto de um casamento anterior, mesmo que não signifique que todos os seus filhos são provenientes de outras relações conjugais a ocultação dessa informação em *Historia Secreta* apenas acentua o direcionamento da obra³⁰. Além disso, a descreve como adúltera, reduzindo seus esforços pra esconder seus atos profanos não por vergonha ou por respeito ao seu marido, “mas porque tinha receio do castigo da imperatriz, já que Teodora se enfurecia com ela e lhe mostrava os dentes”³¹. Entretanto, pontua que situação se alterou no momento em que Antonina prestou seus serviços à Imperatriz na deposição do Papa Silvério³² – que seria abordado com mais detalhes em um livro que não chegou a publicar – e na ruína de João da Capadócia, dessa forma conseguiu domá-la e “agiu sem temer ou esconder nada, não havendo nenhum escrúpulo que a impedisse de cometer todo tipo de crimes”³³. Ainda que devemos ter cautela a considerar tais alegações, é interessante perceber como a construção da relação de poder entre as protagonistas se estabelece na narrativa *procopina* por meios táticas da qual ambas utilizam para alcançarem seus objetivos.

preservar a água na embarcação com um conhecimento prévio sobre química rudimentar adquirida em seu seio familiar. PARNELL, *op. cit.*, p. 16.

²⁹ *Ibid*, p. 12.

³⁰ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. V, 5, 5; PARNELL, *op. cit.*, p. 17-18; Além de Fócio, uma filha pode ser identificada pelas fontes, em *Guerra Vândala*, II, 8, 24 Procópio nos informa sobre um oficial de alta patente que era genro de Antonina, mas não de Belisário. Enquanto casal, adotaram Teodósio e tiveram uma filha, Joannina.

³¹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 13. “sino porque se recelaba del castigo de la emperatriz, ya que Teodora se enfurecia con ella y le enseñaba los dientes” (tradução nossa).

³² O que possivelmente poderia ter sido a atuação mais significativa de Teodora na sua missão teológica contou com o papel decisivo de Antonina e será melhor analisada no terceiro capítulo desta pesquisa.

³³ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 14. “actuando sin temer ni ocultar ya nada, no hubo ningún escrúpulo que le impidiese cometer toda clase de crímenes” (tradução nossa).

Contudo, devemos salientar que a imagem da mulher ultrajante que extrapola as normativas sociais para seu sexo é perceptível em toda a narrativa de *História Secreta* e em alguns momentos de *História das Guerras*. Segundo Elizabeth Fisher, Procópio de Cesareia descreve suas protagonistas como mulheres ameaçadoras,

pois demonstram a habilidade perigosa e tipicamente feminina de influenciar os homens por meio do seu apelo sexual, mas também possuem a oportunidade e a inclinação tipicamente masculina para ação independente³⁴.

Outros autores como James Evans e Paolo Cesaretti também destacam a influência que exercem por meio do apelo sexual, seja pelos aspectos físicos, pela paixão expressa pelos seus cônjuges, ou, de modo mais implícito, pela associação das experiências sexuais do passado com a manipulação de seus maridos. Nesta pesquisa, não descartaremos a possibilidade de essas mulheres terem de exercer influência por meio do apelo sexual, mas pretendemos relacionar a influência exercida sobre seus cônjuges pela capacidade delas de agir e se utilizar de estratégias para suas próprias predileções, fazendo com que, dessa maneira, atitudes que, segundo Fisher, foram identificadas como “masculinas” possam ser observadas, como o uso do poder imperial feminino.

2.2 A Revolta de Nika e o discurso da Imperatriz Teodora

Os primeiros cinco anos do reinado de Justiniano foram marcados pela guerra contra a Pérsia, no entanto em 532 o acordo “Paz sem fim”³⁵ foi instituído, e, enquanto os ânimos da fronteira Oriental estavam se apaziguando, na capital do Império um motim que ficou conhecido como Revolta de Nika colocou em risco o trono imperial³⁶.

Constantinopla passava por uma insatisfação popular em decorrência das políticas administradas de Justiniano, entre outros motivos. Infelizmente, não dispúnhamos de fontes que aborde a perspectiva dos sediciosos, assim nos limitamos a descrever os eventos que sucederam a Revolta de Nika a partir de excertos contemporâneos de autores que aparentemente eram favoráveis ao governo vigente, como João Malalas e Procópio de Cesareia.

³⁴ FISHER, Elizabeth A. Theodora and Antonina in the Historia Arcana: History and/or Fiction? *Arethusa*, Spring and Fall 1978, v. 11, n. 1/2, Women in the Ancient World (Spring and Fall 1978), p. 253-279. Published by: The Johns Hopkins University Press. p. 267-268. “for they demonstrate the dangerous and typically female ability to influence men through their sex appeal, but they also possess the typically male opportunity and inclination for independent action” (tradução nossa).

³⁵ Em 540, Cosroes I (531-579) rompe com o acordo e invade as províncias orientais romanas.

³⁶ MAAS, Michael. Roman Questions, Byzantine Answers: contours of the age of Justinian. In: MAAS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 7.

No livro *História das Guerras*, dedicado às *Guerras Persas*, Procópio de Cesareia nos informa a respeito dos delitos que vinham sendo praticados pelos ministros e que os levaram a serem os primeiros alvos dos agitadores. Em seu relato, o prefeito do Pretório, João da Capadócia, era o responsável pelas políticas fiscais do Império e “estava sempre pronto para roubar dinheiro e mais pronto para retirá-lo e gastá-lo”³⁷, enquanto o jurista Triboniano estava “sempre pronto para vender a justiça por lucro pessoal”³⁸, e pela própria descrição do autor para esses dois ministros em momentos diferentes em *História das Guerras* e *História Secreta*³⁹, fica perceptível o seu desagrado quanto as escolhas administrativas de Justiniano. Além disso, Evans acrescenta o descontentamento da velha elite dominante ao ver o Império governado pelo que consideravam ser dois arrivistas, principalmente Teodora, que vinha das camadas mais populares da sociedade⁴⁰.

A eclosão da revolta em 532 ocorreu sob a liderança dos Azuis e dos Verdes. O papel ativo dessas facções no Hipódromo fazia do principal centro de entretenimento da capital um local onde ressoavam as inquietações políticas e econômicas. Essas facções já haviam protagonizado motins ainda no reinado de Justino entre os anos de 523 e 524; em *História Secreta*, Justiniano é descrito como o culpado por toda a violência que os Azuis operavam, além de incentivá-los e protegê-los das punições, ao passo que os Verdes, por serem constantemente castigados, eram levados a cometer mais crimes⁴¹. Os tumultos foram reduzidos após chegar aos ouvidos do Imperador o assassinato de um certo ilustre na Igreja Santa Sofia; assim, os cortesãos, aproveitando a ausência de Justiniano em decorrência de uma doença⁴², contaram sobre a gravidade das ações que vinham sendo realizadas pelas facções. Justino, por sua vez, mandou Teodoto, o prefeito da cidade, castigar a todos. Segundo Procópio de Cesareia, quando Justiniano melhorou, tentou se vingar do prefeito por ter punido os Azuis, mas este, com a ajuda do seu tio, conseguiu escapar para Jerusalém⁴³. Os esforços do prefeito foram válidos, uma vez que a ordem foi restaurada na capital do Império, e o próprio Justiniano, quando imperador,

³⁷ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXIV, 15. “he was always ready to steal money and more ready to bring it out and spend it” (tradução nossa).

³⁸ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXIV, 16. “always ready to sell justice for gain” (tradução nossa).

³⁹ Ex. PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXIV, 11-16; PROCOPIUS. *The Vandalic War*. III, 13, 9-20; PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. XVII, 38.

⁴⁰ EVANS, James Allan. *The Power Game...* op. cit., p. 71.

⁴¹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. VII, 1-7.

⁴² Segundo Paolo Cesaretti, se especulava que Justiniano teve orquite, uma infecção nos testículos que na idade adulta pode causar infertilidade. CESARETTI, *op. cit.*, p. 157. Um exercício interessante é especular que as acusações de Procópio de Cesareia sobre os abortos cometidos por Teodora na juventude incitaram seus leitores a associarem diretamente a não procriação do casal imperial, enquanto a possível infertilidade de Justiniano não é cogitada como um dos fatores, ou uma combinação de ambos.

⁴³ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. IX, 35-42.

ordenou a todas as demais cidades que punissem os assassinos e agitadores independentemente das suas facções⁴⁴. Todavia, em janeiro de 532, os problemas entre os Azuis e os Verdes ecoaram novamente.

Como forma de contenção, o Imperador adotou medidas rígidas para ambas as facções. Segundo João Malalas, o prefeito da cidade, Eudaemon, manteve sob custódia integrantes dos Azuis e dos Verdes, e dentre eles sete foram acusados de assassinato. Quatro foram levados para serem enforcados⁴⁵, mas dois deles, um Verde e um Azul, caíram quando o andaime quebrou e ainda com vida foram ajudados por dois monges, que os levaram à beira-mar e os colocaram em um barco. Enviados à cidade, foram levados para o asilo no Santuário de São Lourenço. Em seguida, o prefeito colocou uma guarda no local em que estavam⁴⁶.

Ato contínuo, os Verdes e os Azuis se uniram para reivindicar a liberação dos prisioneiros. Três dias depois, no dia 13 de janeiro, uma terça-feira, enquanto aconteciam as corridas de bigas no Hipódromo, as facções imploraram por misericórdia para os cativos diante do Justiniano até a 22ª corrida e, sem resposta, começaram a bradar: “Vida longa aos misericordiosos Azuis e Verdes”, e ao fim das corridas as multidões partiram unidas com a palavra de ordem *Vença!* (Nika!)⁴⁷. Ao anoitecer, seguiram até o Pretório⁴⁸ do prefeito para que liberasse os dois prisioneiros das facções e, mais uma vez sem respostas, entraram na prisão e libertaram todos aqueles que se encontravam ali. Logo depois, incendiaram o Pretório, e o fogo se alastrou, queimando os banhos de Zeuxipo, a Igreja de Santa Sofia e partes do palácio imperial que iam do Propileu até a chamada Casa de Ares. Além disso, as grandes colunatas que se estendiam ao Fórum de Constantino⁴⁹, casas de homens ilustres e grandes tesouros também foram consumidos pelo fogo⁵⁰. Nesse decurso, Justiniano, sua consorte Teodora e alguns membros senatoriais se trancaram no palácio e ficaram em silêncio⁵¹.

No dia seguinte, 14 de janeiro, como nos conta Procópio de Cesareia, a população solicitou a exoneração do prefeito do Pretório, João da Capadócia, do prefeito da cidade, Eudaemon, e do jurista Triboniano. O Imperador, numa tentativa de agradar ao povo, os

⁴⁴ EVANS, *op. cit.*, p. 72.

⁴⁵ O andaime no qual foram executados ficava em uma praça cercada por muitos mosteiros, na Sykae (Galata), localizada no Norte, atravessando o Corno de Ouro em confluência com o Bósforo. CESARETTI, *op. cit.*, p. 179. Pode ser observado na figura 1 em anexo.

⁴⁶ JONH MALALAS. *Chronicle*. 18.71 (473).

⁴⁷ JONH MALALAS. *Chronicle*. 18.71 (474).

⁴⁸ Residência oficial do prefeito da cidade, na qual o porão era a prisão municipal. EVANS, *op. cit.*, p. 75.

⁴⁹ Praça pública de Constantinopla construída pelo fundador da cidade no século IV, o Imperador Constantino.

⁵⁰ Para uma maior visualização, ver o mapa da cidade de Constantinopla na figura 1 em anexo.

⁵¹ JONH MALALAS. *Chronicle*. 18.71 (474); PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXIV, 7-10.

destituiu dos seus respectivos cargos⁵², mas não foi o suficiente para apaziguar a revolta. Na quinta-feira, 15 de janeiro, Belisário – que havia retornado recentemente da guerra contra os Persas – saiu às ruas de Constantinopla com sua tropa numa tentativa de conter a revolta, e, apesar da luta sangrenta que culminou na morte de alguns membros das facções, os esforços dele foram em vão. Inconformada, a multidão continuou com os incêndios e foi até a residência do patrício Probo cantando “Probo para imperador do mundo Romano” e, como não o encontraram, atearam fogo na sua casa⁵³. Para o historiador James Evans, Probo apenas não foi coroado pela turba porque estava fora da cidade; contudo, seus primos, Hipácio e Pompeu, todos sobrinhos do falecido Imperador Anastácio, estavam no palácio junto com o casal imperial e outros membros do Senado. No sábado, quinto dia do motim, Justiniano, após saber do ocorrido com Probo, aumentou mais ainda sua insegurança com uma possível traição e mandou Hipácio e Pompeu para suas casas⁵⁴.

No dia seguinte, domingo, Justiniano foi ao Hipódromo carregando nas mãos as Escrituras, se apresentou à multidão que se encontrava ali e fez uma proclamação sob juramento de anistia aos sediciosos. Embora alguns o tenham apoiado, logo foram reprimidos pela turba que se mantinha hostil ao Imperador. Ao saberem que Hipácio havia saído do Palácio, alguns senadores que apoiavam a sedição o consideraram uma boa escolha para o trono. Por conta disso, Hipácio foi retirado da sua casa e levado ao Fórum de Constantino, onde puseram um colar de ouro sobre sua cabeça e o proclamaram imperador, embora sua esposa Maria, aos prantos, lamentasse a coroação, alegando que a multidão estava levando seu marido para a morte⁵⁵.

De acordo com Procópio de Cesareia, os senadores que apoiavam a agitação pública queriam em sua maior parte ir ao palácio e lutar. Entretanto, Orígenes, um dos membros do Senado, tomou a palavra e pediu prudência, mas os demais acharam que o momento era propício para o embate, e o próprio Hipácio os guiou para o Hipódromo; segundo o autor, alguns diziam que Hipácio escolheu o circo porque pretendia apoiar o Imperador. Enquanto isso, a cúpula que se reunia no palácio estava em dúvida se deveria permanecer ali ou fugir, e nesse momento a Imperatriz Teodora interveio:

⁵² Como prefeito do Pretório foi anunciado o patrício Focas; para desempenhar o cargo de questor, o patrício Basilides, e para o prefeito da cidade foi eleito Trifão, que era irmão do antigo prefeito da cidade, Teodoro. Em *História das Guerras*, a substituição por Basilides e Focas é mencionada e elogiada por Procópio de Cesareia; todavia, ele mesmo mais tarde nos informa que João da Capadócia e Triboniano retornaram para os seus cargos após o motim. PROCOPPIUS. *The Persian War*. I, XXV, 1.

⁵³ JONH MALALAS. *Chronicle*. 18.71 (475. 10-11).

⁵⁴ EVANS, *op. cit.*, p. 77; POTTER, *op. cit.*, p. 150.

⁵⁵ PROCOPPIUS. *The Persian War*. I, XXIV, 22-24; JONH MALALAS. *Chronicle*. 18.71 (475. 10-11).

Quanto à crença de que uma mulher não deveria ser ousada entre os homens ou afirmar ela mesma corajosamente entre aqueles que estão se contendo por medo, considero que a atual crise certamente não nos permite discutir se o assunto deve ser tratado desta ou de outra forma. Pois no caso daqueles cujos interesses correm grande perigo, nada mais parece melhor, exceto resolver a questão imediatamente diante deles da melhor maneira possível. Minha opinião então é que o momento atual, acima de todos os outros, é inoportuno para a fuga, ainda que traga segurança. Pois embora seja impossível para um homem que viu a luz não morrer também, para alguém que foi imperador é insuportável ser um fugitivo. Que eu nunca me separe desta púrpura, e que eu não viva aquele dia em que aqueles que me encontrarem não se dirijam a mim como amante. Se, agora, é seu desejo salva a si mesmo, Ó Imperador, não há dificuldade. Porque temos muito dinheiro, e aqui há o mar, e aqui estão os barcos. Contudo, considere se, não ocorrerá a ti após ter sido salvo trocar alegremente sua segurança pela morte. Pois quanto a mim, eu aprovo um certo ditado antigo de que a realeza é uma boa mortalha.⁵⁶

Entre os oito livros de *História das Guerras*, Procópio de Cesareia menciona Teodora apenas oito vezes, e destas somente no relato sobre a Revolta de Nika ela aparece com fala; além disso, Procópio é o único a mencionar o discurso da Imperatriz durante a subversão. Nesse sentido, embora não seja um consenso, os historiadores tendem a considerar que o autor possivelmente não estava na reunião quando a Imperatriz se pronunciou, mas ouviu o relato de uma testemunha ocular, Belisário, que participava da reunião. No entanto, para Cameron todo o discurso proferido por Teodora não passa de uma cena retórica que não discute a situação da crise em si, mas uma ilustração da mulher destemida⁵⁷.

Sobre isso, Leslie Brubaker, no seu texto *The Age of Justinian: Gender and Society*, a partir do aporte teórico de gênero, descreve o discurso de Teodora como “peça retórica” com homens débeis e indecisos, enquanto uma mulher, “agindo fora do personagem”, consegue reagir ativamente para conter a revolta. Desse modo, para Brubaker, a situação era tão periclitante que a ordem natural foi invertida, homens com medo e mulheres com falas viris.

⁵⁶ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXIV, 33-37. “As to the belief that a woman ought not to be daring among men or to assert herself boldly among those who are holding back from fear, I consider that the present crisis most certainly does not permit us to discuss whether the matter should be regarded in this or in some other way. For in the case of those whose interests have come into the greatest danger nothing else seems best except to settle the issue immediately before them in the best possible way. My opinion then is that the present time, above all others, is inopportune for flight, even though it bring safety. For while it is impossible for a man who has seen the light not also to die, for one who has been an emperor it is unendurable to be a fugitive. May I never be separated from this purple, and may I not live that day on which those who meet me shall not address me as mistress. If, now, it is your wish to save yourself, O Emperor, there is no difficulty. For we have much money, and there is the sea, here the boats. However consider whether it will not come about after you have been saved that you would gladly exchange that safety for death. For as for myself, I approve a certain ancient saying that royalty is a good burial-shroud.” (tradução nossa)

⁵⁷ BRUBAKER, Leslie. *The Age of Justinian: Gender and Society*. In: MAAS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 429; CAMERON, *op. cit.*, p. 68.

Do mesmo modo, a historiadora pontua que uso do gênero na narrativa *procopiana* foi notado pela primeira vez por Elisabeth Fisher, enquanto as construções retóricas do autor foram analisadas minuciosamente por Cameron ainda no final do século XX. Dessa forma, seguindo as predileções das duas historiadoras, Brubaker ressalta a importância da interpretação da linguagem de gênero para observar a capacidade de Procópio de Cesareia em reconstruir o terror que se passara entre Justiniano e os demais homens que presenciavam do palácio imperial os tumultos promovidos pela turba⁵⁸.

Não obstante as ponderações de Cameron e Brubaker, outros historiadores buscam creditar a atuação da Imperatriz na Revolta de Nika através do seu discurso relatado em *História das Guerras*. Esse é o caso de Clive Foss, David Potter, James Evans e Paolo Cesaretti, para esses dois últimos, ainda que Procópio tenha recorrido ao uso da retórica para amplificar o discurso de Teodora, entendem que o pronunciamento da Imperatriz não foi exatamente como Procópio relata, mas possivelmente sua fala no conselho privado no palácio foi tão incisiva quanto seu relato a ponto de os que presenciavam a reunião recuperarem os ânimos e conseguirem conter a revolta. Como comentado a pouco, sabemos que *História das Guerras* foi um livro encomendado e publicado com a autorização de Justiniano, logo o seu conteúdo deveria ser algo plausível ao menos para o Imperador e seus próximos, o que ressalta ainda mais a estima que Justiniano tinha por Teodora. Sobre isso, Cesaretti, diz que a atuação de Teodora na sedição fortaleceu seu papel público e político, e, provavelmente em 551, ano em que *História das Guerras* foi publicado, os leitores ansiavam pela confirmação escrita das histórias que já circulavam sobre a atuação da Imperatriz na Revolta de Nika. Para Evans, Teodora pode ter sido a pessoa que observou que, embora as tropas de Belisário e de Mundo⁵⁹ não tivessem vantagem em uma luta aberta nas ruas de Constantinopla, se juntassem suas forças contra os sediciosos que se amontoavam no Hipódromo, conseguiriam vencer, como de fato culminou a sedição⁶⁰.

Nesse contexto, assim como esses historiadores, não desconsideramos a atuação de Teodora na Revolta de Nika, embora concordemos que seu discurso não tenha sido exatamente como Procópio de Cesareia o redigiu. As questões de gênero apontadas por Brubaker podem ser encaradas como uma forma de crítica ao medo evidente dos homens do conselho sobre o

⁵⁸ CAMERON, *op. cit.*, p. 68; BRUBAKER, *op. cit.*, p. 429-430.

⁵⁹ Filho de um rei dos Gépidas, serviu ao Rei Teodorico até sua morte, foi nomeado general da Ilíria por Justiniano entre os anos de 529 a 536. KALDELLIS, Anthony. Notes. In: PROKOPIOS. *The Wars of Justinian*. Translated by H. B. Dewing, revised and modernized, with an introduction and notes, by Anthony Kaldellis. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 2014. p. 262.

⁶⁰ FOSS, *op. cit.*, p. 152-169; POTTER, *op. cit.*, p. 152-155; EVANS, *op. cit.*, p. 79-80; CESARETTI, *op. cit.*, p. 199-200.

perigo iminente, uma vez que precisaram que uma mulher fizesse um pronunciamento em uma circunstância que não era considerada apropriada – como Procópio relata no início do discurso de Teodora – para que encorajasse os homens a permanecerem e lutarem pelo poder. Esse tópico, como todos os demais em *História Secreta* que envolvem a autonomia feminina sobre os homens, é visto pelo autor como insultos a normativas sociais⁶¹, todavia não nos impede de observar a atuação do poder imperial feminino. Nesse caso, a Imperatriz, com seu discurso, conseguiu influenciar a decisão do seu marido de ficar e defender o seu reinado, uma atitude que garantiu a sua permanência enquanto imperatriz e lhe concedeu prestígio pelo feito alcançado.

Segundo Procópio de Cesareia, após o discurso de Teodora e com os ânimos recuperados, Justiniano e os demais presentes na reunião começaram a articular como se daria o embate. Ao chegar ao Hipódromo, Hipácio se dirigiu a Kathisma⁶², e Belisário, a mando do imperador, tentou chegar com suas tropas até Hipácio pela passagem do palácio que dava acesso ao camarote imperial, mas os guardas ali presentes decidiram não tomar partido. O imperador então solicitou a Belisário que entrasse pelo Portão de Bronze, e ele, avançando contra a população que se encontrava no caminho, chegou a Hipácio e seus aliados. Enquanto isso, Mundo, que da mesma maneira que Belisário se encontrava na cidade em um momento oportuno, entrou no circo pela entrada chamada Portão da Morte⁶³ ao ver o que estava ocorrendo, e assim ele e seus homens se juntaram à matança que culminou na morte de cerca de 30 mil pessoas, um número que chega a cerca de 35 mil no relato de João Malalas, este também, ainda acrescenta o papel do eunuco Narses – aliado da imperatriz – na compra de membros da facção dos Azuis, que incitaram distúrbios no Hipódromo e ajudaram na contenção da multidão⁶⁴.

Procópio de Cesareia e João Malalas comentam sobre a defesa de Hipácio e Pompeu a respeito de suas participações no motim ao afirmarem que foram forçados a participar da revolta e que levaram a turba para o Hipódromo justamente para que o imperador conseguisse contê-la. Mesmo com essas alegações, no dia seguinte ao massacre, Hipácio e Pompeu foram mortos e seus corpos foram jogados ao mar⁶⁵. Zacarias de Mitilene, um bispo e historiador eclesiástico

⁶¹ Ex. PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. II, 32-36; III, 12; IV, 6-31; V, 8-13.

⁶² Espécie de camarote do imperador no qual contemplava as atividades que ocorriam no Hipódromo.

⁶³ Portão que servia para remover cavalos mortos e cocheiros feridos durante as corridas no circo. EVANS, *op. cit.*, p. 80.

⁶⁴ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXIV, 38-54; JONH MALALAS. *Chronicle*. 18.71 (476-477).

⁶⁵ *Ibid.*; PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXIV, 55-56.

contemporâneo aos eventos da Revolta de Nika, ao escrever⁶⁶ sobre a sedição, menciona o papel incisivo de Teodora para que os irmãos que protagonizaram o motim fossem executados:

Hipácio e Pompeu foram finalmente capturados e entraram antes [115] que o imperador, e quando ele entendeu o [assunto], ele quis poupar os homens, mas ele não foi capaz [de fazê-lo] porque sua consorte, enfurecida, jurou por Deus e por ele e o fez prometer que os homens seriam mortos⁶⁷.

Para os historiadores Evans e Cesaretti, Justiniano pode ter cogitado perdoar Hipácio e Pompeu pela proximidade; a própria filha de Teodora havia se casado com um familiar da casa de Anastácio. Entretanto, a Imperatriz temia a fraqueza e o surgimento de novas conspirações que a anistia poderia gerar para o governo imperial⁶⁸. Nesse sentido, como apresentado no relato de Zacarias de Mitilene, podemos presumir que Teodora além de ter ocupado um papel decisivo na Revolta de Nika ao influenciar o imperador na contenção da sedição, também o direcionou na punição dos seus desertores. É interessante pontuar que o relato de Zacarias se assemelha em certa medida da caracterização que temos de uma Teodora vingativa em *História Secreta*, o que levou Charles Pazdernik a questionar por qual motivo Procópio não menciona essa passagem em sua *inventio*, indaga se foi por não ter conhecimento do ocorrido ou uma omissão consciente, enxergando que sua franqueza sobre a atuação da Imperatriz nesse episódio só poderia ser exposta até certo ponto. De qualquer forma, mesmo que não tenhamos respostas concretas pra tal omissão ou se de fato Teodora fez tais pronunciamentos, vale ressaltar que se consideramos os apontamentos de Zacarias podemos fundamentar outros presentes em *História das Guerras e História Secreta* em que a sagacidade da Imperatriz sobressai na perseguição aos seus inimigos, na manutenção do seu poder imperial e na influência perante o Imperador⁶⁹.

⁶⁶ Os seus escritos sobre as histórias eclesiásticas foram perdidos, no entanto um manuscrito de um autor anônimo do século VI que contém partes da *História eclesiástica*, de Zacarias de Mitilene, denominado entre os estudiosos como Pseudo-Zacarias Retórico.

⁶⁷ ZACHARIAH OF MYTILENE. *The Chronicle of Pseudo-Zachariah Rhetor: The Church and War in Late Antiquity*. Translated by Geoffrey Greatrex, Robert R. Phenix and Cornelia B. Horn. Liverpool: Liverpool University Press, 2010. (Translated Texts for Historians volume 55) (9.14) “Hypatius and Pompey were finally seized, and they entered before [115] the emperor, and when he understood the [matter], he wanted to spare the men, but he was not able [to do so] because his consort, enraged, swore by God and by him and made him promise that the men be killed” (tradução nossa).

⁶⁸ EVANS, *op. cit.*, p. 81; CESARETTI, *op. cit.*, p. 201-202.

⁶⁹ PAZDERNIK, Charles. “Our Most Pious Consort Given Us by God”: Dissident Reactions to the Partnership of Justinian and Theodora, A.D. 525–548. *Classical Antiquity*, v. 13, n. 2, p. 256-281, 1994. p. 272.

2.3 Atuação de Antonina nas campanhas militares: um estudo a partir de *História das Guerras e História Secreta*

Como mencionado anteriormente, em seus escritos Procópio de Cesareia relata o papel ativo que Antonina desempenhou nas campanhas militares contra os Vândalos e os Ostrogodos. Segundo David A. Parnell, ainda que não fosse completamente incomum que os oficiais levassem suas esposas para as expedições era algo raro de acontecer⁷⁰, tornando a presença recorrente e atuante de Antonina nas campanhas militares singular, e o que certamente levou Procópio a destacar a participação dela em *História das Guerras* e a criticar sua conduta e influência sobre Belisário em *História Secreta*⁷¹.

2.3.1 A presença de Antonina em *Guerra Vândala* e *Guerra Gótica* de Procópio de Cesareia

Em 533, ano subsequente à repressão do motim que colocou em risco o poder imperial, Justiniano havia firmado a “Paz sem fim” com o Rei Cosroes I (531-579) na fronteira Oriental e embarca suas tropas em campanhas militares no Oeste. Assim, Belisário, que demonstrou seu valor e lealdade ao conter a sedição, liderou a expedição contra o reino dos Vândalos⁷², que dominavam a região Norte da África desde o ano de 439. Em *História das Guerras*, no livro III, dedicado à *Guerra Vândala*, Procópio de Cesareia nos informa sobre a sua presença e a de Antonina na comitiva de Belisário:

[...] o general Belisário e Antonina, sua esposa, partiram. E estava com eles também Procópio, que escreveu esta história; que anteriormente estava extremamente aterrorizado com o perigo, mas, mais tarde, teve uma visão durante o sono que o fez tomar coragem e o deixou com vontade para embarcar na expedição⁷³.

No mesmo livro, o autor relata as dificuldades que assolaram as tropas durante a viagem ao Norte da África. Ao desembarcarem em Methoni⁷⁴, cerca de 500 soldados morreram em

⁷⁰ PARNELL, *op. cit.*, p. 65.

⁷¹ Antonina não é mencionada em *Guerra Persa*, o que levou a especulação que entre 527 e 531 ela teria dado a luz a sua filha Joaninna, todavia, em *História Secreta* seu envolvimento indiretamente nas resoluções da segunda campanha contra os Persas será criticado por Procópio, como veremos mais adiante. PARNELL, *op. cit.*, p. 34-35.

⁷² Esse território, denominado por Procópio como Líbia, atualmente corresponde à atual Tunísia, leste da Argélia e a parte noroeste da Líbia, na antiga província de Tripolitânia. FLORES RUBIO, José Antonio. Introducción. In: PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras: Libros III-IV, Guerra Vándala*. Introducción, traducción y notas de José Antonio Flores Rubio. Madrid: Editorial Gredos, 2006. p. 13. Pode ser observado na figura 2.

⁷³ PROCOPIUS. *History of the Wars: Book III and IV. The Vandalic War*. English translate by H. B. Dewing. London: Harvard University Press, 2006. (Loeb Classical Library 81). III, 12, 2-3. “the general Belisarius and Antonina, his wife, set sail. And there was with them also Procopius, who wrote this history; now previously he had been exceedingly terrified at the danger, but later he had seen a vision in his sleep which caused him to take courage and made him eager to go on the expedition” (tradução nossa).

⁷⁴ Moderna Modon, localizada na península ocidental da costa sul do Peloponeso. FLORES RUBIO. *op. cit.*, p. 143. Pode ser observado na figura 3 em anexo.

decorrência de uma intoxicação alimentar ocasionada pela ingestão de pães mofados e apodrecidos. Segundo o autor, o culpado por essas mortes foi João da Capadócia, que, ao optar por economizar no cozimento dos pães, os enviou malcozidos, provocando sua desintegração. Além disso, acrescenta que Justiniano, ao ser informado do ocorrido, não impôs nenhuma punição ao prefeito do Pretório⁷⁵. Como mencionado, seu descontentamento com a corrupção exercida pelos magistrados do Império será melhor exposta em *História Secreta*⁷⁶.

Após esses eventos, ao chegarem a Zacinto⁷⁷, as embarcações foram abastecidas com água suficiente para cruzar o Mar Adriático. Não obstante, devido à falta de ventos a frota demorou mais do que o previsto para chegar à Sicília, e a água para consumo acabou estragando no atraso da travessia, exceto a de Belisário e de seus companheiros de mesa, graças à sagacidade de Antonina, como nos informa Procópio de Cesareia:

Pois só isso foi preservado pela esposa de Belisário da seguinte maneira. Ela encheu postes de vidro com água e construiu uma pequena sala com tábuas no porão do navio onde era impossível a entrada de sol, e ali afundou os potes de areia, e assim a água permaneceu inalterada⁷⁸.

Esse procedimento realizado por Antonina inibiu o crescimento de algas nas águas que estavam sob seu poderio, permitindo que sua embarcação seguisse até a Sicília com água potável, um detalhe que não passou despercebido por Procópio ao passo que considerou prudente seu relato para posterioridade, como também podemos relacionar ao seu possível entendimento sobre química rudimentar⁷⁹. Além desse momento, Procópio de Cesareia relata o engajamento de Antonina na campanha ao chegar ao Norte da África. Em direção a Cartago, Belisário, ao observar um lugar adequado para levantar um acampamento, a cerca de 6,5 km de Ad Decimum⁸⁰, “deixou sua esposa e a infantaria entrincheirada no acampamento, e ele próprio partiu com todos os cavaleiros”⁸¹. Posteriormente, após a batida em retirada de Gemiler na Batalha de Ad Decimum, Procópio menciona Antonina mais uma vez ao se reagrupar ao

⁷⁵ PROCOPIUS. *The Vandalic War*. III, 13, 9-20.

⁷⁶ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. XXI, 1-10.

⁷⁷ Atual Zante, é uma das ilhas Jônicas, situada ao noroeste do Peloponeso. FLORES RUBIO, *op. cit.*, p. 145. Pode ser observado na figura 3 em anexo.

⁷⁸ PROCOPIUS. *The Vandalic War*. III, 13, 24. “For this alone was preserved by the wife of Belisarius in the following manner. She filled with water jars made of glass and constructed a small room with planks in the hold of the ship where it was impossible for the sun to penetrate, and there she sank the jars in sand, and by this means the water remained unaffected.” (tradução nossa)

⁷⁹ EVANS, *op. cit.*, p. 87; PARNELL, *op. cit.*, p. 66.

⁸⁰ A cerca de 22 km de Cartago. FLORES RUBIO, *op. cit.*, p. 167. Pode ser observado na figura 2 em anexo.

⁸¹ PROCOPIUS. *The Vandalic War*. III, 19, 11. “left his wife and the barricaded camp to the infantry, and himself set forth with all the horsemen” (tradução nossa).

exército: “no dia seguinte a infantaria com a esposa de Belisário apareceu e todos nós prosseguimos juntos na estrada para Cartago, que alcançamos no final da noite”⁸².

Após a vitória efetiva sobre os Vândalos na Batalha de Tricamaro e a redenção do Rei Gelimer no ano seguinte, em 534, Belisário e Antonina retornam para Constantinopla com o rei Vândalo e o botim da guerra deixando para Salomão a defesa do Norte da África. Na capital do Império, Belisário é recebido com um desfile pela cidade da sua casa até o Hipódromo, onde se prestou ao trono imperial⁸³. Em 535, ele ascendeu ao Consulado⁸⁴ e, no mesmo ano, como comandante-chefe (*stratēgos autokratōr*), embarcou em campanha militar contra os Ostrogodos na Sicília.

Em *História Secreta*, ao mencionar o poderio de Siracusa por Belisário, o autor aponta a presença de Antonina na expedição contra os godos desde a chegada do general à Sicília⁸⁵. Todavia, no que concerne à sua atuação descrita em *História das Guerras, Guerra Gótica*, durante o Cerco de Roma⁸⁶, Procópio de Cesareia menciona que, em meio às tribulações com os godos ao tardar da noite, “Belisário, que ainda estava em jejum, foi obrigado por sua mulher e pelos amigos que estavam presentes a provar um pedaço pequeno de pão”⁸⁷. Para Parnell, provavelmente foi Antonina que reuniu os companheiros do general para convencê-lo a comer, quando suas preocupações se voltada para a campanha⁸⁸. Mas a participação de Antonina não se limita à preocupação na alimentação do seu cônjuge; tal como em *Guerra Vândala*, Antonina desempenhou um papel de destaque na expedição, desta vez em relação ao carregamento de grãos para Roma.

No decurso do Cerco, após um rumor de que o imperador havia embarcado reforços para Nápolis, Belisário enviou Procópio de Cesareia para lá a fim de que

[...] carregasse o maior número de navios com grãos e reunissem todos os soldados que chegassem de Bizâncio ou que haviam sido deixados ali [...] para finalmente, retornar acompanhado por eles, com os grãos até Óstia, onde ficava o porto dos romanos⁸⁹.

⁸² PROCOPIUS. *The Vandalic War*. III, 20,1. “on the following day the infantry with the wife of Belisarius came up and we all proceeded together on the road toward Carthage, which we reached in the late Evening” (tradução nossa).

⁸³ PROCOPIUS. *The Vandalic War*. IV, 9, 1-3. Parnell propõe que possivelmente após esse evento Belisário e Antonina receberam a distinção de Patricios. PARNELL, *op. cit.*, p. 83.

⁸⁴ PROCOPIUS. *The Vandalic War*. IV, 9, 15.

⁸⁵ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 21.

⁸⁶ Momento em que a cidade foi sitiada pelos Ostrogodos, de março de 537 a março de 538.

⁸⁷ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. V, 18, 43. “Belisario, que estaba todavía en ayunas, lo obligaron con dificultad su mujer y cuantos de sus amigos estaban presentes a que probara apenas un trozo muy pequeño de pan” (tradução nossa).

⁸⁸ PARNELL, *op. cit.*, p. 96-97.

⁸⁹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 4, 2. “cargara de grano el mayor número de barcos posible y que reuniera a todos los soldados que en ese preciso momento habían llegado de Bizancio o que habían

Logo em seguida, ao saber que seu assessor chegou em segurança a Campânia⁹⁰, o general ordenou que os oficiais Martino e Trajano fossem a Taracina⁹¹ acompanhados com mil homens para que tomassem posse das fortalezas daquela localidade, usando-a como base de operações para realizar ataques aos godos que se movimentassem naquela região com suprimentos. Com eles “enviou também sua esposa Antonina com ordem que ela fosse transferida com alguns homens para Nápolis e aguardar em segurança a fortuna que recairia sobre os romanos”⁹²; desse modo, quando chegaram a Taracina, “enviaram Antonina a Campânia acompanhada de alguns homens”⁹³. Segundo Evans, Antonina foi a responsável pela base para atacar os suprimentos godos em Taracina⁹⁴; no entanto, em *Guerra Gótica* sua passagem pelo local é apenas mencionada⁹⁵. De qualquer forma, Procópio de Cesareia ressalta que Belisário a enviou para Nápolis para lidar com a expedição dos suprimentos de grãos para Roma, embora ele mesmo já tivesse mandado seu assessor.

Procópio, por sua vez, ao chegar a Nápolis, reuniu ao menos 500 soldados e havia carregado uma quantidade considerável de barcos com grãos, e “não muito tempo depois, se reuniu com ele Antonina, que imediatamente colaborou nos preparativos da frota”⁹⁶. A ida de Antonina logo após Belisário ter enviado seu assessor, fez Parnell suspeitar do incomodo que isso causou a Procópio, uma vez que era sua grande contribuição a campanha para além de suas obrigações enquanto assessor, como também não seria improvável pensar que Antonina assumiu a operação, embora Procópio apenas mencione que cooperou⁹⁷. De qualquer forma, fica perceptível como a presença e atuação de Antonina nas campanhas desencadeou o relato que encontramos em *História Secreta*, principalmente sobre a parceria que exerceu com o seu cônjuge nas guerras.

sido dejados allí [...] para finalmente regresar, acompañado de ellos, con el grano hasta Ostia, donde se encontraba el fondeadero de los romanos” (tradução nossa).

⁹⁰ Região sudoeste da Itália, a cidade de Nápoles é a mais importante e a capital da Campânia. FLORES RUBIO, José Antonio. Notas. PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras: Libros V-VI, Guerra Gótica*. Introducción, traducción y notas de José Antonio Flores Rubio. Madrid: Editorial Gredos, 2006. p. 88. Pode ser observado na figura 4 em anexo.

⁹¹ Atualmente, recebe o nome de Terracina, localizado na região costeira do Lácio. FLORES RUBIO, *op. cit.*, p. 109. Para mais detalhes, observar a figura 4 em anexo.

⁹² PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 4, 6. “envió entonces también a su esposa Antonina, con el encargo de que se la trasladara con unos pocos hombres a Neápolis y que aguardara en lugar seguro qué fortuna iban a correr los romanos” (tradução nossa).

⁹³ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 4, 14. “enviaron a Antonina a Campania acompañada de unos cuantos hombres” (tradução nossa).

⁹⁴ EVANS, *op. cit.*, p. 135.

⁹⁵ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 4, 6.

⁹⁶ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 4, 20. “No mucho tiempo después se reunió con él Antonina, que inmediatamente colaboró con él en los preparativos de la flota.” (tradução nossa)

⁹⁷ PARNELL, *op. cit.*, p. 110.

Algum tempo depois chegam os reforços prometidos: uma frota de Isáuros liderados pelo oficial João desembarcou no porto Óstia. Ao chegar ao local, Belisário ordenou que fossem enviados os carregamentos para Roma, enquanto ele ficaria encarregado de que a travessia ocorresse de modo seguro, ao passo que

[...] Antonina, junto com os comandantes, ao amanhecer começaram a considerar qual era o melhor modo de transportar os carregamentos [...] escolheram os barcos que estavam nos navios maiores e, depois de colocar em todo seu contorno uma cerca de tábuas altas, com a ideia de que os homens a bordo não fossem expostos a nenhum disparo vindo dos inimigos, fizeram subir nas embarcações arqueiros e marinheiros em número adequado a cada um dos barcos. Depois de terem depositado nos barcos toda a carga que eram capazes de transportar, esperaram um vento favorável e navegaram em direção a Roma⁹⁸.

A última menção à atuação de Antonina em *História das Guerras* acontece no sétimo livro da *Guerra Gótica*, momento do retorno de Belisário às campanhas militares na Península Itálica. Na ocasião, “Antonina, a mulher de Belisário, partiu para Bizâncio com a intenção de pedir a Imperatriz que lhes fornecessem maiores recursos para a guerra”⁹⁹, no entanto a Imperatriz havia morrido recentemente¹⁰⁰. É interessante pontuar, apesar das circunstâncias, que esse foi o único momento em que Procópio relata o envolvimento de ambas em algo relacionado diretamente às guerras, sendo que Antonina, numa tentativa de ajudar seu marido que passava por uma situação periclitante na Itália, vai à capital em busca de apoio.

Dessa forma, percebemos que tanto em *Guerra Vândala* quanto em *Guerra Gótica* Antonina assume funções nas campanhas que dificilmente seriam concedidas às mulheres; segundo Averil Cameron: “claramente, durante os bons dias, ela atuou como assessora de Belisário da mesma forma que o próprio Procópio e muitas vezes junto com ele”¹⁰¹, se pudemos acrescentar, até acima dele de forma que poderia representar autoridade na ausência do general. Embora sua participação nas expedições em *História das Guerras* seja mencionada por

⁹⁸ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 7, 4-8. “[...] Antonina, junto con los comandantes, al amanecer empezó a considerar cuál era el mejor modo de transportar los cargamentos [...] escogieron los botes que estaban en los barcos de mayor tamaño y, tras colocar en todo su contorno un cercado de altos tablones, con idea de que los hombres de a bordo no estuvieran expuestos a ningún disparo proveniente de los enemigos, hicieron subir a las embarcaciones arqueros y marinos en un número adecuado a cada uno de los botes. Después de haber depositado en las embarcaciones cuanta carga eran capaces de transportar, aguardaron a que les soplara viento favorable y se hicieron a la vela rumbo a Roma.” (tradução nossa)

⁹⁹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*: Libros VII- VIII, Guerra Gótica. Introducción, traducción y notas de Francisco Antonio García Romero. Madrid: Editorial Gredos, 2007. VII, 30, 3-4. “Antonina, la mujer de Belisario, partió hacia Bizancio con la intención de pedirle a la emperatriz que les proveyera de mayores recursos para la guerra” (tradução nossa).

¹⁰⁰ No dia 28 de junho de 548. Sobre a causa da sua morte, os historiadores tendem a mencionar, com ressalvas, uma fonte contemporânea que relata como causa da morte um tumor. CESARETTI, *op. cit.*, p. 342.

¹⁰¹ CAMERON, *op. cit.*, p. 70. “clearly, during the good days, she had acted as an aide to Belisarius in much the same way as Procopius himself and often enough together with him” (tradução nossa).

Procópio de forma ativa e de amparo ao seu cônjuge, o general Belisário, nos primeiros capítulos de *História Secreta* a entonação dessas narrativas muda drasticamente. Nessa seção, o autor, ao se dedicar aos relatos dos bastidores das campanhas militares, parte do seu posicionamento e de suas experiências pessoais dos anos que serviu a Belisário e, desse modo, deixa claro que desaprovava a presença de Antonina nas campanhas, pois, segundo ele, “para que seu marido deixando sozinho não caísse em si e, repudiando seus encantos, pensasse como devia em relação a ela, procurou acompanhá-lo em todas as partes”¹⁰², assim a parceria e influência que Antonina exerceu durante as campanhas foram criticadas pelo autor, por não concordar com sua atuação nas campanhas, um ambiente que julgava masculino. Nesse sentido, a partir dos relatos expostos por Procópio em *História Secreta*, pretendemos abordar a atuação de Antonina nos bastidores das campanhas militares.

2.3.2 O caso de Antonina em *História Secreta*: os bastidores de *História das Guerras*

Procópio de Cesareia, em *História Secreta*, relata que Teodósio, um jovem da Trácia da casa de Belisário e que pertencia à seita dos Eunomianos¹⁰³, foi batizado e adotado formalmente dentro dos ritos cristãos por Belisário e Antonina, tendo também participado na expedição contra os Vândalos e Ostrogodos. Segundo o autor, desde a adoção Antonina amava Teodósio como a um filho, todavia durante a campanha vândala “se sentiu dominada por um amor violento por ele”¹⁰⁴ e, sem pudor ou respeito às leis divinas e dos homens, se entregou a essa união, e o que começou às escondidas logo era caso conhecido entre os escravos e empregados. Como sabemos, para diversos tópicos abordados em *História Secreta* não temos outras fontes que corrobore com Procópio, o possível caso de Antonina e seu filho adotado Teodósio é um deles. Contrariando o que muitos historiadores consideraram genuíno, Parnell questiona essa relação extraconjugal ao lembrar que no gênero *inventio* os personagens são caracterizados com críticas mordaz. Assim, Procópio narra que, uma vez, Belisário, ao entrar em uma habitação subterrânea em Cartago, pegou os dois em flagrante. Porém, Antonina perspicazmente disse:

¹⁰² PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. II, 2. “pues para que su marido al quedarse a solas no volviera en sí y, repudiando sus encantamientos, pensase como debía respecto a ella, había procurado acompañarlo a todas partes” (tradução nossa).

¹⁰³ Os Eunomianos recebem o nome do seu fundador, Eunômio de Cízico, e seguem uma ramificação da heresia ariana, que foi condenada no Primeiro Concílio de Constantinopla em 381. Em *História das Guerras* (III, 12, 1-2), Procópio relata que o Patriarca da cidade, Epifânio, após realizar as preces, manda subir à embarcação um soldado recentemente batizado, e os historiadores tendem a vincular esse soldado a Teodósio. SIGNES CODOÑER, Juan. Notas. In: PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. Introducción, traducción y notas de Juan Signes Codoñer. Madrid: Editorial Gredos, 2000. p. 149; KALDELLIS, *op. cit.*, 2014, p. 171; PARNELL, *op. cit.*, p. 63.

¹⁰⁴ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 17. “se sintió dominada por un violento amor hacia él” (tradução nossa).

“Vim aqui com o menino para ocultar a parte mais valiosa do motim para que não chegue a ser descoberto pelo imperador”¹⁰⁵, e assim Belisário ficou convencido, apesar de ver como o cinto de Teodósio estava afrouxado. No primeiro momento, o autor ridiculariza a figura de ambos ao demonstrar uma mulher que se desvirtua do papel acatado pela sociedade para esposa, enquanto Belisário aparece como um homem débil facilmente manipulado por seu cônjuge. No entanto, historiadores apontam que nesse cenário descrito Procópio coloca na boca de Antonina as acusações que foram feitas posteriormente a Belisário de se apropriar de grande parte do saque do tesouro dos reis Vândalos ao tomar o Palácio de Gelimer em Cartago no ano de 533, além de também apontar para o momento da construção da fortuna pessoal de Belisário que possibilitou seus gastos nas campanhas seguintes¹⁰⁶.

Ato contínuo, durante a campanha gótica, em Siracusa, Procópio nos informa que uma escrava de nome Macedônia resolveu contar o caso de Antonina a Belisário e em troca pediu proteção para si mesma. O general, por sua vez, mandou que alguns de seus homens matassem Teodósio; no entanto, segundo o autor, seus assessores acharam mais seguro agradar a Antonina e por conta disso Teodósio foi avisado do ocorrido e fugiu para Éfeso. Logo depois, “seja por artes mágicas ou bajulações, convenceu ao seu marido de que as acusações não tinham fundamento”¹⁰⁷, e Belisário manda Teodósio retornar e entrega Macedônia e os escravos que foram testemunhas a Antonina. Em seguida, “ela, depois de cortar a língua de todos, segundo contam, fez seus corpos em pequenos pedaços e, colocando-os em sacos, jogou ao mar sem hesitação”¹⁰⁸. Para Parnell, nesse relato como o de Cartago em que as calúnias sexuais se sobressaem, o que estaria envolto eram questões financeiras, possivelmente uma discussão entre Belisário e Antonina se deu por esta ajudar Teodósio no desvio de dinheiro para si¹⁰⁹. Além disso, podemos conjectura que em um ambiente no qual Antonina demonstra ter mais afeto por Teodósio do que pelo seu filho Fócio poderia surgir rumores sobre uma suposta relação entre eles, boatos que Procópio pode facilmente dar toques de promiscuidade e crueldade.

No livro VI, dedicado à *Guerra Gótica*, Procópio de Cesareia relata que, durante o Cerco de Roma, Belisário foi importunado por Presídio – um romano que morava em Ravena e que

¹⁰⁵ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 19. “Vine aquí con el muchacho a ocultar lo más valioso del botín, para que no llegue a ser descubierto por el emperador” (tradução nossa).

¹⁰⁶ SIGNES CODONER, *op. cit.*, p. 150; EVANS, *op. cit.*, p. 90; PARNELL, *op. cit.*, p. 79-81.

¹⁰⁷ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 26. “ya fuese con artes magicas, ya con adulaciones, convence a su marido de que las acusaciones de ésta no tenían fundamento” (tradução nossa).

¹⁰⁸ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 27. “Ella, después de cortarle a todos la lengua, según cuentan, los hizo despedazar en pequeños trozos y, metiéndolos en sacos, los arrojó al mar sin la menor vacilación.” (tradução nossa)

¹⁰⁹ PARNELL, *op. cit.*, p. 90-92.

há pouco havia entrado para as forças romanas – para que fizesse com que o comandante Constantino devolvesse suas duas adagas com capas adornadas a ouro e pedras preciosas, que foram pegas por um dos subordinados do comandante quando Presidio descansava em Espoleto, a caminho de Roma. Belisário prometeu que devolveria as adagas e convocou Constantino e alguns comandantes para o palácio e, após explicar o caso para os presentes, solicitou que lhe entregasse as adagas. Mas Constantino se recusou a devolvê-las, e Belisário então chamou os guardas para prendê-lo¹¹⁰. No entanto,

Constantino, convencido de que iria morrer naquele mesmo instante, sentiu o desejo de realizar uma ação importante antes de sofrer algum dano. Por este motivo tirou precisamente a adaga que estava pendurada ao lado da sua coxa direita e lançou-a, num piscar de olhos, para o ventre de Belisário. Este, cheio de terror, deu um passo para trás e, cercando Bessas com os braços, que estava perto dele, conseguiu evitar o golpe. Então Constantino, ainda fervendo de raiva, foi atrás do general, mas Ildiger e Valeriano, vendo o que estava acontecendo, um pegou a mão direita e o outro a esquerda e puxaram ele para trás. Nesse momento entraram os lanceiros, que pouco antes Belisário havia chamado, eles arrancaram com grande violência o punhal das mãos de Constantino e o capturaram em meio a um grande alvoroço. Contudo, naquele exato momento, nenhum dano lhe foi infligido, provavelmente, suponho, por respeito aos oficiais que estavam presentes, mas, por ordem de Belisário, o levaram para outra sala, onde o mataram pouco depois.¹¹¹

Em *História das Guerras*, a execução de Constantino ocorreu por tentativa de assassinato, roubo e desobediência ao comandante-chefe, mas Procópio relata seu descontentamento com as medidas tomadas por Belisário, pois “não era de modo algum digna do caráter deste homem, pois se comportava com grande benevolência em seu trato com todos os demais”¹¹²; dessa forma, em *História Secreta* Procópio associa a atitude de Belisário à influência de Antonina. No ano anterior, em meio ao tumulto em volta das acusações de adultério contra Antonina, Constantino teria se pronunciado diante de Belisário, dizendo-lhe que, se fosse ele, daria um fim à esposa e não ao menino. Pouco depois ela ficou sabendo do

¹¹⁰ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 8, 2-13.

¹¹¹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 8, 14-17. “Constantino, convencido de que iba a morir de un momento a otro, sintió el deseo de llevar a cabo una acción importante antes de sufrir él algún daño. Por este motivo precisamente tiró del puñal que colgaba junto a su muslo derecho y lo lanzó, en un abrir y cerrar de ojos, al vientre de Belisario. Éste, lleno de terror, dio un paso atrás y, rodeando con sus brazos a Bessas, que se encontraba cerca de él, logró esquivar el golpe. Entonces Constantino, todavía hirviendo de ira, fue en pos del general, pero Ildiger y Valeriano, al ver lo que se estaba produciendo, el uno lo tomó de la mano derecha y el otro de la izquierda y tiraron de él hacia atrás. En ese momento entraron los lanceros que poco antes había llamado Belisario, le arrancaron de las manos a Constantino con gran violencia el puñal y lo apresaron en medio de un gran alboroto. Con todo, en ese mismo momento no le infligieron ningún daño, seguramente, creo yo, por respeto a los oficiales que se encontraban presentes, pero, por orden de Belisario, se lo llevaron aparte a otra habitación, donde al poco rato le dieron muerte.” (tradução nossa)

¹¹² PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 8, 18. “no era en modo alguno digna del carácter de este hombre, pues se comportaba con gran benevolencia en su trato con todos los demás” (tradução nossa).

ocorrido, mas, segundo o autor, aguardou o momento oportuno para se vingar. Assim, Procópio de Cesareia afirma que por vingança ela persuadiu Belisário a matar Constantino¹¹³, visto que, “embora este homem estivesse prestes a ser livre, Antonina não cedeu até que fosse punido”¹¹⁴.

Percebemos que os livros guardam entre si certas similitudes, na medida em que *Histórias das Guerras* menciona que não era do feitio de Belisário tratar seus subordinados dessa maneira, enquanto em *História Secreta*, Procópio responsabiliza Antonina pela atitude do general. No entanto, mesmo que a tentativa do autor seja minimizar o erro de Belisário acusando sua esposa de agir impulsionada por vingança, algo que se assemelha ao que apresenta sobre Teodora ao longo de *História Secreta*, pode ter havido outros motivos que também condicionaram Belisário a essa decisão, uma vez que garantia a sua posição de respeito entre seus pares, pois sofrera um atentado, e por mais que Procópio mencione que o Imperador e os demais comandantes não gostaram da sua conduta, ele não sofreu nenhuma retaliação pelo ocorrido¹¹⁵.

Em 540, na capital gótica, o descontentamento com o governo de Vitigis¹¹⁶ e a repulsa pelo domínio de Justiniano levaram os godos a oferecerem a Belisário a soberania sobre toda a Itália como Imperador do Ocidente. Contudo, ele se recusava a agir contra o imperador dos romanos e fingiu estar de acordo com a proposta dos godos; ao entrar em Ravena, capturou Vitigis e se apoderou do tesouro real dos reis godos¹¹⁷. Pouco depois, Justiniano solicitou o retorno de Belisário a Bizâncio para que fosse enviado à fronteira Oriental, onde os Persas haviam quebrado o acordo “Paz sem fim”. Ao chegar à capital do Império, a recepção se mostrou muito diferente do cortejo triunfal que ocorrera com a redenção de Gelimer e o motim dos Vândalos, isso porque desta vez o tesouro dos godos fora exibido apenas no palácio, onde pôde ser admirado pelos senadores, mas não pelo povo da capital¹¹⁸.

Sobre isso, Stephanie Martins, ao analisar em sua dissertação a imagem das lideranças políticas na *História das Guerras*, destaca que uma das características de Justiniano apontadas por Procópio de Cesareia era a inveja dos feitos de Belisário, tal qual ocorreu com a vitória de

¹¹³ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 24-28.

¹¹⁴ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 29. “pues aunque este hombre a punto estuvo de quedar libre, Antonina no cesó hasta que lo castigo” (tradução nossa)

¹¹⁵ PARNELL, David Alan. *Justinian's Men Careers and Relationships of Byzantine Army Officers, 518–610*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 85; PARNELL, David Alan. *Belisarius & Antonina...* op. cit., p.114.

¹¹⁶ Após o descaso do Rei Teodato com a presença bizantina na Itália, Vitigis, que possuía experiência militar, foi coroado Rei dos Ostrogodos (536-540). PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. V, 11, 5.

¹¹⁷ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VI, 29, 17-40.

¹¹⁸ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. VII, 1, 3.

Belisário contra os godos¹¹⁹. Também nesse sentido Paolo Cesaretti aponta que Teodora havia aconselhado Justiniano a não realizar o Triunfo, pois reforçaria o culto à personalidade de Belisário¹²⁰, e, apesar de Procópio não explicitar essa afirmação em seus livros, seja no caso da Revolta de Nika ou em outros casos que ainda serão discutidos nesta análise, percebemos como Teodora sempre agiu de forma precavida quando o assunto poderia interferir no seu poder imperial.

2.3.3 Troca de “favores sangrentos”: a Imperatriz intervém por Antonina

Em *História das Guerras*, ao mencionar o plano articulado por Antonina para a queda de João da Capadócia, Procópio alude que ela se preparava para ir ao encontro do seu esposo no Oriente após prestar seus serviços à Imperatriz. Enquanto isso, em *História Secreta* Procópio acrescenta detalhes que direcionaram os eventos que sucederam logo em seguida. Segundo o autor, quando Antonina ainda se encontrava em Bizâncio para manter Fócio longe do seu caso com Teodósio, caluniava-o constantemente “escrevendo praticamente todos os dias contra ele e fazendo o que podia contra o jovem”¹²¹. Este, por sua vez, ao saber que sua mãe ainda mantinha relações com Teodósio na capital, fez questão de que essa notícia chegasse aos ouvidos de Belisário. O general, tomado por ira, prostrou-se de joelhos aos pés de Fócio lamentando aquela situação e, após um longo discurso em que se colocou como sua figura paterna e reafirmou o compromisso de Fócio perante sua família, pediu que se vingasse daquele que arruinou sua casa. Fócio se mostrou disposto a ajudar, todavia com receio do que outrora aconteceu com Macedônia na Sicília, dado que “não tinha muita confiança no caráter instável de Belisário, pelo menos no que dizia respeito à sua esposa”¹²². Mas, após jurarem lealdade um ao outro, esperaram Antonina sair de Bizâncio e Teodósio ir a Éfeso para poderem se apoderar dele e de qualquer quantia da fortuna que tivesse consigo.

No livro *Guerra Persa*, Procópio nos relata sobre a tomada da fortaleza Sisaurano¹²³ por Belisário e seu exército após os sitiados se renderem por falta de provisões. Enquanto isso, o general esperava notícias de Aretas, chefe dos sarracenos, e suas tropas que foram enviados

¹¹⁹ SOUSA, Stephanie Martins de. *Guerra e Autoridade em Procópio de Cesareia: um estudo comparado dos líderes político-militares na História das Guerras*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017. p. 81-83.

¹²⁰ CESARETTI, *op. cit.*, p. 257.

¹²¹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. II, 4-5. “escribiendo prácticamente todos los días contra él y hacía cuanto podía contra el joven” (tradução nossa).

¹²² PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. II, 12. “no tenía en efecto excesiva confianza en el carácter inestable de Belisario, al menos en lo que se refería a su mujer”.

¹²³ Situada entre o Tigre a Leste e a fronteira romana a Oeste.

para o território da Assíria para averiguar as condições daquelas localidades para que Belisário pudesse seguir após a tomada da fortaleza, no entanto:

Belisário e o exército romano, não ouvindo nada sobre esta força, ficaram perturbados e cheios de medo e de uma suspeita intolerável e exagerada. E como eles gastaram muito tempo neste cerco, aconteceu que muitos dos soldados foram levados para lá com uma febre incômoda; pois a parte da Mesopotâmia que está sujeita aos persas é extremamente seca e quente. E os romanos não estavam acostumados com isso e principalmente os que vinham da Trácia; já que estavam vivendo a sua vida quotidiana num local onde o calor era excessivo e em cabanas abafadas no verão, ficaram tão doentes que a terceira parte do exército jazia meio morta.¹²⁴

Por esse motivo, e após discutir com seus oficiais, Belisário decidiu retornar ao território romano. Entretanto, em *História Secreta*, Procópio nos apresenta o que considera o pivô do retorno do general. Segundo o autor, quando Belisário acabou de tomar a fortaleza de Sisaurano, recebeu o comunicado de que Antonina estava a caminho para se juntar a ele na frente Oriental; sem hesitar, ele recuou ao seu encontro para confrontá-la pelas acusações que caíam sobre ela de manter um caso com Teodósio. Procópio, por sua vez, não desconsidera os motivos do retorno do general que relata em *Guerra Persa*, mas ressalta que “[...] sem dúvida esta notícia o levou a tomar essa decisão mais rapidamente. Mas, como disse no início deste livro, naquele momento me pareceu perigoso dizer todas as causas dos acontecimentos”¹²⁵.

Por consequência, Procópio comenta que todos os romanos acusaram Belisário de pôr seus assuntos pessoais à frente dos assuntos do Império. Todavia, o incômodo de Procópio perpassava a ideia de que – como mencionado em *História Secreta* –, se Belisário tivesse cruzado o rio Tigre com o exército, provavelmente teria conseguido saquear aquelas terras e chegar à cidade de Ctesifonte¹²⁶, a capital dos Sassânidas. Isso porque o Rei Cosroes I naquele momento invadia a Cólquida¹²⁷ e não estaria presente para proteger a Pérsia. Dessa forma, se considerarmos seu relato, ainda que saliente os outros motivos que causaram o retorno de Belisário, a presença de Antonina mais uma vez incomoda Procópio, visto que é sobre ela que

¹²⁴ PROCOPIUS. *The Persian War*. II, XIX, 30-32. “[...] Belisarius and the Roman army, hearing nothing concerning this force, were disturbed, and they were filled with fear and an intolerable and exaggerated suspicion. And since much time had been consumed by them in this siege, it came about that many of the soldiers were taken there with a troublesome fever; for the portion of Mesopotamia which is subject to the Persians is extremely dry and hot. And the Romans were not accustomed to this and especially those who came from Thrace; and since they were living their daily life in a place where the heat was excessive and in stuffy huts in the summer season, they became so ill that the third part of the army were lying half-dead.” (tradução nossa)

¹²⁵ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. II, 19-20. “[...] sin duda esta noticia le impulsó a tomar esa decisión todavía más rápidamente. Pero como dije al empezar este libro, en aquel momento me pareció que era peligroso decir todas las causas de los sucesos” (tradução nossa).

¹²⁶ Pode ser observado na figura 5 em anexo.

¹²⁷ Região ao Sul do Cáucaso, a atual Geórgia. A principal fortificação romana no local (Petra) foi tomada por Cosroes I no ano de 541. SIGNES CODONER, *op. cit.*, p. 159.

recaía a culpa pela negligência dos deveres militares do seu cônjuge. Para David Parnell, a crença de Procópio e dos seus pares era de que a vida privada dos oficiais não deveria interferir na vida pública, não por acaso raramente a família dos militares eram mencionadas e, quando mencionadas, são criticadas por interferirem nos assuntos militares, como a figura de Antonina. Entretanto, o historiador conclui que, para os oficiais, caso se mostrasse apropriado, eles optavam por dar prioridade a suas famílias em detrimento dos deveres militares, dado que em muitos casos sua vida privada se entrelaçava a suas carreiras pela composição de mais de um membro da família no exército, todavia, nesse caso considera que as causas apontadas em *Guerra Persa* seria mais do que suficientes e a narrativa de abondando do seu dever por questões familiares seria calúnia por parte de Procópio¹²⁸, além de culpar Antonina pelo ocorrido.

Continuando os eventos que sucederam em *História Secreta*, Procópio de Cesareia relata que Belisário, ao chegar ao território romano e se deparar com Antonina, a colocou sob guarda e por muitas vezes pensou em acabar com ela, mas “no final amolecia, segundo me parece, vencido como que por um amor ardente”¹²⁹. Não obstante, Evans pontua que, para além desse “amor ardente” que comprometia o julgamento de Belisário, a reação de Teodora caso algo acontecesse com Antonina era algo que ele levava em consideração¹³⁰ e o que provavelmente o fez mudar de ideia. Como prometido, Fócio dirigiu-se a Éfeso em busca de Teodósio e consigo levou como cativo um dos eunucos de sua mãe, Calígonas, e mediante tortura conseguiu extrair informações sobre o paradeiro de Teodósio, que, por sua vez, tentou se refugiar no santuário local¹³¹, mas, por meio de suborno, o sacerdote supremo de Éfeso, Andreas, o entregou a Fócio. Em *História das Guerras*, Procópio relata que, no inverno de 541, Belisário retorna a Bizâncio a pedido do imperador¹³²; em *História Secreta*, complementa que Teodora, numa tentativa de intervir a favor de Antonina, solicita o retorno do casal à capital do Império. Fócio, ao saber disso, envia Teodósio para a Sicília¹³³ para que ficasse à guarda dos

¹²⁸ PARNELL, *op. cit.*, p. 149-153. PARNELL, David Alan. *Belisarius & Antonina...* *op. cit.*, p.134-136.

¹²⁹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. III, 1. “se ablandó al final, según me parece, vencido como por un amor ardiente” (tradução nossa).

¹³⁰ EVANS, *op. cit.*, p. 154.

¹³¹ Trata-se da Igreja do Apóstolo São João, reconstruída durante o reinado de Justiniano; sua edificação é mencionada por Procópio em *Edifícios*, V, 1. O direito de asilo concedido pelas igrejas durante esse período estava presente no *Cod. Iust.* I, 12, e nas *Nov.* 17,7; 37, 10 e 117,15,1. SIGNES CODONER. *op. cit.*, p. 162.

¹³² PROCOPIUS. *The Persian War*. II, XIX, 49.

¹³³ Antiga região na costa sudoeste da Ásia Menor. Pode ser observada na figura 7 em anexo.

*bucellari*¹³⁴ de Belisário, enquanto ele retorna a Bizâncio com Calígonas e o dinheiro confiscado de Teodósio.

Na capital, a Imperatriz, como forma de retribuir os serviços prestados por Antonina, submeteu à tortura e ao exílio homens próximos a Belisário e Fócio, segundo Procópio, pelo simples fato de manterem uma boa relação com eles. Desse modo, podemos observar a troca de favores estabelecidos entre as duas mulheres, pois

Ali a imperatriz demonstrou a todos os homens que sabia recompensar favores sangrentos com presentes ainda maiores e mais infames. Pois enquanto Antonina acabava de traír com suas armadilhas um único homem, o Capadócio, por ser inimigo da imperatriz, esta por sua vez, destruiu sem acusação um grande número de pessoas que foram postas à disposição de Antonina¹³⁵.

Além disso, Teodora “também obrigou a Belisário, contra sua vontade, a reconciliar-se com sua esposa Antonina”¹³⁶, enquanto Fócio foi submetido a diversas torturas para que revelasse o paradeiro do eunuco e de Teodósio, contudo, comprometido com o juramento que fez a Belisário, nada contou a respeito. De qualquer forma, Teodora, por outros meios, conseguiu descobrir o paradeiro dos dois e entrega Calígonas à sua aliada; já Teodósio chamou a Bizâncio e o escondeu no palácio para fazer uma surpresa a Antonina, e no dia seguinte lhe disse:

“Minha querida patricia, ontem caiu em minhas mãos uma pérola que nenhum homem jamais viu. Eu não gostaria de privá-la desta visão, se você desejar, eu te mostrarei”. Aquela, sem entender o que estava acontecendo, implorou insistentemente que lhe mostrasse a pérola, mas ela lhe mostrou Teodósio, tirando-o do quarto de um dos eunucos. Antonina ficou tão feliz com o prazer de vê-lo, que a princípio ficou sem palavras, mas logo reconheceu os muitos favores que ela havia feito e chamou de sua salvadora e sua benfeitora, sua verdadeira dona¹³⁷.

¹³⁴ Soldados que compunham a guarda pessoal dos comandantes juravam lealdade ao imperador e aos seus generais. O próprio Belisário quando jovem fazia parte da guarda pessoal de Justiniano antes da púrpura. O nome vem do latim em referência ao pão duro provido aos soldados. MAMEDES, Kelly Cristina da Costa Bezerra de Menezes. *Guerras Secretas: Conflitos e Negociações na Corte do Imperador Justiniano*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Geografia, História e Documentação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018. p. 167; 188; PARNELL, *op. cit.*, p. 22.

¹³⁵ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. III, 6-7. “Allí la emperatriz demostró ante todos los hombres que sabía recompensar sangrientos favores con presentes todavía mayores y más infames. Pues mientras Antonina acababa de traicionar con sus asechanzas a un solo hombre, el Capadocio, porque era enemigo de la emperatriz, ésta por su parte destruyó sin cargo alguno a un gran número de personas que había puesto a disposición de Antonina.” (tradução nossa)

¹³⁶ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. III, 12. “obligó también a Belisario, en contra de su voluntad, a reconciliarse con su esposa Antonina” (tradução nossa).

¹³⁷ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. III, 16-18. “Mi queridísima patricia, la víspera vino a parar a mis manos una perla cual no vio nunca hombre alguno. No querría privarte de esta visión, si así lo deseas, sino que te la mostraré”. Aquella, sin comprender lo que estaba sucediendo, le rogaba con insistencia que le mostrase la perla, pero ésta le mostró a Teodosio sacándolo de la habitación de uno de los eunucos. Antonina se sintió tan

Segundo Procópio, a imperatriz manteve Teodósio no palácio com todas as regalias possíveis, com planos de torná-lo general dos romanos em um futuro próximo; todavia, um ataque de disenteria¹³⁸ o levou a óbito. Quanto a Fócio, Teodora o trancafiou nas masmorras do palácio, de onde tentou escapar por duas vezes sem sucesso, mas na terceira vez conseguiu fugir para Jerusalém e se tornou monge¹³⁹.

Nesse sentido, observamos que nessa parte inicial de *História Secreta*, ao abordar os bastidores das guerras, Procópio destaca a atuação de Antonina e seu possível caso com Teodósio e de que modo isso interferiu drasticamente na percepção de Belisário com relação aos seus deveres militares, de modo que historiadores associem a ênfase dada às personagens femininas como forma de redimir os erros dos maridos ao extrapolar a influência sobre seus cônjuges e a paixão que eles sentiam por elas. Todavia, sobre as alegações de torturas e do suposto caso, como também das regalias prometidas pra Teodósio pela Imperatriz, não temos outras fontes que corrobore com os apontamentos de Procópio. Mas o interessante em termos de atuação de poder pela narrativa proposta pelo autor, seria a acessibilidade e autoridade da qual Teodora é descrita, ao retribuir as façanhas de Antonina por meio de “favores sangrentos”, tortura e exílio de homens próximos ao general Belisário, de tal forma que em nenhum momento Procópio relata a intromissão de Justiniano nesse assunto. Desse modo, para satisfazer possivelmente as vontades de Antonina, deixou Fócio trancafiado e quanto a isso Belisário nada fez para redimir a condição de Fócio, e mais uma vez, como ocorreu com Macedônia e os demais que se envolveram no caso de Antonina, sofreu as consequências enquanto Belisário retrocedia as suas próprias promessas. Assim, como ressaltado por Kaldellis, os personagens de *História Secreta* são anti-heróis, embora Procópio associe os erros dos seus protagonistas às ações de suas esposas; a verdade incômoda para ele era aceitar que o Imperador Justiniano e o general Belisário também não se encaixavam nos padrões normativos masculinos esperados.

2.4 A atuação feminina no poder imperial: a queda de João da Capadócia

O título de prefeito do Pretório remetia à época do Imperador Augusto (27 a.C. a 14 a.C.), composto por dois prefeitos que exerciam o comando da guarda pretoriana, que logo

embargada de alegría por el placer de verlo, que al principio se quedó sin habla, pero luego le reconoció los muchos favores que ella le había hecho y la llamaba su salvadora y su benefactora, su verdadera dueña.” (tradução nossa)

¹³⁸ Segundo Evans, provavelmente Teodósio foi vítima de um ataque letal de uma doença conhecida no século passado no mundo mediterrâneo como “estômago grego”, que veio a desaparecer com a refrigeração moderna, o que torna o caso possivelmente fruto de um envenenamento por ptomaina. EVANS, *op. cit.*, p. 155.

¹³⁹ Todavia, mais tarde, torna a exercer sua carreira militar. Durante o reinado de Justino I, foi enviado para apaziguar a revolta dos samaritanos. SIGNES CODONER, *op. cit.*, p. 166.

passou a ter grande influência política. Contudo, no período do Imperador Constantino, a guarda pretoriana foi dissolvida, e o título de prefeito do Pretório perdeu sua função militar, passando a ser um posto de funcionário administrativo; entre as suas atribuições era responsável pelo comércio, pelas construções públicas, pela tributação e pela justiça¹⁴⁰. Segundo Evans, os prefeitos do Pretório não duraram muito nos seus cargos, mas João da Capadócia se mostrou uma exceção. João era oriundo de Cesareia¹⁴¹ e, embora não tivesse educação clássica necessária para ocupar altos cargos, segundo Procópio, “por sua habilidade natural ele se tornou o homem mais poderoso que conhecemos”¹⁴². Assim, em 520 foi notado por Justiniano quando este ainda era um dos Mestres dos Soldados na Presença e passou a atuar na administração imperial. Alguns anos depois, quando Justiniano ascendeu à púrpura imperial, João da Capadócia passou a liderar a comissão da compilação do novo código jurídico e, devido ao seu destaque em 531, o Imperador o nomeou prefeito pretoriano¹⁴³.

Contudo, como pudemos observar, as reformas administrativas e financeiras realizadas por João da Capadócia não foram bem-vistas nem pelos grupos mais populares, que pediram sua demissão na Revolta de Nika, nem pelos mais abastados. Procópio, em seu livro dedicado à *Guerra Vândala*, destaca como a imprudência de João no cozimento dos pães enviados para as tropas quase arruinou a campanha contra os Vândalos. Entretanto, a insatisfação do autor fica mais evidente em *História Secreta* e no primeiro livro de *História das Guerras*, dedicado à *Guerra Persa*, no qual Procópio nos relata as más ações de João e sua queda orquestrada por Teodora e Antonina.

Em *Guerra Persa*, Procópio relata que “Teodora o odiava acima de todos os outros”¹⁴⁴, pois João da Capadócia não se preocupava em agradar a imperatriz pelas faltas que cometeu, nem sentia receio do apreço dela diante Justiniano. Assim, “ele se opôs abertamente a ela e continuou a caluniá-la ao imperador, nem corando diante de sua alta posição nem sentindo vergonha pelo extraordinário amor que o imperador sentia por ela”¹⁴⁵. Quando a Imperatriz se deu conta do que estava acontecendo pensou em matá-lo, mas não pôde prosseguir porque o

¹⁴⁰ EVANS, *op. cit.*, p. 141.

¹⁴¹ Antiga Mázaca, na região da Capadócia, localizada na Anatólia central. Pode ser observada na figura 5 em anexo.

¹⁴² PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXIV, 12. “but by his natural ability he became the most powerful man of whom we know” (tradução nossa).

¹⁴³ EVANS, James Allan. *The Emperor Justinian and the Byzantine Empire*. Wesport/London: Greenwood Press, 2005. p. 80-81.

¹⁴⁴ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXV, 4. “The Empress Theodora hated him above all others” (tradução nossa).

¹⁴⁵ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXV, 4. “he openly set himself in opposition to her and kept slandering her to the emperor, neither blushing before her high station nor feeling shame because of the extraordinary love which the emperor felt for her” (tradução nossa).

imperador tinha grande estima por João da Capadócia. Ele, por sua vez, passou a temer por sua vida ao saber das intenções de Teodora, mas, segundo Procópio, esse receio se dissipava pelo dia, no período em que o prefeito do Pretório “se tornaria novamente uma praga para todos os romanos, tanto em público como em privado”¹⁴⁶. Além disso, frequentava adivinhos e dava ouvidos a oráculos que diziam que ocupariam o trono imperial e, quando se dirigia ao santuário para rezar, o fazia aos moldes helênicos “para que a mente do imperador pudesse estar ainda mais sob seu controle, e que ele próprio poderia estar livre de danos nas mãos dos homens”¹⁴⁷.

É interessante notar que toda a narrativa sobre as más ações de João da Capadócia, a repulsa e, conseqüentemente, a queda planejada por Teodora com a ajuda de Antonina se assemelha diretamente à narrativa de Procópio em *História Secreta*. Dessa forma, observamos que a acusação contra a vida de João orquestrada por Teodora expressa certas similitudes com as “vítimas” de Teodora apontadas por Procópio em *História Secreta*. Sobre isso, Anthony Kaldellis chega a mencionar que a narrativa sobre a queda de João da Capadócia escrita primeiramente para *História Secreta* possivelmente foi realocada para *História das Guerras* após a morte da Imperatriz em 548¹⁴⁸. Por outro lado, Procópio de Cesareia, em *História Secreta*, menciona que, por medo, silenciou o fato de que Antonina convenceu João e sua filha fazendo muitos juramentos falsos, algo considerado terrível entre os cristãos¹⁴⁹. Podemos considerar que, caso realmente a trama tenha sido anexada a *História das Guerras*, isso foi feito de caso pensado e se acreditando que aquilo não lhe causaria danos, pois ocultou algumas partes. Além disso, as acusações de práticas pagãs realizadas por João da Capadócia e a possível garantia de controle da mente de Justiniano por esses hábitos nos fazem recordar as acusações também feitas por Procópio com relação a práticas de feitiçarias e encantamentos realizados por Teodora e Antonina com a finalidade de manipular seus cônjuges presentes em *História Secreta*, como já mencionamos, um mecanismo já conhecido do autor para difamar a influência que seus personagens exercem por outrem.

Procópio continua seu relato sobre o desenrolar da trama de João da Capadócia. Segundo ele, Belisário, a quem João detestava pela reputação que havia alcançado, partiu em campanha contra os Persas novamente, enquanto sua esposa permaneceu na capital, algo que

¹⁴⁶ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXV, 8. “would become again a plague to all the Romans both in public and in private” (tradução nossa).

¹⁴⁷ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXV, 10. “that the mind of the emperor might be still more under his control, and that he himself might be free from harm at the hands of all men” (tradução nossa).

¹⁴⁸ KALDELLIS, Anthony. Introduction. In: PROKOPIOS. *The Wars of Justinian*. Translated by H.B. Dewing, revised and modernized, with an introduction and notes, by Anthony Kaldellis. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 2014. p. IX-X.

¹⁴⁹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. II, 16.

não era habitual¹⁵⁰. Mas sua presença teria sido um pedido da Imperatriz para que a ajudasse a contornar a ameaça que João da Capadócia representava para ela. Contudo, segundo o historiador Cesaretti, Antonina chegou a Bizâncio com receio de que Teodora confiscasse a riqueza que Belisário acumulou nos anos de campanha e que ela administrava com Teodósio, tendo desviado a atenção para João da Capadócia, enquanto Parnell acrescenta a imprudência de João da Capadócia nas campanhas militares como o catalizador do ressentimento de Antonina¹⁵¹. Seja essa a causa ou uma combinação de ambas, Teodora tinha motivos suficientes para querer se livrar do prefeito do Pretório.

Historiadores como James Evans, Lynda Garland e David Potter mencionam que João, o Lídio, contemporâneo de Procópio de Cesareia, também apresenta em seus escritos uma posição contrária a João da Capadócia. Além de relatar que a Imperatriz, preocupada com a calamidade do governo, foi a única com coragem para contar ao Justiniano sobre as más ações do prefeito; não obstante, para o Imperador se mostrava inviável a demissão dele¹⁵². Dessa maneira, como nos informa Procópio, Teodora, com a ajuda de Antonina, interfere nos assuntos públicos de modo autoral e arquiteta a saída de João do círculo de influência de Justiniano. Segundo conta, o plano ocorreu da seguinte maneira:

Antonina, esposa de Belisário (pois ela era a pessoa mais capaz do mundo para maquirar o impossível), com a intenção de fazer um favor à imperatriz, elaborou o seguinte plano. João tinha uma filha, Eufêmia, que tinha grande reputação de discricção, mas era uma mulher muito jovem e por isso muito suscetível; esta menina era extremamente amada pelo seu pai, pois era sua única filha. Ao tratar essa jovem com gentileza durante vários dias, Antonina conseguiu conquistar sua amizade e não se recusou a compartilhar seus segredos com ela. E em uma ocasião, quando ela estava sozinha com Antonina em seu quarto, essa fingiu lamentar o destino que recairia a ela, dizendo que embora Belisário tivesse tornado o Império Romano mais amplo do que antes, e embora ele tivesse trazido dois reis cativos e uma riqueza tão grande para Bizâncio, ele achou Justiniano ingrato; e noutros aspectos ela caluniou o governo como não justo. Ora, Eufêmia ficou muito feliz com essas palavras, pois ela também era hostil a atual administração por causa de seu medo da imperatriz, e disse: “E, no entanto, querida amiga, você e Belisário são os culpados por isso, visto que, embora vocês tenham a oportunidade, não estão dispostos a usar seu poder.” E Antonina respondeu rapidamente: “É porque não somos capazes, minha filha, de empreender revoluções no campo, a menos que alguns dos que estão cientes se juntem a nós na tarefa. Agora, se seu pai quisesse, poderíamos facilmente organizar esse projeto e realizar tudo o que Deus quiser”. Quando Eufêmia ouviu isso, prometeu entusiasmadamente que a sugestão seria executada e, partindo dali, imediatamente levou o assunto ao seu pai. E ele ficou satisfeito com a mensagem (pois inferiu que este empreendimento lhe oferecia um caminho

¹⁵⁰ Como já ressaltamos, as campanhas persas são as únicas nas quais Procópio não menciona a presença de Antonina em *História das Guerras*.

¹⁵¹ CESARETTI, *op. cit.*, p. 257; PARNELL, *op. cit.*, p. 130-131.

¹⁵² GARLAND, *op. cit.*, p. 33-34; EVANS, *op. cit.*, p. 54; POTTER, *op. cit.*, p. 139.

para o cumprimento de suas profecias e para o poder real), e imediatamente, sem qualquer hesitação, concordou e pediu a sua filha que providenciasse isso. No dia seguinte ele próprio deveria conversar com Antonina e fazer promessas. Quando Antonina tomou conhecimento do pensamento de João, desejou desviá-lo o máximo possível da compreensão da verdade, por isso disse que no momento era desaconselhável que ele se encontrasse com ela, por medo de que surgisse alguma suspeita suficientemente forte para impedir o processo; mas ela pretendia partir imediatamente para o Oriente para se juntar a Belisário. Quando, portanto, ela deixasse Bizâncio e chegasse ao subúrbio (aquele chamado Rufiniana¹⁵³, que era propriedade privada de Belisário), João deveria vir como se para saudá-la e acompanhá-la na viagem, e eles deveriam conversar sobre assuntos de estado e dar e receber suas promessas. Ao dizer isso, ela pareceu falar bem para João, e um certo dia foi marcado para executar o plano. E a imperatriz, ao ouvir todo o relato de Antonina, expressou aprovação ao que havia planejado e, com suas exortações, elevou seu entusiasmo a um nível ainda mais alto.¹⁵⁴

Logo em seguida, Teodora denunciou João da Capadócia a Justiniano e enviou Nárses, o eunuco, e Marcelo, chefe da Guarda do Palácio, com muitos soldados para Rufiniana com ordens de que, caso ficasse comprovada a subversão, poderiam matar João da Capadócia. Nesse momento, Procópio também comenta que Justiniano, ao saber da trama das duas, enviou um dos amigos de João para avisá-lo de não se encontrar com Antonina às escondidas. Entretanto, o plano delas saiu como planejado, e, no encontro com Antonina, João concordou com a

¹⁵³ Na antiga região da Bitínia, sua localização pode ser observada na figura 6 em anexo.

¹⁵⁴ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXV, 13-22. “Antonina, the wife of Belisarius, (for she was the most capable person in the world to contrive the impossible.) purposing to do a favour to the empress, devised the following plan. John had a daughter, Euphemia, who had a great reputation for discretion, but a very young woman and for this reason very susceptible; this girl was exceedingly loved by her father, for she was his only child. By treating this young woman kindly for several days Antonina succeeded most completely in winning her friendship, and she did not refuse to share her secrets with her. And on one occasion when she was present alone with her in her room she pretended to lament the fate which was upon her, saying that although Belisarius had made the Roman empire broader by a goodly measure than it had been before, and though he had brought two captive kings and so great an amount of wealth to Byzantium, he found Justinian ungrateful; and in other respects she slandered the government as not just. Now Euphemia was overjoyed by these words, for she too was hostile to the present administration by reason of her fear of the empress, and she said: “And yet, dearest friend, it is you and Belisarius who are to blame for this, seeing that, though you have opportunity, you are not willing to use your power.” And Antonina replied quickly: “It is because we are not able, my daughter, to undertake revolutions in camp, unless some of those here at home join with us in the task. Now if your father were willing, we should most easily organize this project and accomplish whatever God wills. “When Euphemia heard this, she promised eagerly that the suggestion would be carried out, and departing from there she immediately brought the matter before her father. And he was pleased by the message (for he inferred that this undertaking offered him a way to the fulfilment of his prophecies and to the royal power), and straightway without any hesitation he assented, and bade his child arrange that on the following day he himself should come to confer with Antonina and give pledges. When Antonina learned the mind of John, she wished to lead him as far as possible astray from the understanding of the truth, so she said that for the present it was inadvisable that he should meet her, for fear lest some suspicion should arise strong enough to prevent proceedings; but she was intending straightway to depart for the East to join Belisarius. When, therefore, she had quit Byzantium and had reached the suburb (the one called Rufiniana which was the private possession of Belisarius), there John should come as if to salute her and to escort her forth on the journey, and they should confer regarding matters of state and give and receive their pledges. In saying this she seemed to John to speak well, and a certain day was appointed to carry out the plan. And the empress, hearing the whole account from Antonina, expressed approval of what she had planned, and by her exhortations raised her enthusiasm to a much higher pitch still.” (tradução nossa)

proposta de sedição e se comprometeu por meio de juramentos. Ao escutar suas palavras, Nárses e Marcelo (que estavam à espreita) o atacaram, mas os guarda-costas de João entraram na frente dele e, no meio do tumulto, ele escapou¹⁵⁵. Após o ocorrido, João se refugiou em um santuário, decisão criticada por Procópio, que acreditava que, caso ele fosse falar diretamente com o imperador, não teria sofrido represália. No entanto, sua decisão “deu à imperatriz a oportunidade de exercer sua vontade contra ele, a seu bel-prazer”¹⁵⁶.

Assim, percebemos que mais uma vez a atuação imperial de Teodora passa por sua capacidade de agir e nesse momento de se utilizar de estratégia – a concepção de um plano – para pôr um fim ao poder e à influência que João da Capadócia exercia sobre o governo e o imperador, e que colocava em risco a posição e influência dela diante de Justiniano. Em *História Secreta*, Procópio salienta que a causa que levou Teodora a tramar contra João foi pela calúnia diante do imperador e por se atrever a enfrentá-la em outros assuntos, “de tal forma que pouco faltou para que seu marido chegasse a romper hostilmente com ela”¹⁵⁷.

Nesse sentido, algumas historiadoras, como Carolyn Connor e Isabel Lasala Navarro, observam uma espécie de “governo conjunto” de Justiniano e Teodora¹⁵⁸, entre outras referências, baseadas nos relatos presentes em *História Secreta*, em que diz que “em sua vida em comum nunca atuaram um sem o outro”¹⁵⁹. Como mencionamos, segundo Liz James, consideramos que o poder de Teodora não se equipara ao do imperador, mas exerceu seu poder imperial enquanto imperatriz, o que, conseqüentemente, levou Procópio a criticar o Imperador pela participação dela nos assuntos públicos, relacionando a uma espécie de “diarquia”. Dessa maneira, quando observamos o caso de João da Capadócia, percebemos que o poder e a influência da Imperatriz não eram algo estável, mas que carecia constantemente de relações de poder para se manter, como também necessitava de pessoas próximas a ela às quais poderia recorrer, não à toa João da Capadócia se manteve no cargo por cerca de dez anos até a Teodora conseguir conspirar contra ele.

Procópio continua seu relato em *História das Guerras* abordando os eventos posteriores à fuga de João da Capadócia, o qual foi levado para outro santuário no subúrbio de Artake, na

¹⁵⁵ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXV, 24-29.

¹⁵⁶ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXV, 30. “gave the empress opportunity to work her will against him at her pleasure.” (tradução nossa)

¹⁵⁷ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. XVII, 38. “de tal forma que poco faltó para que su marido llegara a romper hostilidades con ella” (tradução nossa).

¹⁵⁸ CONNOR, Carolyn L. *Women of Byzantium*. Yale: Yale University Press, 2004. p. 215; LASALA NAVARRO, Isabel. Imagen pública y política de la emperatriz Teodora. Un estudio a partir de la obra de Procopio de Cesarea. *Revista Gerión*, v. 31, p. 363-383, 2013. p. 367-379.

¹⁵⁹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. X, 13-14. “en su vida en común nunca actuaron el uno sin el otro” (tradução nossa).

cidade de Cízico¹⁶⁰, onde foi ordenado diácono contra sua vontade, pois ainda sonhava em vestir a púrpura imperial. Apesar de ter seus bens confiscados, o imperador permitiu que ficasse com uma boa quantia que lhe garantiria uma vida tranquila. Conforme Procópio, essa atitude deixou todos os romanos indignados (ele inclusive), que acreditavam que o antigo prefeito do Pretório não deveria ter uma vida mais feliz que antes: “mas Deus, creio eu, não suportou que a retribuição de João terminasse desta maneira, mas preparou para ele um castigo maior”¹⁶¹. Algum tempo depois, João foi acusado de assassinar o bispo local, de nome Eusébio, e ao ser preso teve seus bens confiscados, embora não tivesse sido provada sua responsabilidade no assassinato. Então o enviaram para uma prisão em Antinópolis, no Egito, e, ao longo da viagem, seus vigilantes (que o haviam vestido apenas com um manto simples) lhe pediam que mendigasse em cada local em que ancoravam. Mas, mesmo na cadeia, seus sonhos de sentar no trono imperial ainda persistiam¹⁶².

Desse modo, o que em *História das Guerras*, Procópio alude aos desígnios de Deus, na *História Secreta*, ele relata o desejo de Teodora de castigar João da Capadócia e o confinar no Egito. Além disso, alega que a imperatriz continuou buscando testemunhas que pudessem atestar o envolvimento dele na morte do Bispo Eusébio. Nesse contexto, segundo Procópio, alguns anos depois, dois membros da facção dos Verdes de Cízico que teriam participado da revolta contra o bispo foram persuadidos por Teodora a prestarem falsos testemunhos contra João; um deles aceitou, enquanto o outro se recusou, embora tenha sido terrivelmente torturado. Por conta disso, Teodora não conseguiu fazer nenhum progresso, embora tenha mandado cortar a mão direita dos dois jovens, um por não prestar falso testemunho e o outro para que a trama dela não fosse descoberta¹⁶³. Sobre isso, os historiadores tendem a relacionar ao relato de João Malalas, no qual são mencionados dois jovens que foram condenados pelo assassinato do Bispo Eusébio e tiveram suas mãos direitas cortadas devido a tentativa de Teodora de influenciar os depoimentos e conseguir condenar João¹⁶⁴.

Todavia, o que realmente sabemos é que somente após a morte de Teodora, João pôde retornar à capital do Império a pedido do imperador; entretanto, permaneceu como sacerdote e com seus sonhos com o trono imperial¹⁶⁵. Com relação a isso, é interessante como em todo o momento em *História das Guerras* Procópio nos informa sobre essa espécie de obsessão com

¹⁶⁰ Localizada no Sul do Mar de Mármara, pode ser observada na figura 6 em anexo.

¹⁶¹ PROCOPIUS. *The Persian War*. XXV, 36. “But God, I think, did not suffer John's retribution to end thus, but prepared for him a greater punishment.” (tradução nossa)

¹⁶² PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXV, 38-44.

¹⁶³ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. XVII, 40-45.

¹⁶⁴ SIGNES CODOÑER, *op. cit.*, p. 262; GARLAND. *op. cit.*, p. 34; PARNELL, *op. cit.*, p. 130.

¹⁶⁵ PROCOPIUS. *The Persian War*. II, XXX, 49.

a púrpura imperial, e, no final do livro *Guerra Persa*, o autor relata, quase que em tom cômico, a única maneira possível de a profecia ter se cumprido:

[...] os mercadores de maravilhas estavam sempre prevendo a este João muitas dessas coisas imaginárias, e especialmente que ele seria vestido com as vestes de Augusto. Ora, havia um certo sacerdote em Bizâncio, de nome Augusto, que guardava os tesouros do templo de Sofia. Assim, quando João foi tonsurado e declarado à força, digno da dignidade sacerdotal, na medida em que não tinha vestimenta para se tornar sacerdote, foi obrigado pelos encarregados deste negócio a vestir o manto e a túnica deste Augusto que estava por perto, e nisso, suponho, sua profecia se cumpriu¹⁶⁶.

Assim, ao longo deste capítulo, pudemos observar a atuação individual e conjunta das nossas protagonistas em *História das Guerras e História Secreta*, de forma que souberam se utilizar de meios e estratégias em prol dos seus interesses, seja nos trâmites políticos ou nas intrigas pessoais.

Por sua vez, no próximo capítulo abordaremos a atuação da Imperatriz Teodora no campo religioso, em seu amparo à heresia monofisista, através dos relatos de João de Éfeso em sua *Vida dos Santos Orientais*, e na discussão em torno do que poderia ter sido sua maior contribuição a causa: a deposição do Papa Silvério, que contou com a ajuda de Antonina e Belisário.

¹⁶⁶ PROCOPIUS. *The Persian War*. II, XXX, 52-54. “[...] the marvel-mongers were always predicting to this John many such imaginary things, and especially that he was bound to be clothed in the garment of Augustus. Now there was a certain priest in Byzantium, Augustus by name, who guarded the treasures of the temple of Sophia. So when John had been shorn and declared worthy of the priestly dignity by force, inasmuch as lie had no garment becoming a priest, lie had been compelled by those who were in charge of this business to put on the cloak and the tunic of this Augustus who was near by, and in this, I suppose, his prophecy reached its fulfilment.” (tradução nossa)

CAPÍTULO 3

UMA IMPERATRIZ MONOFISISTA: A DEPOSIÇÃO DO PAPA SILVÉRIO

Neste capítulo, analisaremos a possível atuação imperial de Teodora por intermédio de Antonina na deposição do Papa Silvério em 537 durante o Cerco de Roma, a partir das menções de Procópio de Cesareia em *História Secreta* e do *Livro dos Pontífices*. Para tal, primeiramente, abordaremos de forma sucinta as tensões teológicas entre os calcedônios e os monofisistas, como também os escritos de João de Éfeso, um ferrenho defensor de Teodora. Em seguida, a partir dos relatos de *Vida dos Santos Orientais*, na qual a Imperatriz aparece como a Rainha Crente, abordaremos suas contribuições à causa dos dissidentes e expor as tentativas de reconciliação entre as Igrejas propostas pelo Imperador Justiniano. Por fim, discutiremos como a deposição do pontífice vem sendo tratado numa historiografia mais recente, além de externar como o papel de Justiniano e Teodora, ambos ao seu modo, na tentativa de reconciliação é algo que merece ser ressaltado ao consideramos a possível interferência de Teodora na deposição.

3.1 Tensões teológicas no século VI e os escritos de João de Éfeso

No século VI, a desuniformidade do mundo cristão seguia por tensões e tentativas de aproximação de uma unidade entre os calcedônios e os anticalcedônios do Oriente cristão. O impasse prenunciava o debate em torno da relação entre as naturezas divina e humana de Cristo, visto que no Concílio da Calcedônia, de 451, foi estabelecido que Cristo teve duas naturezas, em perfeita união entre sua humanidade e sua divindade. Todavia, os monofisistas que seguiam os preceitos do Patriarca Cirilo de Alexandria (412-444), ao considerarem que após a união houve a culminância de uma única natureza divina, acusavam os que foram a favor do Concílio de retomar os pressupostos do Patriarca Nestório (428-431), condenado no Primeiro Concílio de Éfeso, em 431, entre outras colocações, por argumentar que Cristo tinha duas naturezas distintas uma da outra. Os partidários do Concílio da Calcedônia, por outro lado, acusavam os anticalcedônios de seguirem Êtíques, arquiandrita de um mosteiro em Constantinopla que alegou que depois da união, a natureza humana foi absorvida pela divina, sendo condenado por um sínodo em 448 realizado em Constantinopla; tal colocação era considerada heresia até pelos próprios monofisistas¹.

¹ HARVEY, Susan A. *Asceticism and Society in Crisis: John of Ephesus and The Lives of the Eastern Saints*. Berkeley: University of California Press, 1990. p. 21-22; EVANS, James Allan. *The Power Game in Byzantium: Antonina and the Empress Theodora*. London/New York: Continuum, 2011. p. 21-24.

Nesse sentido, Susan A. Harvey ressalta que, apesar de ambos seguirem a mesma fé estabelecida no Primeiro Concílio Ecumênico de 325 – que assegurou a consubstancialidade (*homousios*) –, termos que eram caros a ambos os lados apresentavam sentidos diferentes para os segmentos religiosos, assim como a convicção de exercerem uma fé extremamente correta levou a um posicionamento conservador². Ainda no reinado de Zenão (475-491), houve uma tentativa de conciliação entre monofisistas e calcedônios, conhecida como *Henoticon*, gerando o Cisma Acaciano (484-519), em que o Patriarca Acácio e o Papa Félix III excomungaram-se um ao outro. No reinado de Anastásio, que era um simpatizante da causa monofisista, pouco foi feito para reaver o caso do Cisma Acaciano com o papado romano; aliás, ele nomeou como Patriarca de Antióquia, no ano de 512, o líder monofisista Severo. Todavia, com a ascensão de Justino à púrpura, os interesses imperiais se direcionaram para o Ocidente, resultando anos mais tarde nos reforços de Justiniano para a retomada do controle político-militar no Norte da África e na Itália; Justino fortaleceu os laços com os calcedônios por meio da aproximação com o papado romano a partir da anulação do *Henoticon* depois de 36 anos de afastamento entre as Igrejas, além de promover intensas perseguições aos monofisistas e seus líderes que ocupavam cargos de destaque, como o Patriarca Severo. Todavia, entre as províncias orientais, o Egito foi isento de perseguições, como alguns historiadores apontam, devido sua importância econômica como grande fornecedora de grãos ao Império, o que permitiu que se tornasse um local de refúgio para os anticalcedônios³.

O Imperador Justiniano estendeu as aproximações e concessões ao papado romano reintroduzidas pelo seu tio, mas também promoveu tentativas de reconciliação entre os calcedônios e os monofisistas fruto das suas próprias motivações políticas e teológicas e da influência da Imperatriz Teodora. A Rainha Crente, como descrita por João de Éfeso, é reverenciada como a grande protetora dos monofisistas por ter asilado dissidentes anticalcedônios dentro dos domínios palacianos imperiais, fornecendo recursos e patronagem à causa⁴. Assim, dentro da tradição siríaca foi escrito um outro passado para a imperatriz que diverge consideravelmente do que conhecemos nos capítulos anteriores a partir de Procópio de Cesareia e sua *História Secreta*. No artigo “Theodora the ‘Believing Queen’: A Study in Syriac Historiographical Tradition”, Susan A. Harvey apresenta como o retrato da imperatriz criado

² HARVEY, *op. cit.*, p. 22.

³ HARVEY, *op. cit.*, p. 23-24; EVANS, *op. cit.*, p. 27-28, 43-44.

⁴ Sobre o patrocínio imperial de Teodora, cf. MCCLANAN, Anne. The Patronage of the Empress Theodora and Her Contemporaries. In: MCCLANAN, Anne. *Representations of Early Byzantine Empresses: Image and Empire*. New York: Palgrave Macmillan, 2002; UNTERWEGER, Ulrike. The Image of the Empress Theodora as Patron. In: THEIS, Lioba; MULLETT, Margaret; GRÜNBART, Michael (Eds.). *Female Founders in Byzantium and beyond*. Poland: Böhlau Verlag Wien, 2012.

por Miguel, o Sírio, no século XII a partir de fontes siríacas anteriores, principalmente de João de Éfeso, foi moldado a fim de atender aos anseios da Igreja Ortodoxa Siríaca do seu tempo, trazendo uma imperatriz muito mais moderada, uma santa venerada como um deles ao lhe ser atribuída origem síria. Nesse relato, Mabbug⁵ é ponto de encontro entre Teodora e Justiniano – que naquele momento estava em campanha contra os persas – e possivelmente o local de nascimento dela. Filha de um padre não calcedônio, sua mão só foi concedida a Justiniano quando este se comprometeu a permitir que Teodora mantivesse sua fé⁶.

Como mencionado no primeiro capítulo, o gênero hagiográfico era predominante no século VI, e João de Éfeso⁷ era um dos seus grandes expoentes. Tendo atuado como monge, missionário e líder monofisista, João ainda deixou duas obras conhecidas: *Vidas dos Santos Orientais* e a terceira parte de sua *História Eclesiástica*; do mesmo modo que Procópio, as informações sobre sua vida são extraídas dos seus próprios escritos. João de Éfeso nasceu na Mesopotâmia no início do sexto século, no contexto de grandes tensões no seio monofisista; antes do seu nascimento, seus pais haviam perdido todos os filhos anteriores antes de completarem dois anos, quando o mesmo pareceu que iria ocorrer com João, este foi levado a um monge chamado Maro, que, após salvá-lo, recomendou que o menino retornasse dois anos depois para iniciar sua vida monástica. Após a morte do seu pai espiritual, quando tinha cerca de 15 anos, João se juntou à comunidade ascética de Amida, na qual atuou até a década de 40 no Oriente, visitando outros mosteiros, eremitas e fugindo das perseguições. Neste mesmo período, João de Éfeso chega a Constantinopla, sendo bem recebido pela Imperatriz, que contava com outros dissidentes nos aposentos do Palácio Hormisdas. Ele se tornou uma figura conhecida na corte e entre as comunidades monofisitas no entorno da capital, encabeçando em 542 uma missão a pedido do Imperador Justiniano de conversão na Ásia Menor. Na década seguinte, foi consagrado com o título de Bispo de Éfeso, apesar de não haver registros de sua residência no local, mas é sabido que continuou atuando em Constantinopla, após a morte do Patriarca alexandrino Teodósio em 566 tornou-se o líder dos monofisistas na capital do Império⁸.

Nos últimos anos de 560, João escreveu sua *Vida dos Santos Orientais*, redigido no gênero hagiográfico siríaco; contempla 58 histórias de homens e mulheres santos com que teve

⁵ Atual Manbij, na Síria.

⁶ HARVEY, Susan A. Theodora the ‘Believing Queen’: A Study in Syriac Historiographical Tradition, *Hugoye: Journal of Syriac Studies*, v. 4, n. 2, p. 209-234, 2001. p. 215.

⁷ Ainda que não seja o objetivo deste trabalho, ao abordar alguns apontamentos sobre as divergências entre Procópio de Cesareia e João de Éfeso, pretendemos ampliar o dinamismo que as fontes apresentam em relação à Imperatriz Teodora, que de forma alguma limita-se às considerações de Procópio em suas obras.

⁸ HARVEY, *op. cit.*, 1990, p. 28-30.

contato durante sua vida. A cronologia do livro segue os acontecimentos da sua própria vida e aborda como esses sujeitos o influenciaram, podendo ser dividido em duas partes: a primeira centrada em suas experiências nos monastérios na região de Amida, e a segunda nos eventos que ocorreram após sua saída da Mesopotâmia, entre o Egito e Constantinopla. Não obstante, nos anos de 570, o patriarca de Constantinopla, João Escolástico, retoma as perseguições, a partir desse momento, João de Éfeso foi preso e exilado até a sua morte, por volta de 589. Nesses últimos anos, escreveu sua *História Eclesiástica*, dividida em três partes: a primeira abarca desde o período de Júlio César até Teodósio II, na qual algumas citações foram agregadas por Miguel, o Sírio, em sua crônica, enquanto a segunda parte abrange até 571, sendo incluídas na crônica de Pseudo-Dionísio de Tel-Mare⁹ e de Miguel; já a terceira parte que foi encontrada intacta, aborda desde as retomadas das perseguições com Justino II até os anos finais da sua vida¹⁰.

3.2 A Rainha Crente: a presença de Teodora na *Vida dos Santos Orientais* e as tentativas de aproximação entre os calcedônios e os monofisistas

Após a morte do Imperador Anastácio e as exigências do Imperador Justino para a aplicação do sínodo da Calcedônia para todos os dissidentes, houve o afastamento de simpatizantes monofisistas na Corte, todavia a figura de Teodora emergiu como uma nova aliada e uma amiga fiel¹¹. Procópio de Cesareia, mesmo com tantas informações sobre Teodora, seja na sua *História das Guerras* ou mais depreciativamente em *História Secreta*, não podemos afirmar com clareza se realmente teve contato direto com a imperatriz e, se sim, em que circunstâncias aconteceram esses encontros, diferentemente do que ocorreu com Antonina, pois dispomos de relatos da atuação conjunta dos dois, como dito no capítulo anterior. Entretanto, no caso de João de Éfeso, podemos presumir que esteve em muitos momentos com a Imperatriz quando da sua estadia em Constantinopla e, ainda que não seja o objetivo dos seus escritos, sua obra sobressaiu entre as demais fontes ao abordar as pertinentes ações da Rainha Crente em prol dos dissidentes calcedônios¹². Assim, uma vez que Procópio não se propõe a relatar

⁹ Dionísio de Tel-Mare foi Patriarca de Antioquia (818-845). Leva o nome Pseudo por ser associado ao patriarca, embora tenha sido escrita por um monge do mosteiro Zuquenim. EVANS, *op. cit.*, p. 242.

¹⁰ EVANS, *op. cit.*, p. 218; HARVEY, *op. cit.*, 1990, p. 30-34.

¹¹ Segundo Evans, as implicações da Imperatriz Eufêmia contra o casamento de Justiniano e Teodora que são ressaltadas por Procópio em *História Secreta*, para além de um passado vinculado à vida teatral, são atribuídas à fé anticalcedônia seguida por Teodora, uma vez que a Imperatriz Eufêmia possivelmente apoiou seu consorte, Justino I, na reaproximação das Igrejas de Roma e Constantinopla com o fim do Cisma Acaciano. EVANS, *op. cit.*, p. 48-49.

¹² O envolvimento da Imperatriz Teodora no amparo e auxílio aos Ortodoxos Orientais também é encontrado nas *Crônicas* de João Malalas, em *História eclesiástica* de Pseudo-Zacarias Retórico, além do *Livro dos Pontífices*,

abertamente sobre as tensões monofisistas em *História das Guerras* ou a criticar as prerrogativas da Imperatriz aos dissidentes, as quais chegaram a ser ovacionadas por João de Éfeso – sobre esse aspecto, Averil Cameron ressalta que um dos motivos que possivelmente levaram Procópio a não acrescentar as disputas monofisistas nos livros I ao VII de *História das Guerras* era porque a causa anticalcedônia ainda era uma questão em aberto, como também a política de reconciliação de Justiniano com os monofisistas no final da década de 540 provavelmente se refletiu na ausência de citações sobre o caso em *História Secreta*¹³ –, ressaltaremos alguns dos momentos em que podemos observar a atuação do poder imperial de Teodora no amparo aos monofisistas a partir da narrativa de *Vida dos Santos Orientais*.

Segundo João de Éfeso, ainda como patricia, Teodora atuou no auxílio à causa permitindo que o Bispo Mare e seus atendentes desfrutassem de um exílio mais agradável, como relata em sua *Vida dos Santos Orientais*, na décima terceira história sobre Tomé e Estevão. As perseguições exercidas no governo de Justiniano levaram diversos membros anticalcedônios ao exílio, e um deles foi o Bispo Mare de Amida¹⁴, na antiga Mesopotâmia, juntamente com seus atendentes Tomé, Estevão e Sérgio, que foram enviados para o exílio em Petra. Por conta das calamidades que estavam passando, Estevão foi a Constantinopla com o intento de que alguém pudesse interceder por eles. Teodora, ao saber o que ocorria¹⁵,

[...] como que por instigação divina, porque viu a angústia daquele santo, manifestou sua misericórdia e rogou a Justiniano, seu marido, que era Mestre dos Soldados e também patricio e sobrinho do rei, que ele informaria seu tio, e ele poderia ordenar que fosse dado alívio a esses homens angustiados, fazendo esse pedido mesmo com lágrimas. E, através da graça que cuida da vida de cada homem, isso foi feito e uma ordem foi dada a eles para virem para Alexandria¹⁶.

Naquele momento a cidade de Alexandria havia se tornado um refúgio para os homens santos e, como dito, possivelmente por questões econômicas permaneceu dessa forma mesmo durante as ardentes perseguições. Embora o tom de benevolência percorra por todo os casos em que envolve a presença da Imperatriz, é interessante como João de Éfeso ressalta como

como analisaremos mais a seguir. HARVEY, *op. cit.*, 2001, p. 224. Sobre as suposições de interação entre a Imperatriz Teodora e os seus principais autores, ver EVANS, *op. cit.*, p. 211.

¹³ CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. London: Duckworth, 1996. p. 124-127.

¹⁴ Atual Diyarbakır, na Turquia.

¹⁵ JOHN OF EPHEBUS, p. 187-189; HARVEY, *op. cit.*, 2001, p. 222.

¹⁶ JOHN OF EPHEBUS. *Lives of the Eastern Saints*. E. W. Brooks (Patrologia Orientalis), 1923, p. 189. “as if by divine instigation, because she saw that saint's distress, made her mercy manifest, and made entreaty to Justinian her husband, who was master of the soldiers and also a patrician and the king's nephew, that he would inform his uncle, and he might order relief to be given to these distressed men, making this entreaty even with tears. And, through the grace which cares for every mans life, it was done and an order went out to them to come to Alexandria.” (tradução nossa)

Teodora mesmo antes da púrpura era vista como uma aliada influente para os dissidentes podendo alcançar algumas façanhas por intermédio de Justiniano, mesmo em um momento periclitante para os anticalcedônios. Segundo João, alguns anos depois, com a morte de Mare, suas duas irmãs diaconisas e seus companheiros se preparavam para o enterrar no seu local de origem, então Estevão retornou novamente para a capital para pedir a Teodora, agora imperatriz, e ela emitiu uma ordem para que o bispo pudesse retornar à sua terra natal. Mais tarde, João nos informa que a imperatriz convidou Estevão para ir a Constantinopla por sua eloquência e sabedoria e por ter vivido de forma pura¹⁷. Harvey pontua que, pelos escritos de João de Éfeso, a Imperatriz pedia informações aos seus magistrados sobre as figuras santas que se destacavam por sua devoção ascética e, quando chegavam à capital, já eram conhecidas por ela, que os tratava com honrarias, mesmo com suas aparências simplórias¹⁸.

No décimo relato “do bravo guerreiro em nome da verdadeira fé, o Bispo Mar Simeão, o debatedor Persa”¹⁹, vemos mais um caso de auxílio à causa dissidente pela Rainha Crente, mas desta vez operando por meio diplomático, solicitando amparo ao Império Sassânida. Segundo João de Éfeso, o Bispo Simeão viveu de forma exemplar, lutando até seus últimos dias contra os seguidores de Nestório e realizando a pregação de Cristo nas regiões orientais. Era um exímio debatedor e conhecedor das Escrituras e como persa combatia os nestorianos no seu próprio território. Ao retornar da sua viagem, na qual percorreu diversos locais em que o evangelho havia penetrado, o Rei Cavades I havia morrido e Cosroes I o sucedeu, e, quando não conseguiu comparecer perante as autoridades, sabendo da difusão do nestorianismo na Pérsia, o Bispo Simeão foi à capital do Império e se dirigiu à Imperatriz Teodora

[...] para pedir-lhe uma carta à rainha-chefe dos persas sobre os assuntos dos crentes e, se fosse possível, subir com o mesmo zelo aos territórios de Roma. E ela consentiu de bom grado, porque de fato já conhecia há algum tempo sua seriedade e seu zelo; e ela o deteve lá [Constantinopla] pelo espaço de um ano, mantendo-o com grande honra²⁰.

Todavia, Simeão, como já aparentava estar muito idoso e fraco, faleceu quando ainda se encontrava em Constantinopla. Mais adiante, em *Vida dos Santos Orientais*, na quadragésima sétima história, que aborda os monges e homens santos que se refugiaram no

¹⁷ JOHN OF EPHESUS, p. 207.

¹⁸ HARVEY, *op. cit.*, 2001, p. 223.

¹⁹ JOHN OF EPHESUS, p. 137. “of the brave warrior on behalf of the true faith, Mar Simeon the Bishop, the Persian debater” (tradução nossa)

²⁰ JOHN OF EPHESUS, p. 157. “to ask her for a letter to the chief queen of the Persians about the affairs of the believers, and, if it were possible, to go up in the same zeal to the territories of Rome. And she gladly consented, because she had in fact been well acquainted with his earnestness and his zeal for some time; and she detained him there for the space of one year, holding him in great honour.” (tradução nossa)

Palácio Hormisdas, João de Éfeso nos informa que as dimensões imperiais contavam com cerca de 500 dissidentes, que vinham de diversos lugares do Oriente: Síria, Armênia, Capadócia, Cilícia, Ásia, Alexandria, Isáuria e Licônia, que lotavam todos os espaços do palácio. Uma das câmaras foi organizada e funcionava como um convento, enquanto nos outros salões ficavam os homens santos que passavam por jejuns, vigílias e contínuas orações, uma imagem que maravilhava quem chegasse a Hormisdas. Numa tentativa de exaltar seus companheiros, João de Éfeso chega a mencionar que alguns dos visitantes que seguiam o sínodo da Calcedônia, ao se deslumbrarem com a comunidade que se encontrava refugiada, acabavam por renunciar à sua fé e se juntavam a eles, ao passo que as figuras imperiais eram uma presença constante:

[...] a rainha crente também regularmente, uma vez a cada dois ou três dias, descia até eles para ser abençoada por eles, ficando maravilhada com sua comunidade e suas práticas, e admirando sua honrada velhice, e circulando entre eles e prestando-lhes reverências, e sendo regularmente abençoada por cada um deles, enquanto ela providenciava generosamente as despesas exigidas para eles em tudo; enquanto o rei também, que se posicionou contra eles por causa do sínodo de Calcedônia, maravilhou-se com a congregação deles, e ele próprio também se apegou a muitos deles. E confiou neles, e foi constantemente recebido e abençoado por eles²¹.

O relato continua e João descreve como um milagre de Deus sobre a comunidade que se encontrava no Palácio Hormisdas. Como ocorria constantemente, diversas pessoas se reuniam nos salões palacianos para receber as bênçãos e orações dos homens abençoados que se amontoavam ali, mas num certo dia a multidão lotou um dos grandes salões que continha uma capela para os mártires e, devido ao peso dos fiéis, a câmara desabou; os gritos e o pânico daqueles que sucumbiram puderam ser ouvidos do Grande Palácio²², todavia Deus intercedeu sobre todos que ali estavam reunidos de uma forma que ninguém pereceu. João acrescenta que, quando a notícia se espalhou, todos ficaram espantados e admirados com o ocorrido, e o imperador, a partir dos escombros do salão, construiu um pórtico²³. Dessa forma, João nos informa, para além das alegações de milagres recebidos, da interação direta da Imperatriz com

²¹ JOHN OF EPHESUS, p. 679-680. “the believing queen also would regularly once in every two or three days come down to them to be blessed by them, being amazed at their community and their practices, and admiring their honoured old age, and going round among them and making obeisance to them, and being regularly blessed by each one of them, while she provided the expenses required for them liberally in every thing; while the king also, who was ranged against them on account of the synod of Chalcedon, marvelled at their congregation, and himself also was attached to many of them. And trusted them, and was constantly received and blessed by them.” (tradução nossa)

²² O Grande Palácio passou a ser a residência oficial do casal imperial com a morte de Justino I; antes disso moravam no Palácio Hormisdas, que foi entregue à imperatriz e conectado ao Grande Palácio. GARLAND, Lynda. *Byzantine Empresses: Women and Power in Byzantium, AD 527–1204*. London/New York: Routledge, 1999. p. 25.

²³ JOHN OF EPHESUS, p. 682-683.

os dissidentes que habitava os domínios palacianos, fornecendo recursos e visitas recorrentes que também eram realizadas pelo Imperador, este que além de ter conhecimento das ações de seu cônjuge fornecia amparo para os asilados.

A proteção da Imperatriz Teodora sobre a comunidade que se alojava no Hormisdas durou por toda a sua vida; segundo João de Éfeso, ela pediu que após sua morte Justiniano continuasse com sua ação, e ele acatou, ainda que em uma passagem mais adiante ele complementa ao dizer que, depois da morte da Rainha Crente, os adversários dela induziram o Imperador a retirar os dissidentes dos aposentos palacianos, mas após alguns percalços foram instalados em um mosteiro de menores proporções²⁴. Houve também casos em que esses homens abençoados, como descreve João de Éfeso, que habitavam diversos pontos do Oriente, foram à Constantinopla não em busca de intercessão, mas para se queixarem dos males que as perseguições causavam a eles e aos seus pares, mesmo nesses casos a Imperatriz Teodora é descrita com benevolência ao reconhecer a importância e a sabedoria desses homens.

Esse é o caso da segunda história de *Vida dos Santos Orientais* sobre o bem-aventurado Z'ura. João de Éfeso apresenta Z'ura como um discípulo de Habid que, após a morte do seu mestre, herdou seus poderes de cura e, como um estilita, subiu a um pilar para a realização de suas práticas ascéticas, embora ainda realizasse suas bênçãos e curas. Todavia, as perseguições dos calcedônios chegaram até ele, e, retirado do seu pilar, rogou que iria até a autoridade imperial para relatar seu descontento com os males nos encaços dos homens santos. Assim, Z'ura seguiu para Constantinopla com dez dos seus discípulos, já na presença do imperador, o irritou com suas afirmações contra o sínodo. Justiniano, por sua vez, disse-lhe que se suas palavras fossem verdade, Deus lhe mandaria um sinal, e em resposta Z'ura lhe disse: “o Senhor não lhe mostrará nenhum sinal fora de você, mas em você mesmo”²⁵, e após proferir essas palavras ele partiu. Um dia após o ocorrido, o Imperador foi acometido por um terrível inchaço na cabeça que o deixou irreconhecível, e de forma rápida a imperatriz agiu²⁶:

[...] sua esposa, que era muito astuta, o escondeu secretamente na câmara [...], e com exceção de dois médicos e dois camareiros ela não permitiu que ninguém se aproximasse dele, enquanto ela enviava intercessores ao homem abençoado para pedir-lhe que viesse e orasse por ele para que pudesse se recuperar, e ele faria as pazes com a Igreja de uma vez por todas.²⁷

²⁴ JOHN OF EPHESUS, p. 683-684.

²⁵ JOHN OF EPHESUS, p. 24. “the Lord will not show you a sign outside you, but in your own self” (tradução nossa).

²⁶ JOHN OF EPHESUS, p. 18-24; HARVEY, *op. cit.*, 2001, p. 227.

²⁷ JOHN OF EPHESUS, p. 25. “his wife, who was very cunning, hid him secretly in the chamber, [...], and except two physicians and two chamberlains she did not allow anyone to come in to him, while she sent intercessors to the blessed man to ask him to come and pray for him that he might recover, and he would at once make peace in the church.” (tradução nossa)

E assim, segundo João, Z'ura retornou e por meio de orações concedeu a Justiniano a cura da sua enfermidade²⁸; este, por sua vez, por receio concordou com os pedidos desse homem e apenas o estado da Igreja não foi alterado. Sobre a possível cura de Justiniano, Harvey ressalta que, para defender seus argumentos, João de Éfeso faz uso de diversos meios para dar ênfase ao que fosse necessário, e neste caso poderia ter associado uma das vezes em que o Imperador esteve gravemente enfermo com o encontro com Z'ura. Assim, cita Brooks ao mencionar a possível associação de uma intercessão de São Cosme e Damião a uma enfermidade de Justiniano relatada em *Sobre os Edifícios*, uma vez que não poderia mencionar Z'ura caso tivesse sido o autor da cura. Todavia, ainda que o Imperador seja mencionado como visitando os dissidentes, quando se trata do sínodo fica evidente seu apreço pela causa calcedônia e seu ponto de divergência com Teodora.

Ulrike Unterweger, ao destacar o papel de patrona realizado pela Imperatriz Teodora nas comunidades monofisistas a partir dos escritos de João de Éfeso – dispondo de mosteiros para homens e mulheres em diversas localidades e oferecendo recursos financeiros e proteção aos dissidentes, por exemplo –, salienta que o traço comum que podemos encontrar em João de Éfeso e Procópio de Cesareia é a criação póstuma da imagem de Teodora a partir dos seus próprios interesses²⁹.

Assim, enquanto em *Vida dos Santos Orientais* João descreve Teodora como uma intercessora “que talvez tenha sido nomeada rainha por Deus para ser um suporte aos perseguidos contra a crueldade da época”³⁰, em Procópio de Cesareia vemos uma Imperatriz atuante, com pulso firme e envolta em intrigas palacianas a fim de atingir seus objetivos, como na Revolta de Nika e na queda de João da Capadócia, presentes em *História das Guerras*, ao passo que em *História Secreta* relata seu descontentamento com o exercício de poder de Teodora, qualificando-a como tirana, de personalidade cruel e que “se considerava autorizada para dirigir todos os assuntos de Estado ao seu critério”³¹. Desse modo, mesmo com um público distinto: João voltado para as comunidades monofisistas, enquanto Procópio estava centrado na elite e nas predileções imperiais em *História das Guerras* e num público mais seletivo entre seus pares em *História Secreta*; observamos que em ambos os autores, mesmo que apresentando

²⁸ HARVEY, *op. cit.*, 1990, p. 84, n. 71.

²⁹ UNTERWEGER, Ulrike, *op. cit.*, p. 104.

³⁰ JOHN OF EPHESUS, p. 529. “who was perhaps appointed queen by God to be a support for the persecuted against the cruelty of the times” (tradução nossa).

³¹ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. Introducción, traducción y notas de Juan Signes Codoñer. Madrid: Editorial Gredos, 2000. XVII, 27. “se consideraba autorizada para dirigir todos los asuntos de estado con su solo criterio” (tradução nossa).

propostas distintas, a atuação imperial de Teodora sobressai, seja em forma de elogios ou de críticas.

Contudo, com relação à atuação da Imperatriz em prol da causa monofisista, os historiadores tendem a ponderar as façanhas dela. Assim como observamos no capítulo anterior, no qual Teodora agiu por meio dos trâmites imperiais como um exemplo de determinação, conseguindo destituir de cargos pessoas que representavam obstáculo para ela e amparando aqueles que a ajudaram, como no caso de Antonina, percebemos que Teodora não extrapolava os limites de sua atuação imperial de maneira a interferir na de Justiniano, mas de certa forma o influenciando e se utilizando de meios para seus fins. De modo semelhante, ao analisar as fontes Ortodoxas Orientais, Harvey e Pazdernik notam que a imperatriz agiu como um meio de contenção, permitindo que os dissidentes lotassem o Palácio Hormisdas desde que não circulassem para além dos limites palacianos, evitando possíveis embates com os calcedônios, como também sua intercessão por aqueles que recorriam a ela não se distancia dos interesses do imperador³², assim:

Teodora aparece mais uma vez como um elemento moderador, cujas atividades à margem do conflito ajudam a restabelecer o equilíbrio entre os monofisistas e seus antagonistas. De longe, a imagem mais consistente do casal imperial é a representação de dois indivíduos unidos na sua religiosidade pessoal e na sua capacidade mútua para o reconhecimento da santidade.³³

Nesse sentido, podemos suspeitar da influência direta da Imperatriz nas questões políticas teológicas que marcaram os anos de 530. As tentativas de reaproximação das Igrejas pelo Imperador Justiniano começaram com a redução das perseguições e com as séries de diálogos entre os calcedônios e os monofisistas iniciadas em 532 que se encerraram no ano seguinte sem necessariamente chegarem a um acordo. Assim, no mesmo ano em que Justiniano lidou com a eclosão da Revolta de Nika e apaziguava as relações com a Pérsia por meio do acordo diplomático, deu-se início às conversações teológicas: foram convidados os bispos calcedônios e os bispos monofisistas exilados para os debates que ocorreram no Palácio Hormisdas e se estenderam até o ano de 533, quando ocorreu um debate formal que durou três dias.

³² HARVEY, *op. cit.*, 2001, p. 226; PAZDERNIK, Charles. “Our Most Pious Consort Given Us by God”: Dissident Reactions to the Partnership of Justinian and Theodora, A.D. 525–548. *Classical Antiquity*, v. 13, n. 2, p. 256-281, 1994. p. 279-281.

³³ PAZDERNIK, *op. cit.*, p. 281. “Theodora appears once again as a moderating element, whose activities on the margins of the conflict help to redress the balance between the Monophysites and their antagonists. By far the most consistent image of the imperial couple is a portrayal of two individuals united in their personal piety and in their mutual capacity for the recognition of sanctity.” (tradução nossa)

No primeiro dia, o embate foi realizado em torno da teologia de Êutiques, que foi considerado tanto pelos calcedônios quanto pelos monofisistas como extremista em suas considerações sobre a natureza de Cristo. No segundo dia, foram colocadas em questão pelos monofisistas as diferenças entre o credo calcedônio e os pressupostos de Nestório que culminaram na sua deposição do Patriarcado de Constantinopla e na condenação dos seus escritos, lembrando-lhes de que haviam restaurado dois bispos que comungavam com Nestório, Teodoreto de Cirro e Ibas de Edessa. Mas, em resposta, os calcedônios argumentaram que foi solicitado aos bispos para que pudessem retornar a suas sedes e que condenassem Nestório, e assim o fizeram. Mesmo que a contestação não tenha agradado aos monofisistas, o assunto não mais se estendeu, no terceiro dia Justiniano participou da reunião, propondo a formulação teopaquista – na qual se pregava que a “Trindade havia sofrido na carne” – a fim de que se chegasse a uma reconciliação; entretanto, não houve uma resposta consistente, e, sem uma resolução que apontasse para uma possível reaproximação, se encerraram os debates. Todavia, no mesmo ano, Justiniano emitiu um édito condenando os dois extremos das querelas religiosas, o nestorianismo e o eutioquianismo, delegação que tinha conotações teopaquistas e não representou avanços significativos na sua tentativa de conseguir adeptos para o meio-termo da disputa teológica³⁴.

Em 535, ano que marca o início da guerra contra os godos, os postos de patriarca de Constantinopla e de Alexandria ficaram vagos com a morte de Epifânio (520-535) e Timóteo III (517-535), respectivamente. Segundo os historiadores, Teodora teria agido para que os patriarcas substitutos fossem monofisistas, escolhendo Ântimo para patriarca de Constantinopla, este que até então exercia o bispado de Trebizonda³⁵, anteriormente estava ao lado dos calcedônios nas reuniões de reconciliação, mas naquele momento se mostrava mais inclinado aos escritos do exilado líder monofisista Severo, para o patriarcado de Alexandria a Imperatriz teria agido para que Teodósio assumisse; logo em seguida, ambos recorreram a Severo, que se encontrava em Constantinopla a pedido do Imperador em meio ao contexto de reaproximações. David Potter acrescenta que as fontes contemporâneas³⁶ alegam a influência da “facção de Teodora” na nomeação dos novos patriarcas, embora ressalte que, apesar da

³⁴ EVANS, *op. cit.*, p. 111-113; PAZDERNIK, *op. cit.*, p. 259; POTTER, David. *Theodora: Actress, Empress, Saint*. New York: Oxford University Press, 2015. p. 167-168.

³⁵ Localizada no Noroeste da Turquia, pode ser observada na figura 5 em anexo.

³⁶ São dois autores calcedônios norte-africanos: o Bispo Victor de Tunnuna, autor de *Crônica*, que inicialmente contemplava desde a Criação até o ano de 566 d. C., contudo as partes que sobreviveram vão de 444 a 566 d. C., e Liberato de Cartago, um clérigo autor de *Uma breve história dos nestorianos e eutiquianos*, conhecido como *Breviário* de Liberato de Cartago, ambos escritos nos anos de 560. POTTER, *op. cit.*, p. 173.

intervenção da Imperatriz, as nomeações foram feitas pelo próprio Justiniano, uma vez que ambos ansiavam por uma reconciliação³⁷.

Entretanto, a implementação desses patriarcas não foi tão bem aceita como o casal imperial esperava. No Egito, crescia um novo segmento proveniente do monofisismo fundamentado por Juliano, Bispo de Halicarnasso³⁸, que levava as predileções apontadas por Severo ao extremo, argumentando que a natureza divina havia tornado o corpo de Cristo incorruptível desde o seu nascimento, o que para Severo só veio a ocorrer com a ressurreição. Os seguidores de Juliano, conhecidos como aftartodóctetas, expulsaram o Patriarca Teodósio da cidade de Alexandria, e o seu retorno para assumir a Sé só foi possível quando Teodora enviou o General Nártes para conter os opositores. No caso de Ântimo, os calcedônios presentes na capital do império e nas demais localidades, como em Antióquia e Palestina, se revoltaram com a situação. Suas objeções foram levadas ao Papa Agapito I (535-536), que havia há pouco substituído João II após sua morte. Eles alegavam que o novo Patriarca de Constantinopla havia sido eleito de forma ilegal, pois era vedada aos bispos a mudança de cidade, lembrando que até então Ântimo era bispo de Trebizonda, além de reforçarem a ideia de que a capital acolhia outros hereges como Severo e Z'ura, figuras importantes para a causa dissidente.

A missão do Papa Agapito I em Constantinopla em 536 relacionava-se mais ao apelo do Rei Teodato (534-536) na tentativa de conter as investidas de Justiniano na Península Itálica; em todo caso, a passagem de Agapito I na capital foi rápida, mas promissora para a causa calcedônia. Desse modo, destituiu Ântimo do patriarcado de Constantinopla argumentando sua ilegalidade para o cargo e consagrando Menas como novo patriarca, que, por sua vez, presidiu o sínodo no qual os calcedônios condenaram e baniram Ântimo, Severo, Z'ura e Pedro, bispo de Apameia³⁹. Logo depois, Teodósio de Alexandria foi convocado em Constantinopla e também foi destituído do seu cargo, e em seu lugar Justiniano colocou Paulo I, um calcedônio ferrenho. De fato, parecia que as tentativas de Teodora de fortalecer a causa sucumbiram, restando-lhe garantir exílio seguro para seus homens santos; quanto a Justiniano, sua aprovação às reivindicações do papado poderiam ser úteis ao se pensar na importância de se aliar ao papado no momento em que a guerra contra os godos estava em progresso⁴⁰. Todavia, como veremos a seguir, se considerarmos os escritos contemporâneos, a Imperatriz, no decorrer da

³⁷ EVANS, *op. cit.*, p. 115-116; POTTER, *op. cit.*, p. 173-174.

³⁸ Localizada no sudoeste da Turquia.

³⁹ Atualmente próximo à cidade de Hama, na Síria, pode ser observada na figura 7 em anexo.

⁴⁰ EVANS, *op. cit.*, p. 115-120; POTTER, *op. cit.*, p. 174-177; GARLAND, *op. cit.*, p. 25-26.

guerra gótica, agiu por intermédio de Antonina e Belisário com o intuito de restaurar Ântimo, mesmo que isso tenha significado a deposição de um papa.

3.3 O Cerco de Roma e a deposição do Papa Silvério: a possível interferência da Imperatriz Teodora e de Antonina

No capítulo anterior, ao analisarmos a presença de Antonina nas campanhas militares lideradas pelo seu cônjuge, o general Belisário, mencionamos sua partida com o general para a Sicília na guerra contra os godos em 535. Nesse primeiro ano de guerra, as forças imperiais, além de se apoderarem de Siracusa e das demais localidades da ilha, também se empossaram dos territórios da Dalmácia⁴¹. No ano seguinte, em 536, enquanto o Papa Agapito I chegava a Constantinopla e excomungava os dissidentes acolhidos pela Imperatriz, Belisário juntamente com Antonina saíram de Siracusa rumo à Península Itálica. Na Campânia, o general encontrou seu primeiro obstáculo rumo a Roma: a grande cidade de Nápolis protegida por uma muralha inacessível, o que o levou a cortar o aqueduto e sitiá-la. Todavia, seus esforços se mostraram de pouco impacto para os napolitanos, que, além das muralhas, contavam com poços dentro do seu recinto. Mas, como por um “golpe de sorte”, como descreve Procópio de Cesareia em *Guerra Gótica*, um dos subordinados do general encontrou uma rachadura no aqueduto que, se ampliada, daria passagem para a cidade, e dessa forma foi preparado o assalto sobre os napolitanos⁴².

Após a vitória em Nápoles, os godos, indignados com a inércia do Rei Teodato diante do avanço das forças imperiais romanas, elegeram Vitigis (536-540) como novo rei; este, por sua vez, se dirigiu até Ravena para resolver outros percalços enquanto deixou Roma sob guarnições, além de exortar o Papa Silvério, os senadores e a população local a se manterem leais aos godos⁴³. Não obstante, quando Belisário se preparava para marchar para Roma, segundo Procópio, recebeu a notícia de que

[...] os habitantes de Roma, que temiam passar pelo mesmo que ocorreu com os napolitanos, decidiram, depois de considerar o assunto, que era preferível receber o exército do Imperador na cidade. Era Silvério, o Sumo Pontífice da cidade, o que mais os incitava a agir desse modo.⁴⁴

⁴¹ Corresponde atualmente aos países da região dos Balcãs, como Croácia, Albânia, Bósnia e Herzegovina. PARNELL, David Alan. *Belisarius & Antonina: Love and War in the Age of Justinian*. New York: Oxford University Press, 2023. p. 85.

⁴² PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras: Libros V-VI, Guerra Gótica*. Introducción, traducción y notas de José Antonio Flores Rubio. Madrid: Editorial Gredos, 2006. V, 8, 44-45; V, 9, 8-21.

⁴³ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. V, 11, 1-26.

⁴⁴ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. V. 14, 4. “los habitantes de Roma, que temían pasar por lo mismo que les había sucedido a los neapolitas, decidieron, después de considerar el asunto, que era preferible

Assim, Belisário partiu com seu exército de Nápoles para Roma pela Via Latina. Enquanto se aproximavam da cidade, os godos que estavam nas guarnições seguiram em direção a Ravena para se juntar ao Rei Vitigis, ficando apenas seu comandante, e no dia 9 de dezembro de 536, Belisário entrou em Roma pela Porta Asinária, no Sudoeste da cidade. Logo depois, o general enviou como cativo o comandante da guarnição dos godos junto com as chaves da cidade para o Imperador Justiniano, em seguida cuidou dos preparativos para um possível cerco dos godos – que não tardou a acontecer⁴⁵.

O Cerco de Roma durou um pouco mais de um ano, e, no decurso desse tempo, segundo Procópio, Antonina atuou ao lado de Belisário assessorando-o durante esse período, além de se envolver em algumas intrigas se considerarmos suas passagens em *História Secreta*. No entanto, o que poderíamos considerar como sua performance enquanto estavam sitiados em Roma ocorreu ainda nas primeiras semanas: a deposição do Papa Silvério a mando da Imperatriz Teodora, isso se levamos em consideração os relatos expostos em *História Secreta* e no *Livro dos Pontífices*, além de outras duas fontes que corroboram para esse argumento.

O relato mais completo sobre a deposição de Silvério se encontra no *Livro dos Pontífices*, uma coleção de biografias de bispos latinos compilada de forma anônima ao longo dos séculos. Segundo Raymond Davis, responsável pela tradução e introdução da segunda edição do *Livro dos Pontífices*, a parte escrita no mais tardar em meados de 540 – mais precisamente antes do cerco de 546, visto que o autor desconhece esse fato – apresenta desde os primeiros pontífices até meados da vida de Silvério, contudo os tópicos que dizem respeito às interações entre esse papa e Teodora que levaram à sua deposição foram escritos posteriormente, cerca de 80 anos depois, por outro autor, o que levou a certos erros históricos de continuidade tanto no relato de Silvério quanto do seu sucessor, o Papa Vigílio (537-555)⁴⁶. Desse modo, devemos ter cautela ao considerarmos as informações prestadas, mesmo que sejam corroboradas por fontes contemporâneas ao ocorrido.

Seguindo o relato do *Livro dos Pontífices*, Silvério era filho do Papa Hormisdas, responsável pelo fim do Cisma Acaciano ainda no reinado de Justino I, e sua ordenação ocorreu por meio de um suborno ao então Rei Teodato, sem o consentimento do clero romano, que

recibir en la ciudad al ejército del emperador. Era Silverio, el sumo pontífice de la ciudad, el que más los instaba a actuar de ese modo.” (tradução nossa)

⁴⁵ Para a localização da Via Latina e da Porta Asinária, observar a figura 8 em anexo; PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. V, 14, 5-17; PARNELL, *op. cit.*, p. 94.

⁴⁶ DAVIS, Raymond. Introduction. In: DAVIS, Raymond. *The Book of Pontiffs (Liber Pontificalis): The Ancient Biographies of First Ninety Roman Bishops to AD 715*. Revised edition, translated with introduction and notes by Raymond Davis. Liverpool: Liverpool University Press, 2010. p. xiii-xlvi.

acabou cedendo à ordenação. Como anteriormente Agapito I havia banido o Patriarca Ântimo em Constantinopla, o novo eleito papal foi visto pela Imperatriz Teodora como uma oportunidade de reverter a excomunhão, segundo nos apresenta o *Livro dos Pontífices*:

Então o imperador, depois de discutir o assunto com o diácono Vigílio, enviou uma carta ao Papa Silvério em Roma com o pedido e a exigência: “Não hesite em vir nos visitar, ou certifique-se de devolver Ântimo ao seu lugar”. Quando o beato Silvério leu esta carta, gemeu e disse: “Agora sei que este caso levou-me à ruína”. Mas com a confiança depositada em Deus e em São Pedro, o apóstolo, o beato Silvério escreveu à imperatriz: “Senhora Imperatriz, restaurar um herege que foi condenado pela sua perversidade é algo que nunca conseguirei fazer”.⁴⁷

Como podemos ver, embora Justiniano tenha enviado a carta, segundo o autor do livro o pedido vinha diretamente de Teodora o que nos leva a considerar que, assim como a influência da Imperatriz é cogitada na escolha dos dois patriarcas monofisistas que foram depostos, aqui ela também aparece como a responsável por querer a restauração de um desses patriarcas, enquanto o Imperador se mostra consciente do que se passava. Seguindo o *Livro dos Pontífices*, após o Papa Silvério ter se negado à restauração de Ântimo, a Imperatriz teria exigido ao general que procurasse algum pretexto para que Silvério fosse deposto e Vigílio fosse colocado em seu lugar, uma vez que tinha dado sua palavra a Teodora de que restituiria o antigo patriarca. Sendo assim, o general acatou o mandado, embora tenha deixado claro que “se alguém se envolver no assassinato do Papa Silvério, terá de prestar contas das suas ações ao Nosso Senhor Jesus Cristo”⁴⁸, uma demonstração clara de que Belisário não estaria contente com seu trabalho, deixando margem para atribuir a Antonina o peso dos acontecimentos que seguiram. Em *Guerra Gótica*⁴⁹, Procópio de Cesareia apenas comenta a respeito das suspeitas de traição do Sumo Pontífice em favor dos godos e como Belisário colocou Vigílio em seu lugar, enquanto no relato do *Livro dos Pontífices* em corroboração com Procópio a trama aparece mais detalhada e com a adição de Antonina, nos informa que surgiram certos testemunhos de que Silvério estava se correspondendo com o rei dos godos, e apesar dos boatos serem falsos, Belisário

⁴⁷ *The Book of Pontiffs (Liber Pontificalis): The Ancient Biographies of First Ninety Roman Bishops to AD 715*. Revised edition, translated with introduction and notes by Raymond Davis. Liverpool: Liverpool University Press, 2010. 60. 6. “Then the emperor after discussing the matter with the deacon Vigilius sent a letter to pope Silverius in Rome with the request and demand: ‘Do not hesitate to come and visit us, or be sure to restore Anthimus to his place’. When blessed Silverius read this letter he groaned and said: ‘Now I know that this affair has brought my life to an end’. But with his confidence placed in God and St Peter the apostle, the most blessed Silverius wrote back to the empress: ‘Lady empress, to restore a heretic who has been condemned in his wickedness is something I can never bring myself to do’.” (tradução nossa)

⁴⁸ *The Book of Pontiffs*. 60. 7. “if anyone gets involved in killing pope Silverius he will have to account for his actions to our Lord Jesus Christ” (tradução nossa)

⁴⁹ PROCÓPIO DE CESAREIA. *Historia de las Guerras*. V, 25, 13.

chamou o papa para o Palácio Pinciano, onde foi deposto em uma trama em que temos o casal de patrícios atuando juntos⁵⁰:

Na entrada de Silvério com Vigílio sozinho na câmara interna, a patrícia Antonina estava deitada em um sofá com o patrício Belisário sentado a seus pés. Quando Antonina o viu, disse-lhe: “Diga-nos, senhor Papa Silvério, o que fizemos a você e aos romanos para que vocês quisessem nos entregar nas mãos dos godos?”. Enquanto ela falava, o subdiácono da primeira região, João, entrou, tirou o pálio do pescoço e conduziu-o para uma sala ao lado. Ele o despiu, vestiu-o com um hábito de monge e o escondeu.⁵¹

Após assumir como Sumo Pontífice, Vigílio (537-555) teria enviado Silvério para o exílio, que acabou morrendo logo depois por má alimentação. Com relação às juras feitas à imperatriz, asseguraram-na de que tinha sido imprudente ao se comprometer a restaurar um homem que era herege e estava sob anátema e que, apesar dos esforços da imperatriz, permaneceu fiel à sua palavra até a morte⁵².

Neste sentido, mais uma aproximação entre os relatos aparece em *História Secreta*, aqui Procópio não menciona a atitude de Belisário, mas acrescenta a interação entre a Imperatriz Teodora e Antonina na deposição do papa, acusando Teodora como a responsável pelo descarte de Silvério, infelizmente Procópio apenas menciona o ocorrido, uma vez que ressalta que seria desenvolvido em um livro posterior, o que não chegou a ocorrer⁵³. Um outro vestígio que poderia nos indicar a participação de Antonina na trama do Papa Silvério aparece um pouco mais à frente na narrativa de *História Secreta* ao mencionar que um dos servidores de Antonina, de nome Eugênio, teria ajudado a se vingar de Macedônia – por ter contado a Belisário sobre o possível caso dela com Teodósio –, também teria se ocupado com “a ação criminosa contra Silvério”⁵⁴. Dessa forma, foi cogitado por James Evans que ambos, Antonina e Eugênio, agiram para criar e espalhar os boatos de traição que são mencionados por Procópio em *Guerra Gótica* e no *Livro dos Pontífices*⁵⁵. Mesmo que não possamos afirmar essa ação, é interessante pontuar como os dois livros nos induz a atribuir à Antonina a autoria da deposição do papa, uma vez que no *Livro dos Pontífices* é ela se dirigindo diretamente a Silvério enquanto Belisário se

⁵⁰ *The Book of Pontiffs*. 60. 7-8.

⁵¹ *The Book of Pontiffs*. 60. 8. “On Silverius’ entry with Vigilus alone into the inner chamber, the patrician Antonina was lying on a couch with the patrician Belisarius sitting at her feet. When Antonina saw him she said to him: ‘Tell us, lord pope Silverius, what have we done to you and the Romans to make you want to betray us into the hands of the Goths?’ While she was still speaking, John, regionary subdeacon of the first region, came in, took the *pallium* from his neck and led him into a side room. He stripped him, dressed him in a monk’s habit and hid him away.” (tradução nossa)

⁵² *The Book of Pontiffs*. 61. 3.

⁵³ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 14.

⁵⁴ PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. I, 27. “la acción criminal contra Silverio” (tradução nossa).

⁵⁵ EVANS, *op. cit.*, p. 131.

ocupava em se sentar aos seus pés, uma caracterização que se enquadra quase como um trecho tirado de *História Secreta*. Essa certa similaridade da abordagem do casal, na qual Antonina aparece como vil, sendo “a pessoa mais capaz do mundo para maquirar o impossível”⁵⁶, enquanto Belisário, além de ser contra a todo o processo, se posiciona de forma subserviente a Antonina, foi considerada por David Parnell como uma demonstração de como os contemporâneos eram hostis ao cenário da parceria entre Belisário e Antonina, além do mais, se consideramos que a produção do *Livro dos Pontífices* foi posterior a *História Secreta* e que ambos os autores não trocaram informações entre si, fica evidente como a atuação de Antonina era algo notável, embora seja seriamente comprometida com acusações de tons depreciativos como as presente nessas duas obras.

Outras duas fontes contemporâneas, Victor de Tunnuna e Liberato de Cartago, poderiam confirmar a interferência da Imperatriz e de Antonina na deposição do Papa Silvério, pois em ambos é mencionado como Antonina pressionou o Papa Vigílio a escrever uma carta para os dissidentes que haviam sido excomungados por Agapito I. Todavia, assim como David Potter, Parnell não pressupõe que o que ocorreu em março de 537 fez parte de uma agenda teológica movimentada pelos anseios da Imperatriz Teodora; na verdade, ele presume que a deposição do Papa Silvério, bem como a expulsão de outros simpatizantes dos godos nesse período pelo general Belisário, com a participação de Antonina, teriam ocorrido devido às tensões políticas iminentes com perigo do cerco gótico. Nesse sentido, as fontes ocidentais e *História Secreta*, ao apontarem a Imperatriz como a responsável pela deposição, estariam sob influência das controvérsias dos Três Capítulos⁵⁷ da década de 540, iniciativa do Imperador Justiniano de reconciliação entre os calcedônios e os monofisistas que pretendia agradar a esses últimos⁵⁸.

Todavia, ainda que nos estudos mais recentes a interferência da Imperatriz Teodora na deposição do Papa Silvério, como a atuação de Antonina na trama sejam seriamente questionadas, há duas questões que queremos levantar: em *História Secreta* e no *Livro dos Pontífices* nos deparamos com um registo que objetiva apontar Teodora e Antonina como as

⁵⁶ PROCOPIUS. *The Persian War*. I, XXV, 13. “the most capable person in the world to contrive the impossible” (tradução nossa).

⁵⁷ Essa disputa ponderava se os escritos de Teodoro de Mopsuéstia, alguns trabalhos específicos de Teodoro de Cirro que atacavam Cirilo de Alexandria e as cartas de Ibas de Edessa para Máris de Calcedônia deveriam ser considerados hereges ou não. Os bispos ocidentais, incluído o Papa Vigílio, eram contra a condenação; no entanto, na década seguinte, em 553, o papa acabou aceitando a condenação, embora a tentativa de reconciliação se mostrasse inviável. EVANS, *op. cit.*, p. 190-203; CRUZ, Marcus Silva da; MAMEDES, Kelly Cristina da Costa Bezerra de Menezes. Entre a Religião e a Política: a “heresia” monofisista na corte de Justiniano. *Revista Eletrônica Trilhas da História*, v. 12, n. 24, p. 191-210, 2023.

⁵⁸ POTTER, *op. cit.*, p. 188; PARNELL, *op. cit.*, p. 100-104.

responsáveis pela deposição de Silvério, e para além de um conluio teológico da década de 540, como nos propõe Parnell, tem um certo espaçamento de tempo entre as produções das obras e mesmo se consideramos que o *Livro dos Pontífices* foi escrito a partir de excertos que relatavam tais eventos, poderíamos nos questionar se também não seria uma manobra para desconsiderarmos qualquer envolvimento de Justiniano nessa empreitada, o que nos leva a uma segunda questão. Como pudemos observar mais acima, a figura de Teodora emerge como uma aliada valiosa para os dissidentes desde antes de ascender a púrpura como nos informa João de Éfeso, enquanto Justiniano mesmo sendo calcedônio buscou uma reconciliação entre as duas vertentes ao longo dos anos, chegando a eleger patriarcas monofisitas para duas Sés. Dessa forma, nos questionamos se Justiniano também não teria interesse na deposição do Papa Silvério, e se sim, a influência da Imperatriz como ocorreu em outros casos faria sentido, assim como a participação de Antonina na remoção do pontífice, e como vimos no segundo capítulo não seria um caso insolado.

Todavia, com relação a atuação de Antonina, não podemos desconsiderar que em *Guerra Gótica* Procópio não menciona sua participação, embora em outros momentos chegue a mencionar suas façanhas nas campanhas, como também, na *Crônica* do Conde Marcelino apenas a ação de Belisário é mencionada na deposição do papa, o que não quer dizer que Antonina não tenha participado da destituição papal como parceira do seu cônjuge, como o próprio Parnell aponta⁵⁹, mas não necessariamente como descrita no *Livro dos Pontífices*, na qual claramente tenta ridicularizar a parceria dela e do seu esposo. De qualquer modo, nesse caso, não podemos desconsiderar que as fontes que tratam de sua participação, *História Secreta* e o *Livro dos Pontífices*, tendem a desqualificar suas ações e podemos supor que a causa seja por se tratar de uma mulher que interfere em assuntos considerados masculinos e de cunho herege.

Neste sentido, enquanto a participação de Antonina é associada a parceria com o general Belisário, o envolvimento da Imperatriz e conseqüentemente o de Antonina agindo por intermédio de Teodora passa a ser algo descartado, uma vez que não se atribui as tentativas de reaproximações de Justiniano e o trabalho da Imperatriz aos monofisistas como motivos para deposição do papa Silvério, no entanto, como pontuamos mais acima, essas colocações também devem ser consideradas quando pensarmos sobre o possível envolvimento da Imperatriz na destituição do pontífice, uma vez que o casal imperial, ambos a sua maneira, ansiavam por uma reconciliação.

⁵⁹ PARNELL, *op. cit.*, p. 102-103.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa dissertação objetivamos apresentar as principais atuações imperiais realizadas pela Imperatriz Teodora, e que de certo modo, se estendeu à Antonina. Para tanto, analisamos os escritos de Procópio de Cesareia e utilizamos algumas fontes auxiliares que corroboram com seus apontamentos de forma a cotejar nossa investigação sobre o tema proposto nesta pesquisa de mestrado.

Muito do que sabemos sobre nossas duas protagonistas advêm da perspectiva *procopiana*, embora dificilmente sua preocupação ao descrever certos atos realizados por elas viessem de uma vontade de deixar para posteridade as contribuições dessas mulheres. Ao que nos parece, as menções realizadas em *História das Guerras* transparecem uma demanda de seu ofício, enquanto a *História Secreta* em formato de *inventio*, dá ênfase e exala rumores que circularam sobre os dois casais mais importantes daquele momento, o Imperador Justiniano e sua consorte Teodora e o general Belisário e sua esposa Antonina.

Assim, ao longo dessa pesquisa propusemos uma análise dessas duas agentes como um modo de averiguar e extrair seus feitos a partir das duas obras de Procópio que apresentam certos elementos comuns entre si. O que em um primeiro momento poderia soar como disparidade: o estilo de escrita, o público das obras, o conteúdo apresentado; traz certas similitudes que aproximam Procópio de Cesareia às suas obras. A pretensão expressa no início de *História Secreta* de aludir a eventos que foram ocultados por ele no livro anterior poderia ser um exemplo claro das semelhanças que os livros guardam entre si, mas para além disso, se olharmos com mais cautela, a perspectiva do autor e a forma como aborda e caracteriza seus personagens se mantem ao longo desses escritos, mesmo que de forma mais acentuada e ríspida na *inventio*. As acusações sobre os hábitos hediondos de João da Capadócia e o seu controle sobre o Imperador em *História das Guerras* encontra equivalência nas acusações também feitas sobre Teodora e Antonina de praticarem o mesmo e influenciarem diretamente seus cônjuges em *História Secreta*, uma ação que para ser creditada pelo autor como tal recorre a desígnios supersticiosos a fim de validá-la.

Além disso, no caso da Imperatriz Teodora e Antonina, a influência exercida aos seus cônjuges no relato de Procópio, perpassa por conotações sexuais que tentam ridicularizar a figura dos seus maridos ao difamá-las, uma posição que diminui seus feitos e a capacidade de exercerem poder e influência por méritos e estratégias próprias. Mesmo que não tenhamos desconsiderado o uso do apelo sexual como tática para atingirem suas predileções, optamos por

analisar a atuação dessas mulheres a partir dos seus próprios mecanismos utilizados para se articularem e prosseguirem suas ambições, para tal, recorreremos aos preceitos estipulados por Liz James, que atribui a autoridade imperial feminina na habilidade de se mover e estipular estratégias como forma de influenciar e atender aos seus interesses¹.

Para isso, no primeiro capítulo, compreendemos as percepções que moldaram a especificidade da narrativa presente em cada obra de Procópio de Cesareia, e conseqüentemente instigaram sua abordagem sobre suas personagens femininas que encontramos em *História das Guerras* e *História Secreta*. Dessa forma, pontuamos como sua posição mais abastada permitiu uma educação pautada nos modelos clássicos que lhes foram referência nos seus livros, contradizendo a escrita eclesiástica que predominava no século VI, todavia, a religiosidade tão nítida em seu contexto se faz presente em seus escritos, embora revestida pela herança clássica. Para além das suas influências, suas experiências foram fundamentais para seu trabalho, como demonstramos, por muitos anos atuou ao lado do general Belisário como conselheiro jurídico e assessor, uma posição que lhe permitiu um contato direto com o dirigente militar e seus familiares que o acompanharam durante as campanhas contra os Persas, Godos e Vândalos. Ademais, por estar presente na corte pode presenciar ou mesmo ouvir relatos sobre eventos que sucederam na Capital do Império os quais são incluídos em suas obras, como a Revolta de Nika e a Peste que assolou Constantinopla cerca de 10 anos após a eclosão do levante.

Também tratamos do contexto político no qual estava inserido, o governo do Imperador Justiniano, o qual muito do que sabemos advém das obras do próprio Procópio de Cesareia, seja sobre os detalhes das campanhas militares no Leste e o Oeste travadas pelo Imperador que ao seu pedido foram relatadas em *História das Guerras*, seja acerca do seu projeto construtor descritas e elogiadas no panegírico *Sobre os Edifícios*, além das duras críticas expostas *História Secreta* sobre seu reinado. Em seguida, para que pudéssemos discutir o que diz respeito as colocações de Procópio sobre as ações de Teodora e Antonina, expomos a situação em que as mulheres bizantinas no tardo-antigo estavam sujeitas, destacando as mudanças geradas com a introdução do Cristianismo, o papel da Virgem Maria nos parâmetros sociais e a vulnerabilidade e precariedade daqueles que se obstava das normativas, assim como, discorreremos sobre o desenvolvimento da autoridade imperial feminina na Antiguidade Tardia enquanto uma posição que acarreta funções e deveres próprios, um exercício de poder que conta com uma rede de apoiadores que também buscam atender aos seus interesses, assim, analisamos alguns casos em

¹JAMES, Liz. Goddess, Whore, Wife or Slave? Will the Real Byzantine Empress Please Stand Up? In: DUGGAN, Anne (Ed.). *Queens and Queenship in Medieval Europe*: Proceedings of a Conference Held at King's College London, April 1995. Woodbridge: The Boydell Press, 1997.

que a atuação da Imperatriz Teodora se sobressaiu na narrativa *procopiana*, bem como, sua parceria com Antonina que por sua vez ganha demasiado destaque nas campanhas militares.

Desse modo, no segundo capítulo, articulamos as principais ações de Teodora e Antonina presentes em *História das Guerras* e *História Secreta* destacando as similitudes e diferenças que as obras apresentam entre si. Primeiro, discutimos o passado das protagonistas proposto por Procópio em sua *inventio*, que lhe permitiu expressar todo o seu repúdio as camadas menos afortunadas envolvidas nos trabalhos gerados no entretenimento do Hipódromo e do teatro, além de ridicularizar e fragilizar a posição de Justiniano ao escolher Teodora como sua consorte, algo que pode ser observado no destaque dado a Imperatriz na Revolta de Nika, mas assim como em outros momentos relatados em *História Secreta* se sobressai a atuação imperial de Teodora, como também, com a corroboração de outras fontes pudemos averiguar a sagacidade da Imperatriz e a relação existente entre ela e Antonina.

Sobre a atuação de Antonina nas campanhas militares, debatemos seu papel enquanto assessora em *Guerra Vândala* e na *Guerra Gótica*, uma abordagem que muda drasticamente com os relatos do que seriam os bastidores das guerras presentes em *História Secreta*, no qual Procópio evidencia o incômodo que sentiu com a presença de Antonina nas campanhas, abrindo brecha para que expurgasse diversos boatos que circundavam os familiares do general Belisário. Por fim, analisamos a atuação em conjunto de Teodora e Antonina na queda de João da Capadócia presente em *Guerra Persa* na qual pudemos observar a capacidade e sagacidade de Antonina de maquinar e desenrolar todo o plano que desencadeou na derrocada do Prefeito do Pretório que representava uma ameaça a influência de Teodora sobre Justiniano.

No terceiro e último capítulo de nossa dissertação, examinamos a possível participação da Imperatriz Teodora e de Antonina na deposição do Papa Silvério. Dessa forma, nos debruçamos na *História Secreta* na busca de fontes que externassem essa posição ou que pelo menos nos direcionassem para esse feito. Assim, observamos as tensões teológicas que foram palco no sexto século e das quais o Imperador Justiniano atuou na tentativa de alcançar uma reconciliação entre os calcedônios e monofisitas, ademais, suscitamos a relevância da Imperatriz a causa dissidente, destacando sua atuação relatada nos escritos de João de Éfeso. Embora não pudemos chegar numa defesa incontestada de que a Imperatriz Teodora foi realmente a mandante da destituição do Papa Silvério, consideramos a possibilidade de que a abordagem de Procópio de Cesareia, que também consta no *Livro dos Pontífices*, possa indicar uma alternativa válida, uma vez que ambas as figuras imperiais ansiavam por uma reconciliação.

Diante disto, ao longo dessa dissertação salientamos a atuação dessas duas mulheres a partir das obras de Procópio e defendemos o protagonismo feminino numa rede majoritariamente masculina, inclusive, na própria perspectiva documental. Contudo, defendemos a possibilidade de elaborar hipóteses demonstrando que agentes sociais como a Imperatriz Teodora e uma mulher como Antonina atuaram também como forças políticas dentro do complexo cotidiano de um Império pulsante de intrigas, conflitos, alianças e traições. Mesmo após tantos séculos de silenciamento, ainda podemos de pouco a pouco dar voz as mulheres do passado mesmo que, infelizmente, a matriz para estes sons ocultos tenha em sua fundação as mãos masculinas.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAÇÃO

JONH MALALAS. *Chronicle*. Translated by Elizabeth Jeffreys, Michael Jeffreys and Roger Scott. Melbourne: Australian Association for Byzantine Studies, 1986.

JOHN OF EPHESUS. *Lives of the Eastern Saints*. E. W. Brooks, (Patrologia Orientalis), 1923.

PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras: Libros I-II, Guerra Persa*. Introducción, traducción y notas de Francisco Antonio García Romero. Madrid: Editorial Gredos, 2000.

PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras: Libros III-IV, Guerra Vándala*. Introducción, traducción y notas de José Antonio Flores Rubio. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras: Libros V-VI, Guerra Gótica*. Introducción, traducción y notas de José Antonio Flores Rubio. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras: Libros VII-VIII, Guerra Gótica*. Introducción, traducción y notas de Francisco Antonio García Romero. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. Introducción, traducción y notas de Juan Signes Codoñer. Madrid: Editorial Gredos, 2000.

PROCOPIO DE CESAREA. *Los Edificios*. Traducción, Introducción y notas de Miguel Periago Lorente. Estudios Orientales 7. Espanha: Universidad de Murcia, 2015.

PROCOPIUS. *History of the Wars: Book I and II. The Persian War*. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press, 2006. (Loeb Classical Library 48).

PROCOPIUS. *History of the Wars: Book III and IV. The Vandalic War*. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press, 2006. (Loeb Classical Library 81).

PROKOPIOS. *The Wars of Justinian*. Translated by H. B. Dewing, revised and modernized, with an introduction and notes, by Anthony Kaldellis. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 2014.

The Book of Pontiffs (*Liber Pontificalis*): The Ancient Biographies of First Ninety Roman Bishops to AD 715. Revised edition, translated with introduction and notes by Raymond Davis. Liverpool: Liverpool University Press, 2010.

ZACHARIAH OF MYTILENE. *The Chronicle of Pseudo-Zachariah Rhetor: The Church and War in Late Antiquity*. Translated by Geoffrey Greatrex, Robert R. Phenix and Cornelia Horn. Liverpool: Liverpool University Press, 2010. (Translated Texts for Historians volume 55)

BIBLIOGRAFIA

ANGOLD, Michel. *Bizâncio: a ponte da antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

ALCHERMES, Joseph D. Art and Architecture in the Age of Justinian. In: MAAS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BALARD, Michel. Bizâncio visto do Ocidente. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. v. 1. São Paulo: Edusc, 2002.

BALARD, Michel; DUCCELLIER, Alain. Bizâncio e o Ocidente. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. v. 1. São Paulo: Edusc, 2002.

BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. *Procópio e a apropriação do modelo tucidideano: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. *O logos da Guerra Pérsica: Uma análise da perspectiva histórica da obra de Procópio de Cesareia (VI.D.C.)*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BETANCOURT, Roland. *Byzantine Intersectionality: sexuality, gender, and race in the Middle Ages*. Princeton: Princeton University Press, 2020.

BOY, Renato Viana. *A Querela Iconoclasta: uma disputa em torno dos ícones no Império Bizantino; 726-843*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social

(PPGHIS), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BOY, Renato Viana. Constantinopla: poder e queda. *In*: SILVA, Paulo Duarte; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. (Orgs.). *Ensaio de História Medieval: temas que se renovam*. Curitiba: CRV, 2019.

BOY, Renato Viana. *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: da “Queda de Roma” ao período de Justiniano*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BROWN, Peter. Antiguidade tardia. *In*: VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada I: do Império Romano ao ano mil*. Coleção dirigida por Philippe Ariès e Georges Duby. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

BROWN, Peter. *O Fim do Mundo Clássico: de Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. London: Duckworth, 1996.

CAMERON, Averil. *The Mediterranean World in Late Antiquity AD 395-600*. London/New York: Routledge, 1993

CESARETTI, Paolo. *Theodora: Empress of Byzantium*. New York: Magowan Publishing LLC, 2004.

CONNOR, Carolyn L. *Women of Byzantium*. Yale: Yale University Press, 2004.

EVANS, James Allan. *The Age of Justinian: The Circumstance of Imperial Power*. London/New York: Taylor & Francis e-library, 2001.

EVANS, James Allan. *The Empress Theodora: partner of Justinian*. Austin: University of Texas Press, 2002.

EVANS, James Allan. *The Emperor Justinian and the Byzantine Empire*. Wesport/London: Greenwood Press, 2005.

EVANS, James Allan. *The Power Game in Byzantium: Antonina and the Empress Theodora*. London/New York: Continuum, 2011.

FÈVRE, Francis. *Teodora, a imperatriz de Bizâncio*. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

- FISHER, Elizabeth A. Theodora and Antonina in the *Historia Arcana*: History and/or Fiction? *Arethusa*, Spring and Fall 1978, v. 11, n. 1/2, Women in the Ancient World (Spring and Fall 1978), pp. 253-279. Published by: The Johns Hopkins University Press.
- FLORES RUBIO, José Antonio. Introducción. In: PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*: Livros III-IV, Guerra Vándala. Introducción, traducción y notas de José Antonio Flores Rubio. Madrid: Editorial Gredos, 2006.
- FOSS, Clive. The Empress Theodora. *Byzantion*, v. 72, n. 1, p. 141-176, 2002.
- GARCÍA ROMERO, Francisco Antonio. Introducción. In: PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las Guerras*. Guerra Persas, Libros I-II. Introducción, traducción y notas de Francisco Antonio García Romero. Madrid: Editorial Gredos, 2000.
- GARLAND, Lynda. *Byzantine Empresses: Women and Power in Byzantium, AD 527–1204*. London/New York: Routledge, 1999.
- HARVEY, Susan A. *Asceticism and Society in Crisis: John of Ephesus and The Lives of the Eastern Saints*. Berkeley: University of California Press, 1990.
- HARVEY, Susan A. Theodora the ‘Believing Queen’: A Study in Syriac Historiographical Tradition, *Hugoye: Journal of Syriac Studies*, v. 4, n. 2, p. 209-234, 2001.
- HERRIN, Judith. *Unrivalled influence: Women and Empire in Byzantium*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2013.
- HUMFRESS, Caroline. Law and Legal Practice in the Age of Justinian. In: MAAS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- JAMES, Liz. Goddess, Whore, Wife or Slave? Will the Real Byzantine Empress Please Stand Up? In: DUGGAN, Anne (Ed.). *Queens and Queenship in Medieval Europe: Proceedings of a Conference Held at King’s College London, April 1995*. Woodbridge: The Boydell Press, 1997.
- JESÚS SANZ, Maria. El ornamento en los mosaicos de Justiniano y Teodora en San Vital de Ravena. *Erytheia*, v. 11, n. 12, p. 175-207, 1990-1991.
- JEDIN, Hubert. *ConcÍlios Ecuménicos: história e doutrina*. Tradução de Nicolas Bóer. São Paulo: Editora Herder, 1961.

- KALDELLIS, Anthony. Notes. In: PROKOPIOS. *The Wars of Justinian*. translated by H.B. Dewing, revised and modernized, with an introduction and notes, by Anthony Kaldellis. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 2014.
- KALDELLIS, Anthony. *The secret history: with related texts*. Edited and Translated, with an Introduction, by Anthony Kaldellis. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2010.
- KAZHDAN, Alexander P. (Ed.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- KOCKA, Jürgen. Comparison and Beyond. *History and Theory*, Middletown, n. 42, p. 39-44. 2003. [tradução de Maria Elisa Bustamante]
- LASALA NAVARRO, Isabel. Imagen pública y política de la emperatriz Teodora. Un estudio a partir de la obra de Procopio de Cesarea. In: *Revista Gerión*, v. 31, p. 363-383, 2013.
- LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. Tradução de Marilene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Universidade Hoje).
- MAAS, Michael. Roman Questions, Byzantine Answers contours of the age of Justinian. In: MAAS, Michael (Ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- MAIER, Franz Georg. *Bizâncio*. Vol. 13. México: Siglo Veinteuno, 1986. (Historia Universal Siglo Veinteuno)
- MAIER, Franz Georg. *Las transformaciones del mundo mediterráneo, siglos III-VIII*. Vol. 9. México: Siglo Veinteuno, 1986. (Historia Universal Siglo Veinteuno)
- MAMEDES, Kelly Cristina da Costa Bezerra de Menezes. *Guerras Secretas: Conflitos e Negociações na Corte do Imperador Justiniano*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Geografia, História e Documentação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.
- MAMEDES, Kelly Cristina da Costa Bezerra de Menezes. *Teodora: A face do poder feminino na Corte de Justiniano*. Trabalho de conclusão de curso – Departamento de História, Universidade de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.
- MARCOS SÁNCHEZ, Maria. Representaciones visuales del poder en época tardoantigua: la imagen de la emperatriz. *Hispania Sacra*, v. 48, n. 98, p. 513-540, 1996.

- MCCLANAN, Anne. The Patronage of the Empress Theodora and Her Contemporaries. *In: Representations of Early Byzantine Empresses: Image and Empire*. New York: Palgrave Macmillan, 2002.
- NEIL, Bronwen. An Introduction to Questions of Gender in Byzantium. *In: NEIL, Bronwen; GARLAN, Lynda (Eds.). Questions of gender in Byzantine Society*. New York: Routledge, 2016.
- PARNELL, David Alan. *Belisarius & Antonina: Love and War in the Age of Justinian*. New York: Oxford University Press, 2023.
- PARNELL, David Alan. *Justinian's Men Careers and Relationships of Byzantine Army Officers, 518–610*. London: Palgrave Macmillan, 2017.
- PAZDERNIK, Charles. Justinianic Ideology and the Power of the Past. *In: MASS, Michael (Ed.). The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- PAZDERNIK, Charles. “Our Most Pious Consort Given Us by God”: Dissident Reactions to the Partnership of Justinian and Theodora, A.D. 525–548. *Classical Antiquity*, v. 13, n. 2, p. 256-281, 1994.
- PERIAGO LORENTE, Miguel. Introducción. *In: PROCOPIO DE CESAREA. Los Edificios*. Traducción, Introducción y notas de Miguel Periago Lorente. Estudios Orientales 7. Espanha: Universidad de Murcia, 2015.
- POTTER, David. *Theodora: Actress, Empress, Saint*. New York: Oxford University Press, 2015.
- RUNCIMAN, Steven. *A Civilização Bizantina*. Tradução de Waltensir Dutra. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. Os Verdes e Azuis na História Secreta de Procópio. *Plêthos*, v. 2, p. 75-96, 2012.
- SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *In SCOTT, Joan Wallach. Gender and Politics of History*. New York: Columbia University Press, p. 28-50. 1999 [Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila]

- SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- SCOTT, Joan Wallach. Os usos de abusos do Gênero. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 45, p. 327-351, 2012. [Tradução Ana Carolina E. C. Soares]
- SENKO, Elaine Cristina. Anna Comnena (1083-1153) e os aspectos da concepção bizantina de História: o diálogo com os clássicos da Antiguidade. *Revista Semina*, v. 11, n. 01, 2012.
- SIGNES CODOÑER, Juan. Introducción. In: PROCOPIO DE CESAREA. *Historia Secreta*. Introducción, traducción y notas de Juan Signes Codoñer. Madrid: Editorial Gredos, 2000.
- SOUSA, Stephanie Martins de. *Guerra e Autoridade em Procópio de Cesareia: um estudo comparado dos líderes político-militares na História das Guerras*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.
- SPOLADOR, Amanda Martins. *A anti-imagem da imperatriz: Análise sobre Teodora na História Secreta (ou Anékdota), de Procópio de Cesareia- Século VI*. Monografia de conclusão de curso – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- STEWART, Michael Edward. *Masculinity, Identity, and Power Politics in the Age of Justinian: A Study of Procopius*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020.
- TALBOT, Alice-Mary. A mulher. In: CAVALLO, Guglielmo. (Org.). *Homem Bizantino*. Tradução Maria Bragança. Portugal: Editorial Presença, 1998.
- TREADGOLD, Warren. *The Early Byzantine Historians*. London: Palgrave Macmillan, 2007.
- UNTERWEGER, Ulrike. The Image of the Empress Theodora as Patron. In: THEIS, Lioba; MULLETT, Margaret; GRÜNBART, Michael (Eds.). *Female Founders in Byzantium and beyond*. Poland: Böhlau Verlag Wien, 2012.
- VILLON, Victor Ribeiro. *A história em desconcerto: as anékdota de Procópio de Cesareia e a antiguidade tardia*. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- WAINWRIGHT, Lauren Ann. *Portraits of Power: The Representations of Imperial Women in the Byzantine Empire*. Birmingham: University of Birmingham, 2018.
- WHITBY, Michael. The greatness of Procopius. In: LILLINGTON-MARTIN, Christopher; TURQUOIS, Elodie (Eds.). *Procopius of Caesarea: Literary and Historical Interpretations*. London/New York: Routledge, 2018.

ANEXOS

Localizações Geográficas

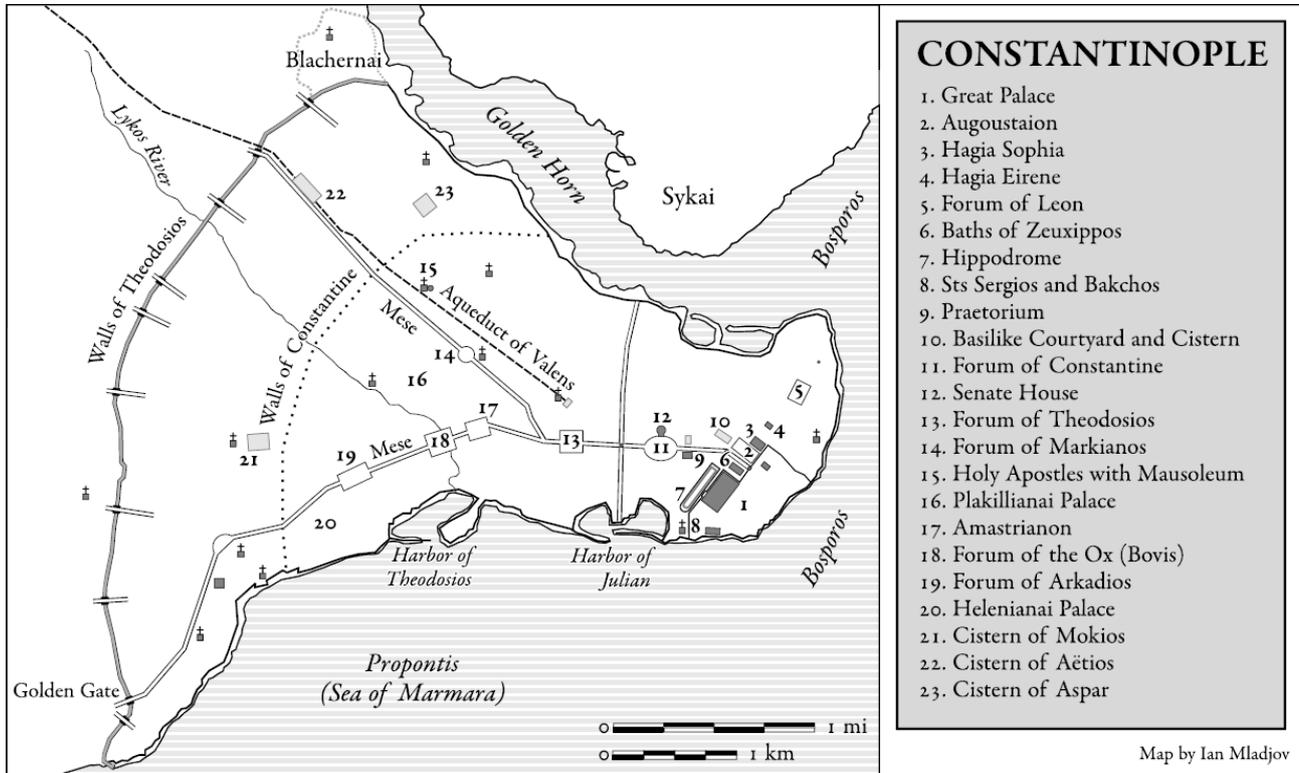


Figura 1: Constantinopla. MLADJOV *apud* KALDELLIS, 2014, *op. cit.*, p. XIX.



Figura 2: África Romana. Cartago (*Carthage*), Décimo (*Decimum*) e Tricamaro (*Tricamarum*). MLADJOV *apud* KALDELLIS, 2014, *op. cit.*, p. XXIX.



Figura 3: Sul da Grécia. Methoni (*Methone*) e Zante (*Zakynthos*). MLADJOV *apud* KALDELLIS, 2014, *op. cit.*, p. XXII.



Figura 4: Sul da Itália. Nápoles (*Naples*), Terracina, Siracusa (*Syracuse*). MLADJOV *apud* KALDELLIS, 2014, *op. cit.*, p. XXXII.

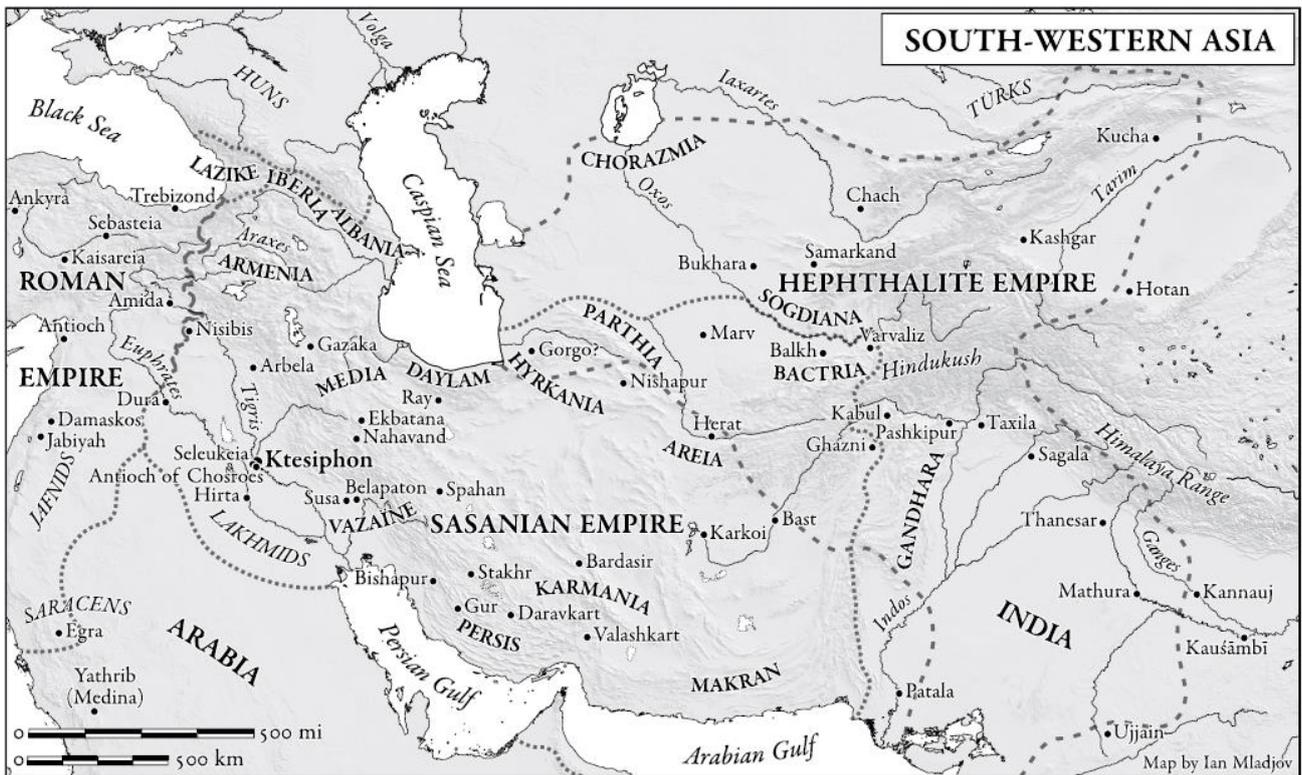


Figura 5: Sudoeste da Ásia. Cesareia (*Kaisareia*) e Ctesifonte (*Ktesiphon*). MLADJOV *apud* KALDELLIS, 2014, *op. cit.*, p. XXV.

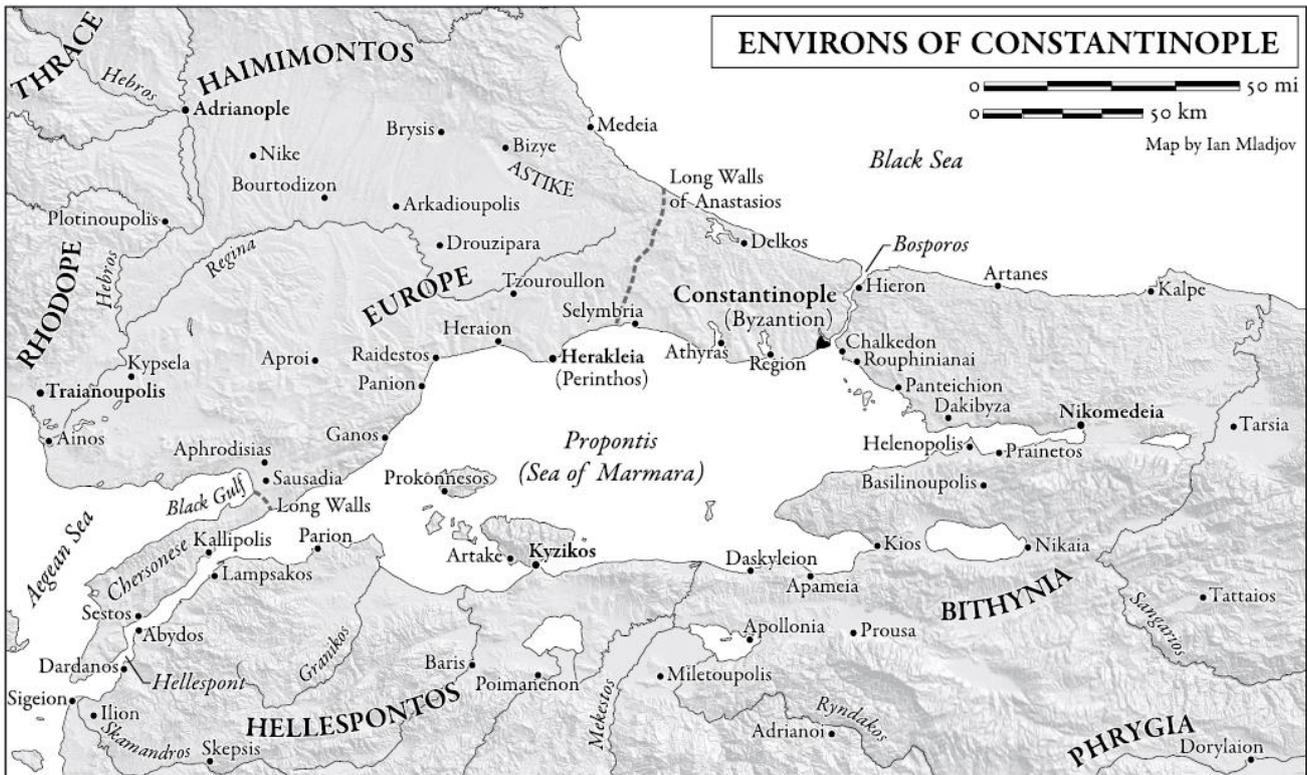


Figura 6: Arredores de Constantinopla. Rufiniana (*Rouphinianai*) e Cízico (*Kyzikos*). MLADJOV *apud* KALDELLIS, 2014, *op. cit.*, p. XX.



Figura 7: Mediterrâneo Oriental. Cílicia (*Kilikia*) e Apameia. MLADJOV *apud* KALDELLIS, 2014, *op. cit.*, p. XXVIII.

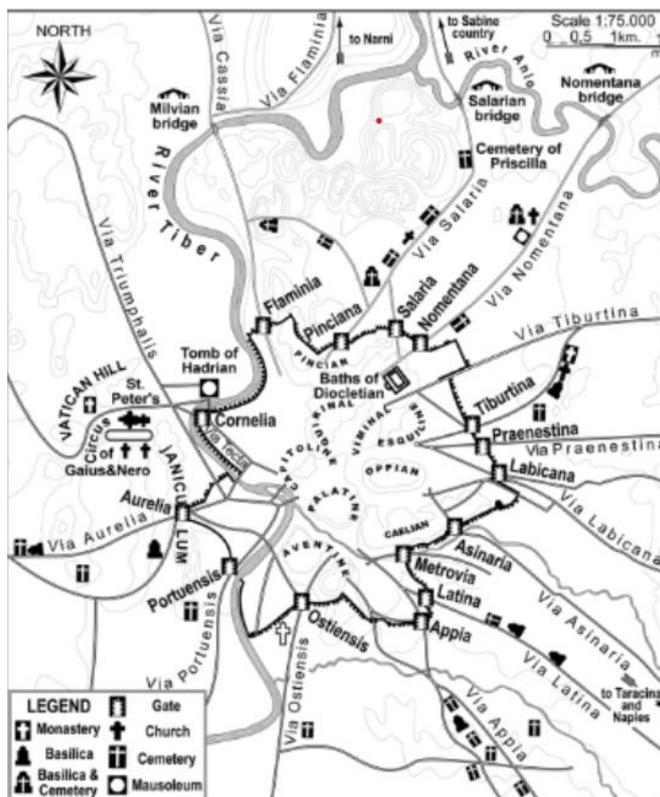


Figura 8: Roma no século VI. Via Latina e Porta Asinária. LILLINGTON-MARTIN *apud* PARNELL, 2014, *op. cit.*, p. XXVIII.

Genealogia

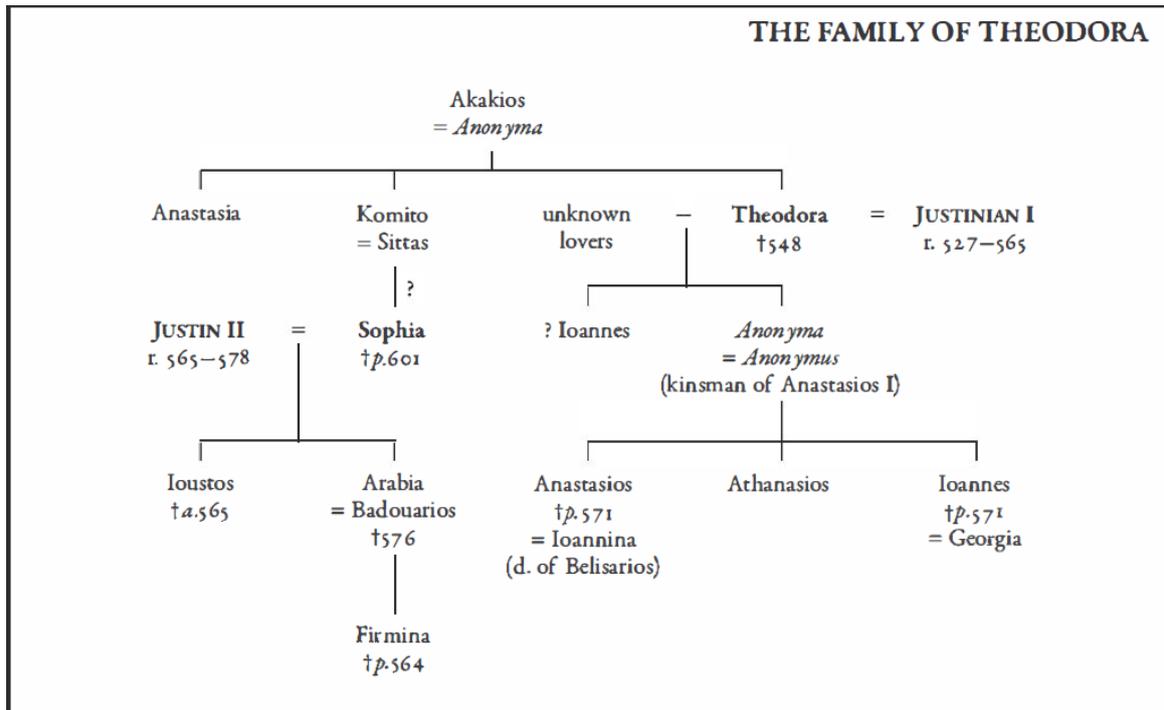


Figura 1: A família de Teodora. KALDELLIS, 2010, *op. cit.*, p. LXVII.

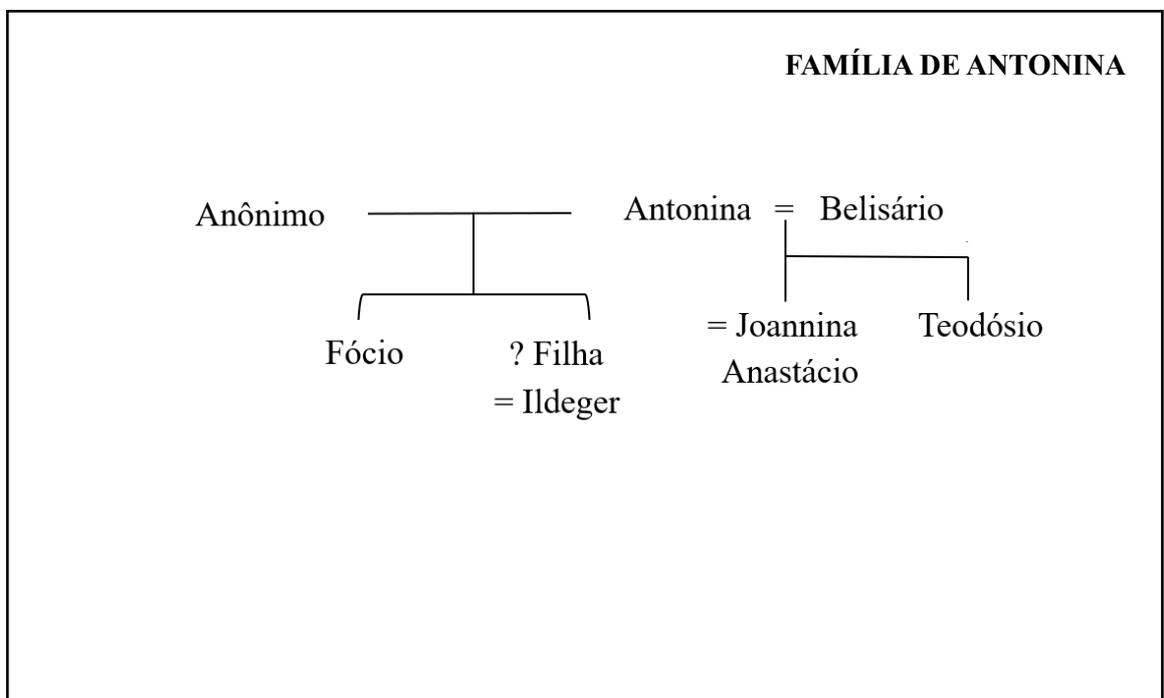


Figura 2: A família de Antonina.

Iconografia



IMAGEM 1 – Mosaico da Imperatriz Teodora, ao seu lado, possivelmente, Antonina seguida por sua filha Joannina. Disponível em: < <https://imperiobizantino.com.br/2012/06/20/mais-belos-mosaicos-bizantinos-i-ospaineis-da-igreja-de-sao-vital-em-ravena/> >. Acesso em 02 jan. 2020.